

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO
SUL
PUCRS

RICARDO NIENOV

**ONDE ESTÁ O ESPÍRITO DO SENHOR ALI REINA A
LIBERDADE**

Fundamentação pneumatológica e trinitária da liberdade
em Jürgen Moltmann

Trabalho de Pesquisa, na área de
concentração em Teologia
Sistemática, na linha de pesquisa
“Teologia e Pensamento
Contemporâneo” do Programa de
Pós-Graduação da Faculdade de
Teologia, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Prof: Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre
2014

RICARDO NIENOV

**ONDE ESTÁ O ESPÍRITO DO SENHOR ALI REINA A
LIBERDADE**

Fundamentação pneumatológica e trinitária da liberdade
em Jürgen Moltmann

Trabalho de Pesquisa, na área de
concentração em Teologia
Sistemática, na linha de pesquisa
“Teologia e Pensamento
Contemporâneo” do Programa de
Pós-Graduação da Faculdade de
Teologia, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Prof: Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre
2014

Ricardo Nienov

“ONDE ESTÁ O ESPÍRITO DO SENHOR ALI REINA A LIBERDADE: Fundamentação pneumatológica e trinitária da liberdade em Jürgen Moltmann.”

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 27 de março de 2014, pela Banca Examinadora.

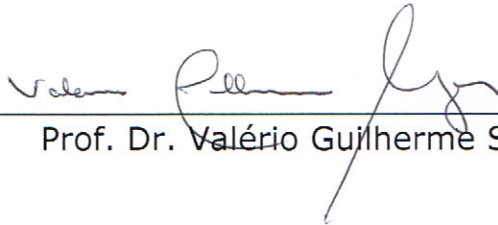
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Luiz Carlos Susin
(Orientador)



Prof. Dr. Érico João Hammes



Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper

Resumo

Neste trabalho de pesquisa, o tema a ser abordado é a liberdade. Ela será contemplada sob diferentes aspectos, desde a visão na sociedade, em diferentes períodos da história, passando pela dimensão bíblica, para desembocar na compreensão cristã. Esta última é o grande interesse desse desenvolvimento, pois é ela a verdadeira e autêntica liberdade humana. A libertação do ser humano só é possível e plena mediante a perspectiva cristã, para tanto é preciso olhar com carinho para a pessoa de Jesus, a maior referência de liberdade para os homens e mulheres. Ele torna-se modelo no instante que se deixa conduzir pelo Espírito de Deus, isto é, o Espírito Santo. Contemplamos vários autores, mas a centralidade toda está no teólogo Jürgen Moltmann, o qual tem uma teologia profundamente imbuída do espírito, principalmente no livro *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Nesta obra ele ressalta a vitalidade que o espírito gera na pessoa, tornando-a capaz de viver a sua liberdade, deixando de ser escrava e fazendo-a livre em toda sua plenitude. As três liberdades citadas e compreendidas por Moltmann, ele as define como: liberdade de domínio, comunhão e de futuro. A primeira, segundo ele, própria do mundo burguês; a segunda na construção de uma sociedade fraterna, na qual todos são irmãos e como tal uns vivem para com os outros. Todavia, a plenitude existe, segundo o autor, no futuro, aonde se reserva a verdadeira libertação humana, esta no Reino dos Céus, em que a humanidade vivencia o que o Jesus também viveu em si mesmo, ou seja, a experiência da ressurreição, vitória definitiva do bem sobre o mal, da vida sobre a morte. Tudo isto como obra do Espírito Santo, o espírito de Deus, o qual faz a humanidade viver para a liberdade e não mais a escravidão, pois como diz em Gálatas 5,1: “foi para a liberdade que Cristo nos libertou”, ou como nos sugere o título deste trabalho, a partir da Carta de Paulo aos Coríntios: “onde está o Espírito do Senhor, ali reina a liberdade”.

Palavras-chave: liberdade, escravidão, espírito, Moltmann, Reino de Deus, irmãos

Abstract

In this research paper, the theme to be approached is freedom. It will be covered in different aspects, since the view in the society, in different history times, passing by biblical dimension, to culminate in Christian understanding. This last one is the great interest from this development, because it is the truth and authentic human freedom. The release of the human being is only possible and complete through the Christian perspective, for both it is necessary to look with affection to the person Jesus, the greatest reference of freedom to men and women. He becomes a model in the moment that He lets to be guided by the Spirit of God, i.e., the Holy Ghost. We contemplated many authors, but the centrality is in theologian Jürgen Moltmann, that has a theology deeply imbued in the spirit, mainly in the book "The Life's Spirit: a full pneumatology (O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral). In this work he highlights the vitality that the spirit brings to the person, becoming him or her able to live his or her freedom, letting to be a slave and making him or her free in all its fullness. The three freedoms quoted and understood by Moltmann are defined as: free domain, communion and future. The first one, according to him, own from the bourgeois world; the second one in the construction of a fraternal society, in which we are all siblings and as such a living for others. However, the fullness exists, according to the author, in the future, where we book the real human freedom, it is the Sky Kingdom, in which the humanity lives what Jesus lived, in other words, the resurrection experience, the definite victory from good above evil, from life to death. All of this as a work from the Holy Ghost, the spirit of God, that makes the humanity live to freedom and not more to slavery, as stated in Gálagas 5,1: "it was for freedom that Christ set us free", or as suggested in this work title, from Letter of Paul to the Corinthians: "where the Spirit of God is, there reigns freedom."

Key-words: freedom, slavery, spirit, Moltmann, Kingdom of God, siblings.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 RELEVÂNCIA DA LIBERDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	10
1.1 LIBERDADE NA MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE.....	10
1.2 O QUE É LIBERDADE? UMA BUSCA DE APROFUNDAMENTO.....	19
1.3 DEUS OU LIBERDADE?.....	27
2 TRADIÇÃO BIBLÍCA DA LIBERDADE.....	36
2.1 ATO DE LIBERTAÇÃO FUNDANTE NO ÊXODO.....	36
2.2 RECORDAÇÃO DA LIBERTAÇÃO DE DEUS.....	42
2.3 LIBERTAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO.....	44
2.3.1 Jesus, caminho de libertação.....	49
2.3.2 Libertação para a Nova criação: liberdade segundo o espírito e não mais segundo a carne.....	60
3 A LIBERDADE CRISTÃ COMO SERVIÇO À LIBERDADE HUMANA.....	68
3.1 A LIBERDADE DE COMUNHÃO.....	68
3.2 IGREJA E SUA MISSÃO DIANTE DO ESPÍRITO.....	74
3.3 LIBERDADE COMO FUTURO.....	81
3.4 VIVER PARA A LIBERDADE.....	92
CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS.....	107

INTRODUÇÃO

Diante de uma das maiores qualidades e características do ser humano, o ser livre, este trabalho se propõe a analisar o aspecto em questão nas suas diferentes compreensões na história da humanidade.

Desde as suas origens, o homem buscou a sua liberdade por completo, não aceitando nenhuma realidade que impedisse a plenitude desta qualidade. A grande motivação para analisar a questão da liberdade, está no fato de que esse é o imperativo do mundo moderno: sede livres. Contudo, o que significa isso? O que se entende por liberdade?

De forma geral, será abordado o assunto, que perpassa toda a história, a começar pelos gregos e chegando até os dias atuais. Nesse período histórico, muitos pensadores se interessaram por esse tema e buscaram soluções para uma melhor compreensão da referida temática. Entretanto, a partir do interesse principal do trabalho, o presente trabalho será focado numa perspectiva cristã, tendo esta como a verdadeira e autêntica liberdade.

Para tanto, o autor base de nossa reflexão é o teólogo Jürgen Moltmann. Ele aborda essa problemática tendo como fundamento o Espírito de Deus, ou seja, o Espírito Santo. Portanto, a reflexão se desenvolverá na ótica da Pneumatologia, sendo ela encarada como caminho à verdadeira libertação de cada ser humano.

Este assunto torna-se pertinente, no instante em que se percebe o quanto a sociedade pós-moderna coloca na liberdade plena do ser humano, todo o sentido de sua vida e de sua história. Ser livre e incessantemente lutar por esta causa, tornou-se “bandeira” de luta para os dias hodiernos. Moltmann irá nos ajudar a entender que pode haver uma profunda confusão e má compreensão desta temática, sendo que a liberdade exagerada não liberta o homem e a mulher, mas os escraviza cada vez mais.

No mundo contemporâneo existe uma grandiosa sensibilidade por esse assunto, pois a liberdade está colocada como centro de toda a vida humana. Como, contudo, fazer que haja uma conciliação entre aquilo que a contemporaneidade procura e da forma como tenta exercê-la? Portanto, busca-se uma conjunção de um grave problema que existe e é visível, ou seja, não há clareza do que de fato é a liberdade.

Um dos pontos centrais dessa pesquisa é mostrar as variadas definições que se alcançaram no decorrer do tempo. Estas diferenças nos embasam na busca de uma autenticidade no que diz respeito ao ser livre. Viver sob o prisma da libertação é estar liberto das amarras, paixões e escravidões que o mundo nos proporciona pelas suas opções.

Estar e viver na dinâmica estritamente humana, de forma inevitável arrasta a pessoa de sua dignidade de ser livre para uma condição de escravos. Por isso, busca-se em Moltmann, a partir de definições bíblicas, muito especialmente Paulo, a fonte e a fundamentação primeira de liberdade, a qual se encontra na vivência intensa e plena do Espírito de Deus.

Em vista de uma melhor compreensão e acompanhamento histórico do referido tema, o presente trabalho será dividido em três capítulos, cada um com sua particularidade. Em todos eles a pesquisa está sedimentada no mesmo assunto: liberdade; mas tendo sempre como pano de fundo um aspecto diferenciado e outra perspectiva.

No primeiro capítulo, o estudo feito traz presente a ideia original de liberdade. De que forma ela é entendida na sociedade? Para isso, o olhar se volta à modernidade e a pós-modernidade. Porém, se busca na originalidade grega a definição mais elementar sobre a temática, e de como foi sendo definida até a atualidade. Passando pelos gregos, chegando à Filosofia e compreendendo a idade moderna, fica evidente que a liberdade é colocada como o oposto à escravidão.

Só é livre nessa ótica quem não está atrelado a nada que o impeça e o condicione. Tão somente o ser humano: seus gostos, suas vontades e projetos são determinantes para definir a sua real e autêntica libertação. Nesta visão torna-se incompreensível o ser livre caso esteja atrelado ou condicionado à alguma ordem externa a ele.

Em nome de uma desmesurada libertação que por ora chama-se de libertinagem, pois desfigura e desvirtua o seu real sentido, tudo passa pelo individualismo. A partir dele surge um profundo relativismo, já que as orientações externas ao homem são “desprezadas” e destituídas de um real valor, perante o indivíduo autônomo e “senhor” de sua história.

Portanto, nesta primeira parte do trabalho, a liberdade será analisada e, muitas vezes, definida como oposição à condição “escrava”, ou seja, o *eu* é

sobressaltado e posto numa perspectiva de determinante. O ser em si mesmo é quem determina a sua história, seus valores e o sentido de sua existência.

Dando continuidade ao tema da liberdade, vai-se buscar nas fontes bíblicas, como o povo de Deus experimentou a sua libertação. Da escravidão instaurada pelas forças poderosas e guerreiras no Egito, os hebreus experimentaram a aniquilação da dignidade, pois lhes foi extorquida esta condição perante o domínio e poder egípcio.

A caminhada bíblica será contemplada desde o Antigo Testamento, no qual percebe-se que o povo faz uma experiência de Deus como *Senhor*, mas numa conotação diferenciada. Há o contraponto entre o poder do faraó e o poder divino. Ambos são senhores, mas o objetivo de sua ação é oposta. O primeiro domina para subjugar; o outro impera para libertar.

Este sentimento de libertação perpassa a história do povo na Bíblia. Culmina com a teologia paulina, na qual Paulo faz uma leitura da real liberdade trazida ao ser humano por Jesus, *O libertador*. Nele, a humanidade encontra a grande referência para a sua verdadeira libertação. Na teologia paulina, o espírito, que animou a vida de Jesus, será a fonte da plena liberdade humana, a qual também é chamada de liberdade cristã.

Por fim, no último capítulo, será abordado o aspecto da liberdade cristã em si mesma. Ela é compreendida, sobretudo, a partir de Moltmann. O autor entende que a plenitude da liberdade cristã não está no domínio, no poder que o mundo burguês defende e busca, mas está na comunhão e, acima de tudo, no futuro. É no mundo da glória que está depositada a verdadeira libertação da humanidade.

Assim sendo, no referido trabalho, abordaremos a liberdade autêntica que nasce de Deus e, portanto, cristã. São dois os pólos mencionados por Moltmann, isto é, o êxodo e a ressurreição, os quais revelam o poder divino, ou seja, um poder que está posto numa perspectiva libertadora e não no domínio que aniquila a existência humana.

Portanto, há de se averiguar nessa pesquisa e compreender por ela, como é possível entender que “onde está o espírito do Senhor, ali reina a liberdade”, pois tão somente, nesta perspectiva há de alcançar o almejado e tão sonhado desejo de toda a humanidade, isto é, ser livre.

1 RELEVÂNCIA DA LIBERDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Ser livre, eis o grande desejo da humanidade desde os mais remotos tempos, mas muito especialmente na modernidade. Porém, na mesma intensidade com que se busca esse ideal, há uma confusão com a real compreensão desse tema, pois a atualidade, no seu profundo ensejo de conseguir tal feito, o ser livre por inteiro, gerou uma deturpação do verdadeiro sentido do que é ser livre.

A presente investigação busca se aproximar dessa temática tão atual mediante a busca da compreensão da sua relevância para o mundo contemporâneo. O questionamento *Quanto vale à modernidade ser livre?* será visto sob diferentes perspectivas, priorizando a definição do que é liberdade.

1.1 LIBERDADE NA MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

O mundo, que passou por inúmeras transformações durante o seu percurso histórico, com certeza, teve o ápice de suas mudanças a partir da modernidade. Ela é compreendida dentro do período histórico que data do fim do século XV, no qual inúmeras buscas, inovações, modificações são almeçadas pela humanidade.

A grande mudança trazida por esse período foi a centralidade do indivíduo. Não temos mais a sociedade holística ou grupal, mas sim o indivíduo, e a sociedade como grupo a serviço do individualismo, como aponta José Comblin: “Nos últimos 500 anos passamos pouco a pouco de uma sociedade de tipo ‘holístico’ para uma sociedade de tipo ‘individualista’”¹ Há uma falha de coesão entre a sua escrita e a citação utilizada. Em verde, está uma sugestão. Passamos a ter uma sociedade centrada na vontade, nos desejos e gostos do indivíduo. Se até então todos se adaptavam à sociedade e à tradição, de agora em diante, todos irão se adaptar a cada ser humano.

Essa mudança desfaz as relações tradicionais entre os seres humanos. A promoção humana, o grande desejo do ideal da liberdade, está atrelada à promoção de cada indivíduo por si próprio. Não há mais uma

¹ COMBLIN, José, *Vocação para a Liberdade*, p. 141.

promoção da dignidade do grupo, da comunidade ou da sociedade, uma vez que a individualidade será superior a toda e qualquer instituição externa ou tradicional.

As relações tornam-se não mais humanas, de uns para com os outros, mas do humano com o mundo e o material. “Na sociedade individualista, a prioridade é dada à relação pessoa-matéria ou mundo”.² Esta compreensão de indivíduo cria o que comumente “se chama” de progresso, pois tudo está colocado a serviço do ser humano, e nenhuma realidade pode impedir a sua plena ação e realização.

É consenso, nas diferentes reflexões, de que esse projeto moderno trouxe à humanidade inúmeros avanços e possibilidades, derrubou muitas necessidades e criou caminhos possíveis de desenvolvimento e progresso humano. Ideias e princípios obsoletos foram tragados pela modernidade, porém, não se pode absolutizá-la, pois também surgiram novas servidões desse e nesse mundo moderno.

Liberdade, dentro dessa dinâmica, é ter poder sobre tudo. Nada tem força suficiente para gerar medo no ser humano. Ele é um legítimo vencedor, o que vem ao encontro da proclamação famosa de Nietzsche, ou seja, a proclamação do super-homem. Esse sujeito será possível mediante a exclusão de todos os aspectos transcendentais, seja Deus ou qualquer outro ente que esteja fora do mundo real e palpável.

Surge um novo ser humano. Um homem baseado e construído sobre os pilares da coragem, da inovação, da vontade pessoal e da aventura. O temor deu espaço à ousadia; a tradição, ao relativo; o coletivo, ao individualismo.

Depois da modernidade, as pessoas perderam o medo do mundo material e não acreditam mais nos entes espirituais que o governam. Andam pelo mundo como conquistadores e dominadores, e não como membros fracos da natureza que suplicam para serem aceitos³.

² COMBLIN, José, *Vocação para a Liberdade*, p.144.

³ COMBLIN, José, *Vocação para a Liberdade*, p.146.

Temos, de fato, um novo ser humano, uma nova humanidade, pelo menos para aqueles que forem ou são capazes de ingressar nesse projeto moderno. Se antes eram conduzidos, orientados e formados pela tradição, agora serão “senhores” e “dominadores” de toda a situação. O indivíduo será o parâmetro de toda a realidade. Além disso, ele é concebido como idealizador de uma ordem sempre mais ao seu serviço e da própria dignidade.

Entretanto, vai crescendo a convicção de que o gênero humano não só pode e deve aumentar cada vez mais o seu domínio sobre as coisas criadas, mas ainda, que lhe compete estabelecer uma ordem política, social e econômica, que o sirva cada vez melhor e ajude indivíduos e grupos a afirmar e desenvolver a própria dignidade. (Gaudium et Spes, nº09)

A priori, tem-se uma considerável inovação, pois a sociedade e os indivíduos são chamados a criar caminhos que possam dignificar toda a humanidade. A grande interrogação que emerge desse projeto é o quanto todos têm, de fato, acesso a todas as possibilidades oferecidas pela modernidade, a fim de terem uma vida verdadeiramente digna.

A maior inovação ou libertação que atingiu o ser humano nessa campanha pela liberdade total foi a capacidade de pensar, ou seja, ser livre pensador. A razão foi sendo colocada no mundo moderno como a grande “chave” de emancipação do homem em relação à ordem natural e às coisas criadas.

É famosa a expressão do filósofo alemão Immanuel Kant, que dizia: “tenha a ousadia de saber”. Se o ser humano, num mundo tradicional, marcado pela imposição, pela coletividade, pelo anonimato de muitos seres, chegou ao espírito em que ninguém mais pode ter o medo de pensar, mesmo que isso acarrete críticas, divisões, perturbações à ordem imposta pela sociedade.

Kant nos traz uma novidade que por si só é amplamente aceitável, isto é, seja você mesmo. O ser livre, sobretudo, deve ter a capacidade de ser ele próprio, não vivendo apenas sob a custódia de outros indivíduos, mas tendo a capacidade de *per si* tomar atitudes e decisões.

O que esse novo mundo traz é a oportunidade de descobrir, que é, segundo estudiosos, a grande alegria do ser humano, pois se percebe capaz de agir por si só. “É no descobrimento que a pessoa desvenda, antes de

qualquer outro, que é um ser capaz de agir por si próprio, e não somente como portador de uma energia coletiva”.⁴ Ser ele próprio, ter suas ideias, suas colaborações no desenvolvimento e progresso do mundo, eis um grande alento que a modernidade trouxe ao ser humano.

Esta é, sem dúvida alguma, uma profunda experiência de liberdade, na qual a pessoa descobre o quanto ela pode ser útil na transformação do contexto em que vive. A sua ação, seu pensamento e sua atitude, sem depender de outros ou sem ser manipulado por alguém, podem contribuir para a mudança do cosmos e do universo.

Outra liberdade dentro da modernidade é a econômica. Busca-se algo que permita às pessoas serem livres a partir das possibilidades ligadas à economia. O mundo moderno colocou a natureza ao dispor do ser humano, fazendo com que ele usasse e usufrísse dela. Isto é chamado de progresso. A ciência e a tecnologia tornaram-se os seus grandes aliados nessa “empreitada” em vista do domínio total da obra criada.

No mundo do individualismo, a experiência torna-se fundamental. A experiência pessoal é determinante. É preciso, entretanto, considerá-la segundo o prisma dessa nova sociedade: “Como experiência passa-se agora a considerar unicamente a prática recordada”.⁵ Aquilo que o ser humano faz, no intuito de dominar a natureza, torna-se uma assim denominada experiência. Dessa forma, “O conceito de experiência é reduzido ao domínio da natureza em benefício da vida humana”.⁶ Para isto, estabelece-se com toda a força o sistema capitalista, como aurora da libertação humana de todo e qualquer jugo opressor.

Esse sistema prometeu ao gênero humano uma libertação plena, ou pelo menos o caminho para tal feito. A burguesia foi o grupo que assumiu esse ideal e, como tal, considerava-se a portadora da verdadeira liberdade. Porém, até que ponto isso significa para o homem ser livre? “Ora, quando se fez a propaganda do ‘mundo livre’ diante do mundo socialista, a liberdade de que se

⁴ COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*, p. 150.

⁵ MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 40.

⁶ MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 40.

⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*, p.165.

falava era a do sistema, a liberdade do capitalismo, que não coincide necessariamente com a liberdade do gênero humano”⁷.

Há uma confusão na determinação do termo *liberdade*, pois ele se torna reducionista nesta compreensão, já que é apenas uma mudança de sistema, e não algo fundamental para a essência humana. Essa experiência de dominação da natureza por parte do homem pode não ser uma liberdade verdadeira, mas na ideia moderna de homem livre, como aquele que se liberta das amarras da natureza, podemos assim considerá-lo.

Sob esta visão, a natureza simplesmente tornou-se serva do homem⁸. Perdeu sua identidade e autonomia, em vista de um progresso desmedido. A exacerbação do individualismo na dimensão econômica, no intuito de uma economia totalmente livre, torna os homens para natureza “destruidores sem precedentes”⁹, ou seja, não há mais comunhão entre ambos, isto é, são verdadeiramente adversários confessos, ou então, uma é serviçal para os outros.

Assim sendo, pode-se afirmar a liberdade de mercado, como sendo uma verdadeira liberdade?

No concreto, a liberdade de mercado não é nada mais do que a liberdade de penetrar em todos os mercados, reivindicada pelas multinacionais que são, antes de mais nada, as empresas norte-americanas. Porém, não há liberdade para os outros entrarem no mercado dos Estados Unidos. Por isso, a questão da liberdade não pode tomar como ponto de partida os projetos políticos das empresas mais poderosas da atualidade.¹⁰

Percebe-se, a partir disso, que há uma libertação parcial, porque a mesma não alcança todos os seres humanos, mas tão somente aqueles que conseguem ingressar na dinâmica burguesa e capitalista. Nunca podemos tomar como ponto de partida um aspecto ou uma nação que, a partir de seus projetos, sonha em implantar no mundo uma ideia geral a todas as nações. Até

⁸ MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.41. A natureza foi experimentada pelos homens numa medida sem precedentes.

⁹ MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.41.

¹⁰ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p.165.

mesmo porque nem todos têm condições de aderir a estes projetos, tantas vezes faraônicos e distantes da realidade.

Mas, qual seria a grande reviravolta trazida pela liberdade econômica? Segundo Comblin, trata-se de uma nova atitude em relação ao dinheiro e à riqueza. De acordo com ele, na história da cristandade, nunca o rico foi bem aceito e acolhido. A riqueza tem uma conotação negativa e tende a ser julgada severamente no juízo final. Contudo, diz o autor, a partir daqueles que buscaram uma reforma dessa compreensão muda-se a visão e a relação com a riqueza. “Entre os reformados é o contrário. A riqueza é bênção de Deus.”¹¹

Não se tem mais a ideia de que o rico será condenado “ao fogo da geena”, mas é alguém largamente abençoado por Deus. Já não há mais condenação e sim exaltação. O modelo de ser humano é o rico, já que ele se torna referência de trabalho, austeridade e poupança.

O trabalho, até então considerado como condição da dignidade humana, torna-se fonte de riqueza. Muda o sentido da atividade do homem. A burguesia cresceu em torno dessa compreensão. Ela e a Igreja irão se encontrar em visões opostas, pois, enquanto a burguesia pensa na exploração e na produção de riquezas, a Igreja vai defender que a propriedade é de Deus e nós, seres humanos, apenas somos administradores e cuidadores. “Tudo é de Deus e Deus entregou o mundo à humanidade, não a pessoas individuais”.¹²

A burguesia ostenta na vida terrena o individualismo, pelo qual cada um terá acesso a tudo o quanto quiser. Dependerá exclusivamente de si, do seu empenho, dedicação, busca e sonhos para crescer economicamente na vida. defende que o trabalhador tem direito ao uso de tudo aquilo que produz. O fruto do trabalho é seu. Surge uma urgência de liberdade por meio dela, que a qual não admite mais que o ser humano não seja livre e que haja realidades e situações que impeçam esse ensejo na realidade burguesa.

Há uma exigência de liberdade na burguesia nascente e esta exigência vai ser adotada por todas as camadas sociais. Hoje em dia todos, até os mais pobres assumiram o espírito da burguesia. Nem as comunidades eclesiais de base conseguiram inculcar os valores

¹¹ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p.166.

¹² COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p. 167.

de 'comunidade', 'mutirão', 'solidariedade', que são valores da antiga cristandade.¹³

Valores vão “morrendo” para que outros possam tomar seu lugar na sociedade. Essa libertação também está atrelada à felicidade que emerge pelos bens materiais. Na visão burguesa, liberdade e felicidade são uma coisa só, tanto que se queira, de fato, apostar nas coisas materiais e no conforto que elas podem nos trazer.

O problema não está na pessoa obter bens materiais e alguma propriedade. Contudo, o mal está na desvirtuação dos mesmos, pois acaba se tornando um caminho de injustiças e explorações. Todavia, se a burguesia usou e empregou mal a definição de liberdade, também nos meios cristãos houve uma má interpretação. Simplesmente entendeu-se que ser livre era não ter nada, ser abnegado, viver na pobreza. O Papa João Paulo II, na Encíclica *Centesimus Annus*, trata desse tema da seguinte forma: “A propriedade privada ou um certo domínio sobre os bens externos asseguram a cada um a indispensável esfera de autonomia pessoal e familiar, e devem ser considerados como que uma extensão da liberdade humana”. (*Centesimus Annus*, nº 30). A Igreja não se opõe aos direitos pregados pela burguesia, tais como a liberdade, a propriedade privada ou bens materiais, até porque os considera indispensáveis à vida humana. Contudo, não aceita que sejam meios de exploração e humilhação para uma grande parte da população, por excelência os mais pobres e desvalidos.

A economia tornou-se uma “vedete” no mundo atual. Ela tem a primazia em toda relação e os economistas são tidos como “profetas” em suas teorias. No entanto, emerge um profundo antagonismo, pois há o grande avanço da máquina e da técnica, porém, ao mesmo tempo, muitos operários são feitos escravos. A razão sucumbe perante os interesses dos proprietários, pois a mesma que foi superexaltada como sinal da libertação pelo pensamento, já perde forças mediante o poder econômico de determinado grupo na sociedade.

¹³ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p. 168.

Diante de tudo isso, pergunta-se: o que a economia moderna foi capaz de fazer? Ela libertou, de fato, a humanidade? Em resposta, José Comblin afirma que “A modernidade está se esgotando e o mundo está a procura de outra coisa”.¹⁴ Há uma humanidade descontente, tateando na penúria da fome, da miséria e, também, dando-se conta de que a felicidade prometida pela liberdade econômica não chega a todos os povos e nações. Falta sentido e significado, sinais vivos de que a libertação não alcançou ainda seus maiores desejos e objetivos.

Uma terceira via de libertação, além da do pensamento e a econômica, é a política. Pode-se afirmar, inclusive, que é a liberdade almejada por todos, isto é, as buscas pela libertação na modernidade desembocam na política. A independência e a ênfase na democracia são as grandes bandeiras das nações atuais. Essa liberdade política, segundo Comblin, divide-se em três momentos distintos.

Em primeiro lugar, há a compreensão de que os governos não são instituição divina, isto é, o poder é algo humano. A partir da modernidade, há uma profunda separação do poder político do religioso, o que até então era um governo só. A preocupação desse governo consiste em manter e criar a ordem justa entre as nações. “Para o governo, a paz na terra é mais urgente do que a salvação no céu”.¹⁵

Se, até esse momento histórico, o poder do governo era investido de poder divino, e a cristandade conjugava o papa como cabeça de todo o poder na sociedade, há uma reviravolta, ou seja, as nações se tornam independentes diante do poder sacro, decidindo eles próprios, governo e governados, pela paz e a ordem no mundo.

Em segundo lugar, afirma-se a dimensão da liberdade mediante a igualdade diante da lei. Não há mais autoridade, mas todos se tornam livres mediante preceitos. Todos são chamados a prestar contas frente a, até mesmo os governantes, os quais não estão mais investidos de plenos poderes, muito menos de divinos.

Esse contexto leva ao questionamento de... Qual o sentido da liberdade política? Segundo Comblin, ela consiste em “que a autoridade dos

¹⁴ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p. 179.

¹⁵ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p. 184.

governantes seja delimitada pela lei, e os próprios governantes estejam submetidos à lei e sejam julgados pela lei que vale para todos”.¹⁶ Todos, governantes e governados, são iguais perante a lei, eis uma busca incessante e uma novidade imposta pela luta da liberdade política.

Em terceiro lugar, a liberdade exige participação. O ser humano, enquanto cidadão, não é mais apenas um assistente do sistema, mas ele se envolve, participa, decide, enquanto há engajamento em diferentes frentes dos poderes na sociedade.

Portanto, a liberdade na modernidade encontra-se construída e solidificada, acima de tudo, sobre esses três pilares, isto é, a liberdade de pensamento, econômica e política. A Idade Moderna construiu seu reinado sobre o indivíduo, e este se tornou participante e referência nessas três dimensões: a razão, a economia e a política. Compreende-se como ser livre aquele que consegue se engajar nessa perspectiva e participar da dinâmica da sociedade moderna, vivendo, de fato, como cidadão livre das tradições, independente na economia e participante ativo na vida política do estado e nação.

Na pós-modernidade, encontramos uma nova libertação. O grande paradigma desse período é a imediatez, ou seja, a experiência de libertação é imediata. Se antes a dimensão era ligada à razão, à economia e à política, agora passamos à *liberdade do corpo, de gozar a vida presente, de viver*.

Talvez pensemos que haja uma continuidade de liberdades, moderna e pós-moderna, mas, na verdade, deparamo-nos com uma crítica muito forte, impressa pelos pós-modernos à modernidade. Segundo Comblin, a grande condenação baseia-se no fato de que a modernidade teria sacrificado o indivíduo em nome de uma liberdade universal.¹⁷ Na nova perspectiva de liberdade, ela torna-se totalmente pessoal, individual, desligada da história como um todo, mas apenas como história pessoal.

Somente de forma individual é que se pode sentir a liberdade imediata. Na universalidade, a experiência é externa, mas não é concretamente

¹⁶ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p. 185.

¹⁷ “A grande acusação feita à modernidade é que ela pediu o sacrifício da liberdade vital, imediata, concreta do indivíduo concreto para, supostamente, preparar uma liberdade universal que nunca chegou e da qual ninguém tira proveito”. (COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p. 203).

particular, mas apenas do todo. Isso, para a pós-modernidade, fere a essência da liberdade, a qual é um sentimento, uma sensação totalmente pessoal.

Não existe mais universo na pós-modernidade. Existem indivíduos. Não há mais superioridade. Todos são iguais. Em relação à modernidade, há um grande avanço na dimensão das diferenças, pois surge uma grande emancipação das particularidades entre os indivíduos.

Estamos na época da emancipação das diferenças. A burguesia moderna é acusada de ter imposto a todos um modelo universal. Não atendia às diferenças. O seu ideal era: todos iguais porque todos semelhantes! A modernidade tendia ao universal e, por conseguinte, tendia a apagar ou a não levar em consideração as diferenças.¹⁸

Essa é a grande novidade pós-moderna. Não há mais um universalismo, mas a sociedade gera e produz indivíduos, de fato independentes de tudo e de todos, plenamente pessoais. São esses os seres humanos da atualidade, buscando sua autonomia, sua dignidade, sua particularidade dentro de todo o cosmos.

Tais diferenças se acentuam muito na questão moral, na dimensão da independência das mulheres, no uso e proveito desmesurado do corpo pessoal. Seja essa, talvez, a mudança mais significativa dentro da liberdade pós-moderna, pois o corpo sempre foi visto na história como algo desprezível, em oposição à alma, que ganhava todo o seu *status* de imortal e centro do ser humano. De um dualismo notório passa-se a uma valorização e a um cuidado excessivo do corpo, havendo uma libertação generalizada para desfrutar do físico.

Há, ainda, outras tantas manifestações de libertação, como a questão das roupas curtas, sem jeito e sem forma. A praia é o lugar da liberdade por excelência. Comida e bebida vão muito além da necessidade e, sim, estão de acordo com a vontade e o prazer de comer e beber. A não necessidade e a pura satisfação são marca desse tempo. Drogas formam parte do estilo de vida do pós-moderno¹⁹.

¹⁸ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p. 214.

¹⁹ “A sociedade já não poderia viver sem drogas, porque perderia o sentimento da sua liberdade. Consumir drogas é a única maneira de ainda poder desafiar a autoridade e

Desobedecer é a afirmação da liberdade dos tempos atuais. Infringir a regra é sinal de autonomia, independência perante as autoridades, sejam elas pessoas ou mesmo leis. Desobedecer para sentir prazer é a raiz de todo um hedonismo que chega a todas as pessoas, as quais buscam prazer imediato em toda e qualquer situação.

Desse modo, percebemos que há um novo paradigma de liberdade na pós-modernidade em relação à Idade Moderna. Do universal passamos ao indivíduo, ele que agora se torna o centro de todas as atividades. Até mesmo no aspecto religioso, o tradicional deu espaço ao livre, ao sentimento, à experiência pessoal. Religião e sensação andam muito juntas. O culto e a fé dependem muito da sensação, ou seja, quanto maior for o sentimento, mais repercussão e aceitação terão junto aos fiéis.

Ser livre. Não ter amarras. Ser autônomo diante de toda e qualquer regra externa, eis o grande sonho e objetivo do indivíduo pós-moderno. Em tudo e em qualquer situação, o homem da geração atual visa à plenitude do seu ser e, acima de tudo, à sua liberdade.

1.2 O QUE É LIBERDADE? UMA BUSCA DE APROFUNDAMENTO

A pergunta “o que é liberdade” torna-se tão atual pelo fato de as pessoas coexistirem em uma sociedade, em um mundo, que por diferentes motivos, criou uma verdadeira confusão em torno desse tema. *A priori*, é uma interrogação com fácil solução, porém, não se pode afirmá-lo com tanta clareza, pois se desvirtuou por demais o real significado dessa compreensão, ou seja, o que é ser livre.

Parte-se do pressuposto de que o ideal de liberdade é muito antigo, sendo possivelmente oriundo da cultura grega, que, pela primeira vez, elaborou esse ideal. Durante toda a história da humanidade, foi-se trabalhando com essa perspectiva da liberdade humana. Também o apóstolo Paulo pensou

desobedecer às leis. Se se permitisse o uso das drogas, não haveria nada para desobedecer e os pós-modernos teriam a impressão de ser escravos. A sua liberdade precisa de desobediência.” (COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p. 217).

sobre o tema: “Segundo Paulo, liberdade, como para todo o contexto grego ou judaico, opõe-se à escravidão”.²⁰

Olhando sob esse prisma, percebe-se que há simplesmente duas condições opostas, liberdade e escravidão, isto é, ou se é livre, ou se é escravo. A segunda é, sem dúvida, compreendida dentro de toda e qualquer dependência que o ser humano possa ter que enfrentar em sua história, seja ela, econômica, social, cultural, política ou religiosa.

No mundo moderno, a compreensão de liberdade, passa pelo progresso. A Igreja analisa a condição humana dentro da contemporaneidade, a partir da *Gaudium et Spes*, documento conciliar que visibiliza a humanidade no contexto da atualidade. “Nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico”. (Gaudium et Spes, nº 04)

Essa constatação feita a partir de uma leitura atual demonstra o quanto a modernidade oferece à humanidade avanços, possibilidades e capacitação, contudo, não deixa de produzir sempre mais “escravidões”, não a um Senhor, mas a todo um sistema e a uma ideologia que anuncia a libertação plena mediante o progresso. Continua o documento dizendo:

E no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros ainda são analfabetos. Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido de liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológica... aumenta o intercâmbio das idéias, mas as próprias palavras com que se exprimem conceitos da maior importância assumem sentidos muitos diferentes segundo as diversas ideologias. (Gaudium et Spes, nº 04)

A partir dessa constatação, fica evidente que a tão almejada liberdade plena, sonhada e projetada pelo progresso, não consegue dar conta das exigências e necessidades humanas. Permanecem os conflitos, as divisões; pessoas ainda não alcançam a independência e a autonomia totais, pois estão “presas” e atreladas a um sistema que, invariavelmente, cria e produz dependentes e, por que não dizer, dentro da compreensão paulina e grega, escravos.

²⁰ COMBLIN, J. *Vocação para a liberdade*, p. 43.

Conforme a definição no Dicionário de Teologia, “o grego conhece primeiramente o adjetivo “livre” (eleutheros), que designa o homem que não depende de nenhum senhor”. A definição acima vem ao encontro daquilo que Paulo define como liberdade, isto é, a condição de ser livre de qualquer escravidão.

Na cultura latina, tem-se o mesmo sentido da palavra “libertas”, sempre condicionada a *polis* e nunca aos direitos individuais. “As palavras ‘livre’ e ‘libertar’ se relacionam em primeiro lugar com a polis como entidade urbana, e com o estatuto do cidadão”.²¹

Nessa perspectiva, a liberdade é, antes de tudo, um aspecto coletivo, na qual os seres humanos, situados dentro da *polis* ou da sociedade, têm seus direitos guardados enquanto comunidade humana. Não estão em pauta direitos ou liberdades individuais, mas do ser humano enquanto cidadão.

Na visão filosófica, encontram-se diferentes conceitos, com conteúdos bem distintos, como na definição do Dicionário de Teologia.²² Ali verificam-se definições embasadas na cultura grega e em Sócrates, Aristóteles, Agostinho e Kant – filósofos com diferentes compreensões do presente tema. Os termos que aparecem e que explicitam a compreensão referente à liberdade são: autonomia, autossuficiência, capacidade de escolha, vontade em oposição ao livre-arbítrio e, por fim, a espontaneidade e independência.

Estes conceitos vêm desde os gregos até o século XVIII, perpassando a história, o que nos faz perceber o quanto a temática é próxima das reflexões e preocupações humanas. Em todas elas, fica evidente que o “eu” é determinante, passando pela própria ação e determinação, prevendo o que será feito, como e quando ocorrerá. Não restam dúvidas de que a liberdade compreendida define-se contrária a toda e qualquer situação de escravidão ou algo que impeça a ação pessoal do ser humano.

²¹ LACOSTE, in Dicionário Crítico de Teologia.

²² A) O grego *ekon* (aparentado com autônomo) designa a liberdade individual, e significa que o homem não está sujeito nem entravado por nenhum poder exterior; b) a liberdade socrática consiste em ‘fazer o que é o melhor, e encontra a mais justa caracterização no princípio de autarquia (*autarkeia*), de auto-suficiência; c) Aristóteles compreende o homem como um ser capaz de escolher, e compreende, portanto a liberdade como liberdade de escolha (*proairesis*), por oposição à vontade (*boulêsis*); d) Agostinho distingue a “*voluntas*”, faculdade fundamental do homem, da liberdade de decisão (*liberum arbitrium*); e) E, a partir de Kant, a liberdade, em sua realidade transcendental, é vinculada com a faculdade de agir de modo espontâneo, independentemente de toda dominação estranha (causalidade como liberdade; liberdade como autonomia). (LACOSTE, in Dicionário Crítico de Teologia).

Na modernidade, surgiu uma nova visão e definição de liberdade. A mesma está atrelada às leis da natureza, as quais devem ser controladas para que haja verdadeiramente o ser livre.

Desde a aurora do mundo moderno, na Renascença, pensava-se que o retorno à Antiguidade em filosofia e nas ciências da natureza deveria possibilitar ao homem a conquista da liberdade de pensamento e de ação, graças ao conhecimento e ao controle das leis da natureza. (Instrução sobre a Liberdade Cristã e Libertação, nº06).

Esta vitória pessoal do ser humano diante da natureza será possível mediante o progresso. Este é reconhecido como o “Messias”, ocorrendo um verdadeiro messianismo técnico. Há, a partir dessa compreensão, duas liberdades, a de pensamento e de ação. Nota-se que a possibilidade de pensar livre é condição para que haja uma ação livre. Sob essa perspectiva, a autonomia é total, desde o pensar até a ação, ou seja, tudo depende do indivíduo.

Na época moderna, pensava-se assim, mas foi a partir da Revolução Francesa que o apelo à liberdade tornou-se incessante e base para toda a sociedade. A felicidade almejada e buscada sem medidas pela humanidade, encontra, enfim, o seu caminho, isto é, o caminho para ser feliz depende da liberdade, esta conquistada mediante o conhecimento e a técnica. “... na Revolução Francesa que o apelo à liberdade ressoa com toda a sua força. Desde então, muitos vêem a história por vir como um irresistível processo de libertação que deve conduzir o homem a uma era, em que, enfim totalmente livre, ele poderá gozar a felicidade”.(Instrução sobre a Liberdade Cristã e Libertação, nº06)

Com a ideologia do progresso, o homem pretende tornar-se senhor da natureza. A servidão é vista como fruto da ignorância e dos preconceitos. Nenhum segredo mais da natureza é motivo para a não plena libertação humana. A meta da liberdade foi traçada mediante a ciência e a técnica. Muitos aspectos, de fato, foram superados graças ao avanço considerável da tecnologia, permitindo várias possibilidades humanas.

Na concepção da época, não havia mais desculpas e motivos à infelicidade humana. Descobriam-se o “remédio” da felicidade, pois o ser

humano, dali em diante, tinha o necessário para alcançar e realizar seus maiores desejos e aspirações. Nada fugia ao alcance da humanidade. Tudo era possível. O sonho, desde a antiguidade, enfim, tinha se realizado. Tudo simplesmente dependia do homem e da mulher. Nada nem ninguém poderia impedir a verdadeira realização humana.

Porém, não havia somente uma busca de liberdade exterior, mas almejava-se igualmente, uma liberdade interior. “Enfim e, sobretudo, o movimento moderno de libertação deveria trazer ao homem a liberdade interior, sob a forma de liberdade de pensar e liberdade de querer”. (Instrução sobre a Liberdade Cristã e Libertação, nº09). A libertação significava libertar o ser humano de tudo aquilo que estaria fora da sua realidade, como superstições e medos ancestrais, os quais impediriam o desenvolvimento humano.

Por muito tempo, homens e mulheres foram considerados medrosos, sem coragem e audácia, diante das pressões externas e das ideias desenvolvidas em meio à sociedade. Ignorar esses medos, investir na capacidade racional, acreditar no seu potencial, foram os grandes temas buscados e desenvolvidos a partir da Revolução Francesa, a qual em tese libertou a humanidade de tudo aquilo que pudesse impedir seu progresso e desenvolvimento.

A liberdade assim compreendida pressupõe que tudo depende do ser humano. Contudo, trata-se de uma liberdade construída, conquistada. Segundo Urbano Zilles, baseado na filosofia de Gabriel Marcel, filósofo francês do século passado, a liberdade não é inata, nem é atributo, mas é conquista. “Chego a concluir que não sou propriamente livre, que a liberdade não é um atributo, mas que devo ser livre, que minha liberdade deve ser conquistada sempre”.²³

Esta definição permite entender que a liberdade é um processo. Ela vai acontecendo em diferentes momentos e precisa, por isso, constantemente ser conquistada em situações concretas. Se muitos pensam que ela é dom ou atributo, outros a entendem como busca até alcançá-la; outros ainda definem-na como algo em constante construção. “A liberdade não é, pois, uma posse que se tenha, de uma vez para sempre, mas, antes, uma tarefa nunca acabada, que devemos realizar em situações concretas”.²⁴

²³ ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o Existencialismo*, p. 94.

²⁴ ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o Existencialismo*, p. 94.

Gabriel Marcel, a partir dessa liberdade em construção, demonstra que ela acontece no engajamento. Como é possível testemunhar e revelar a liberdade no mundo atual? Esta é possível a partir da compreensão da realidade. Sem conhecê-la, não pode haver pessoa livre, afirma. Conforme cita Zilles, “o ponto de partida para uma filosofia da liberdade é o reconhecimento mais claro possível da situação que me envolve.”²⁵

Toda essa perspectiva leva a crer que não há pessoas livres fora do mundo real. A abstração como definição de liberdade não condiz com a filosofia existencialista de Marcel, o qual só entende a liberdade na concretude. Entretanto, quantos não conhecem o mundo em que vivem? A manifestação ocorrida em junho de 2013, por tantas cidades do Brasil, quando que multidões de jovens foram às ruas protestando, exigindo e manifestando indignação, revela um povo que, na sua liberdade, acredita que podem e devem ocorrer mudanças nos contextos político, social e econômico do país. Mas como manifestar publicamente sem conhecer o mundo em que está inserido?

A inserção no mundo está como condição de qualquer pessoa livre. Porém, não haverá ser livre na sociedade sem estar em sintonia profunda com o transcendente. Enquanto muitos compreendem a morte de Deus como necessidade à liberdade, Marcel afirma que o descompromisso não é ser livre, mas sim a vinculação à realidade transcendente. No livro sobre o existencialismo, tem-se a seguinte definição do autor

O homem vinculado ao mundo só pode ser livre e permanecer livre, enquanto permanecer vinculado ao transcendente, pois livre não é o homem descompromissado, mas quem assume um vínculo autêntico, que suporte sua existência. Esta abertura para o transcendente, a disponibilidade e o compromisso com ele pode dar-nos salvação e libertar-nos da escravidão.²⁶

Diante dessa definição, a liberdade não é uma independência absoluta, muito menos do transcendente. No decorrer do trabalho, serão vistos pensadores que afirmam que a “morte de Deus” é a condição do ser livre, em oposição Gabriel Marcel, que condiciona a liberdade à abertura ao transcendente.

²⁵ ZILLES, Urbano, *Gabriel Marcel e o Existencialismo*, p.95.

²⁶ ZILLES, Urbano, *Gabriel Marcel e o Existencialismo*, p.96.

Um outro pensador que aposta toda a sua filosofia nessa temática é Jean Paul Sartre, francês que viveu no século passado. Ele trabalhou muito a ideia da consciência como aspecto diferenciador do ser humano em relação aos outros seres. Porém, segundo Sartre, o que determina o ser na sua essência não é a consciência, mas a liberdade, definida como: “sem limites e não vinculada a nenhuma lei moral”.²⁷ O ser humano é tido como totalmente isento de qualquer vínculo, limite, empecilho. É tão somente ele que determina na sua essência, o seu ser.

Jürgen Moltmann, que é a referência no presente trabalho, tem, em sua reflexão, muito presente essa dinâmica da liberdade. No livro *Trindade e Reino de Deus*, ele destaca as formas da liberdade humana. Segundo ele, a necessidade determina o ser humano e todos os seres vivos. Entretanto, onde começa a liberdade perante a necessidade? Moltmann define dessa forma:

O reino da liberdade começa no momento em que os homens aprendem a perceber, entender e dominar a sua dependência das forças da natureza. Pelo conhecimento científico e pela técnica, os homens procuram passar de escravos da natureza para senhores dela.²⁸

Segundo Moltmann, a liberdade e a necessidade são termos “adversários”, ou seja, ser livre é vencer a necessidade, a qual é imposta pela natureza, a partir de leis e dependências. Essa primeira liberdade, ou primeiro passo à libertação, é chamada por Moltmann de “poder sobre a natureza”.²⁹ É um simples poder que o ser humano começa a exercer sobre a natureza e suas leis. Ainda não é o reino da liberdade, mas apenas o início, pois seria simplesmente acabar com a necessidade. E isso ainda não é ser verdadeiramente livre. A liberdade é muito mais, pois ela é, de fato, na sua essência, aquela que faz o reino do bem sobressair, como objetivo do ser livre.

É esse reino do bem que põe à luz os objetivos e os valores morais do reino da liberdade, para que esta seja usada corretamente, isto é, para preservar e não para destruir a vida. O simples aumento do poder não pode ser o objetivo da liberdade... assim reconhecemos

²⁷ MONDIN, Batista. *Introdução à Filosofia*, p. 276.

²⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p.216.

²⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 216.

inicialmente dois aspectos da liberdade: a libertação da pressão da necessidade e o empenho na realização do bem.³⁰

Surge aqui uma novidade em relação à definição do termo que vem a ser liberdade. Se até aqui a independência, a autonomia, a ausência de limites e de qualquer vínculo que impedisse a liberdade plena foram vistos como definições do ser livre, Moltmann acrescenta uma nova perspectiva, ao apresentar a liberdade como reino do bem, isto é, o bem rege o ser livre. Assim, como Marcel, que entendia a liberdade como algo a ser conquistado constantemente, para Moltmann, “o reino da liberdade é entendido como história, luta e processo da libertação”.³¹

Entretanto, como separar ou definir os três reinos apresentados, ou seja, da necessidade, da liberdade e do bem? São três fases diferentes da história humana? Ou são apenas conceitos diferenciados?

Esses três reinos são enumerados como níveis no conceito geral de liberdade. Eles se encontram onde se passa da necessidade para a liberdade e dessa, para a livre prática do bem. É sumamente importante que se tenha sempre uma profunda orientação para o bem, pois quanto maior o poder sobre a natureza, mais perigosa se torna a história humana da liberdade.

Aqui se encontra um dos grandes perigos da atualidade. O ser humano tem cada vez mais possibilidade, controle, supremacia sobre os poderes e as leis da natureza. Passa a considerar-se “dono” de tudo que existe e foi criado e, quando não é possível orientar essa dimensão para o bem, fatalmente ele entrará numa rede de autodestruição. Segundo Moltmann, o ser humano perderia o poder do seu poder. “Os homens não teriam poder sobre seu poder, e não poderiam fazer um uso livre da sua liberdade”.³²

Fica evidente que a liberdade é para o bem e não somente o ser livre sem nenhuma amarra ou escravidão. É direcionar o reino da liberdade para o reino do bem, eis o grande objetivo do ser livre.

Compete, pois, à liberdade bem orientada, fazer com que as conquistas científicas e técnicas, a procura de sua eficácia, os produtos do trabalho e as próprias estruturas da organização

³⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e o Reino de Deus*, p. 216.

³¹ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e o Reino de Deus*, p. 217.

³² MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e o Reino de Deus*, p. 217.

econômica e social, não sejam submetidos a projetos que os privem de suas finalidades humanas, fazendo-os voltarem contra o próprio homem. (Instrução sobre a liberdade cristã e libertação, nº 36).

Orientar para o bem, tal é a grande questão da liberdade bem compreendida. Ser livre não é não ter necessidade, nem limites e nem vínculos, mas é orientar toda a liberdade para a construção do reino do bem. O caminho de uma liberdade mal empregada é a chamada libertinagem, a desvirtuação daquilo que é a grande marca do ser humano, isto é, o ser livre.

1.3 DEUS OU LIBERDADE?

A modernidade trouxe consigo, portanto, esta grande novidade, o ser humano colocado em plenitude na sua liberdade. Para que esse lema de “vida” seja levado a termo, é preciso que tudo aquilo que possa impedir a total libertação humana seja deixado de lado. Para alguns modernos, os ateístas, o grande adversário da liberdade humana é Deus, aquele que impede a plena realização pessoal do ser humano.

Contudo, Moltmann nos apresenta os dois polos dessa compreensão. Se temos os ateístas que defendem a “morte de Deus” como condição de libertação humana, há estudiosos que defendem a tese de que liberdade demais não é positivo, pois acaba destruindo a força e o poder do estado. É o famoso confronto entre conservadores e ateístas.

Nesse embate, qual seria a fundamentação conservadora? “Liberdade demais destrói a autoridade do estado, dissolve os laços de família, rompe a lei moral e tira os homens da Igreja”.³³ Diante desse ponto de vista, não é próprio que o ser humano goze de muita liberdade, pois acaba perdendo valores externos a si que são fundamentais à vida. Ainda nesta perspectiva, os conservadores afirmam que colocar a liberdade como início de qualquer situação é inevitavelmente o caminho para a anarquia e o caos.

Os ateístas, por sua vez, querem abolir Deus. Ou existe Deus, ou existe a liberdade. É uma situação criada pelos que professam a morte de Deus como condição de um ser livre. “Ou existe um Deus, dizem eles, e então

³³ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*. p. 106.

o homem não é livre, ou então o homem é e deve ser livre, e então não pode existir Deus”.³⁴

Dentro dessa percepção, não há conjunção entre Deus e a liberdade, ou um ou outra, diriam os modernos. A liberdade humana depende da aniquilação divina. Alguns defensores dessa visão ateísta, tais como Jean Paul Sartre e Ernst Bloch, defendem a não existência de Deus. O primeiro afirma que o homem pode tudo, logo, “não existe Deus”³⁵. O segundo argumenta em favor de salvaguardar a liberdade, isto é, “onde o grande senhor do mundo governa, a liberdade não tem vez, nem mesmo a liberdade dos filhos de Deus”.³⁶

Jürgen Moltmann nos remete à reflexão da liberdade ligada ao mundo burguês, no qual foi pioneiro e teve como ideologia fundamental o princípio revolucionário da liberdade. Neste contexto, qual foi a grande iniciativa ou novidade trazida? Há uma mudança radical na compreensão e no funcionamento da sociedade: O mundo clerical e feudal foi deixado de lado, para dar lugar ao mundo movido pela competição igualitária.

O que determina o valor de uma pessoa já não é o nascimento, mas sim as realizações. A soberania do príncipe ‘por mercê de Deus’ foi substituída pela soberania do povo, o estado democrático constitucional toma o lugar do estado autoritário. Os estados de fé confessional unificada cederam lugar à secularização dos bens eclesiásticos e ao estado religiosamente neutro e em princípio secular.³⁷

A liberdade burguesa trouxe ao indivíduo a força de que precisava para tornar-se independente e autônomo de qualquer realidade externa a ele. A pessoa humana é reconhecida por aquilo que ela é capaz de realizar e empreender, portanto, é a sua atividade que será reconhecida no mundo. Deus não faz mais por ele, agora o próprio indivíduo exerce as funções na sociedade. Deus, autoridades, “príncipes”, religião, tudo o que possa exercer alguma influência sobre a humanidade é descartado. O que a burguesia quis

³⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 106.

³⁵ SARTRE, J. P. *É o existencialismo um humanismo?* p.16.

³⁶ BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*, p.1413.

³⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 107.

foi alargar o domínio do homem sobre todas as realidades e, para tanto, excluiu tudo que fosse capaz de atrapalhar esse projeto.

Se até o período da modernidade o sujeito era marcado pela sua origem e por aquilo que era enquanto pessoa, de agora em diante parte-se do princípio de que todos são iguais. A sociedade da burguesia define os indivíduos “como força de trabalho e como consumidores, todos os homens são em princípio considerados iguais. Nacionalidade, raça, sexo e religião, e tudo mais que determine a identidade das pessoas, cedem lugar a estas determinações igualitárias”.³⁸

Uma característica das ideias burguesas é a “universalidade”. A liberdade e a igualdade foram tratadas como temas universais e também agiram dessa forma, pois geraram nos grupos e instituições o desejo de lutar por seus direitos de forma global. O proletariado em relação aos proprietários; os povos oprimidos em relação às nações opressoras: todos se basearam nesses ideais para batalhar pelo sonho da liberdade.

Essa libertação atingiu, sobretudo, grupos e classes que viviam sob o jugo da opressão, seja clerical, patriarcal ou social. Entre os segmentos sociais destacados aparecem os escravos, com a abolição da escravatura, e a mulher, a qual atingiu a liberdade perante uma cultura patriarcal vigente no início do século XX. Pode-se afirmar que a Revolução Francesa, com seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, foi o início da revolução da liberdade. “Com a Revolução Francesa começou a revolução da liberdade, e com ela a época revolucionária da história da humanidade”.³⁹

A partir de então, a humanidade pareceu estar dividida em dois momentos, ou seja, o antes e o pós Revolução Francesa; o que não deixa de ter seu fundamento, pois surgiu uma nova compreensão do ser humano e de sua relação com a sociedade. As classes que alcançaram sua libertação constituíram um sinal visível de que a humanidade estava para ser livre, enquanto cidadãos criados para a liberdade.

Segundo Moltmann, “a liberdade é indivisível e ilimitável”⁴⁰ e, como tal, faz com que o ser humano busque incessantemente essa condição, isto é, a de

³⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 107.

³⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 107.

⁴⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 107.

ser livre. O fruto concreto dessa busca são os diversos grupos e movimentos que brotam neste período pós-revolução, pois a compreensão dos homens e mulheres contemporâneos é de que a liberdade é para todos, não importando classe ou nação.

Qual a ligação há entre fé e liberdade? Como se pode conciliar Deus e a liberdade humana? Tais questionamentos motivaram e mobilizam ainda uma grande discussão entre muitos pensadores, os quais não conseguem encontrar uma conciliação que permita ao ser humano ser livre, mesmo com a existência de Deus. Isso os leva a abandonar o transcendente e a realidade divina, mantendo tudo apenas na realidade imanente.

Ludwig Feuerbach, filósofo alemão, considerado um dos pais do ateísmo, coloca a religião no centro de sua reflexão.⁴¹ Na sua teoria, fica evidente que Deus nada mais é que uma realidade projetada pelo ser humano, o qual é capaz de tudo *per si*, contudo, pela fragilidade e pela fraqueza que carrega consigo, acaba projetando no além aquilo que é próprio dele.

O que o filósofo quer é colocar o ser humano no lugar que lhe compete. Luta pela essência humana que foi entregue a Deus, quando, segundo ele, tudo que está em Deus é do ser humano, mas está apenas projetado no além. No texto de Zilles, o homem, a partir da teoria de Feuerbach, tem tudo que Deus tem, ou seja, “as propriedades divinas são as características do gênero humano”.⁴²

Portanto, a crítica se bate com a religião, que faz o ser humano agir dessa maneira. Deus não é o alvo das críticas, pois ele é apenas criação religiosa. Não há Deus, segundo Feuerbach, já que tudo que vai além do humano é do homem. Toda consciência e essência de Deus nada mais são do que a própria situação do ser humano. Urbano Zilles, na apresentação sobre a religião do filósofo alemão, assim aponta a teoria do pensador

Para enriquecer Deus deve o homem se tornar pobre, para que Deus seja tudo e o homem nada. Mas ele não necessita ser nada em si mesmo, porque tudo que ele tira de si não se perde em Deus, mas é

⁴¹ A religião pertence à infância da humanidade. Vítima de uma ilusão, o indivíduo religioso projeta em Deus seus próprios atributos, qualidades e poderes, que são os da essência humana enquanto presente no conjunto dos homens. (FEUERBACH in ZILLES. *A Crítica da Religião*, p. 98-99).

⁴² ZILLES, Urbano. *A crítica da Religião*, p. 100.

conservado. O homem tem a sua essência em Deus. O homem afirma em Deus o que ele nega em si mesmo.⁴³

Percebe-se, assim, que a centralidade é toda humana e não mais divina. Deus não passa de um elemento criado e projetado pela humanidade O que está em Deus, segundo o autor, é dos homens. A partir dessa concepção, nota-se, cada vez mais, que a busca do ser humano é por si mesmo em si mesmo, isto é, é nele que está a centralidade da sua vida e da sua história. Por isso, a partir dessa compreensão, deve-se salvaguardar sempre mais a liberdade humana, a qual permite que seja o que ele deve ser na sua essência.

Outro pensador que se ocupou nesta perspectiva foi o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche. Ele acentuou toda sua reflexão numa crítica acirrada ao religioso. Com a convicção de que é necessário acentuar a vitalidade e a força da vida humana, ele depositou suas ideias em sua defesa. No livro: “A crítica da religião”, Zilles mostra a tese do filósofo, na qual a religião não exalta a vida, mas ela aniquila e nega sua força e sua essência⁴⁴.

Quando se fala em exaltar a vida, fala-se em tudo aquilo que auxilia no grande projeto da vida, compreendida como livre, intensa, autônoma. O “novo homem”, idealizado por Nietzsche e outros, tem como característica ser o centro de tudo, ser aquele que decide, opta, se impõe pelos ideais e desejos. A crítica que se impõe ao cristianismo é a questão da obediência, da submissão, falta de liberdade pessoal.

Para defender essa teoria, Nietzsche introduz uma comparação entre três transformações: a do camelo, a do leão e a da criança.⁴⁵ Esses espíritos refletem a situação da humanidade. O primeiro representa a submissão e obediência, preconizadas pela religião. O segundo, a revolta de um ser humano não satisfeito, alguém que sonha e busca mais em si mesmo e, por isso, vai em busca da conquista da liberdade e de ser o senhor próprio do seu mundo. Por fim, a criança é a figura que, para Nietzsche, é leve, alegre, tendo um instinto criador e não apenas submisso. Ele define, conforme cita Zilles, dessa forma a nova era projetada em sua filosofia

⁴³ ZILLES, Urbano. *A crítica da Religião*, p. 100.

⁴⁴ ZILLES, Urbano. *A crítica da religião*, p. 139.

⁴⁵ “Espírito do camelo” é o da submissão; “O espírito do leão” é o da revolta, que quer conquistar a liberdade; já o “espírito da criança” é o sim à vida e ao mundo. Um espírito que cria, que se confunde com a leveza e a graça da aurora. (ZILLES, Urbano. *A crítica da religião*, p.141).

A nova era, preconizada por Nietzsche, consiste em dizer sim ao jogo espontâneo da criação e da vida: doravante não haverá Deus nem homem acima do eu, apenas o instinto criador que a cada instante considera o mundo como um jogo e um começo sagrados.⁴⁶

Desse modo, fica evidente o intuito destes pensadores em criar um mundo e um “homem” livres. Nada mais além dele ou fora dele podem ocupar seu espaço, de criador, inovador, alegre e livre. A pregação do super-homem, própria do tempo moderno, só se torna possível na eminente ausência de Deus. O homem será sem Deus, eis a solução encontrada pelos ateístas para engrandecer o ser humano.

Contudo, não foi esta a visão unilateral da época, aliás, nos primeiros movimentos de libertação da Europa, após a Revolução Francesa, havia pensadores associados à fé em Deus e ao desejo de liberdade. Pensadores modernos como Kant e Hegel, por exemplo, viram a ligação entre liberdade e fé em Deus como caminhos próximos, não como opostos, muito ao contrário, pois um está ligado ao outro. Como dizia Kant, liberdade e Deus se completam. Todavia, é importante ter presente que a religião e a fé projetada por eles é aquela que não impede a liberdade humana. Por isso, fala-se em “reino da liberdade”.

Porém, houve uma grande mudança no decorrer dos anos, quando a fé em Deus voltou a ser associada à autoridade, esta que fora derrubada pelos desejos de libertação. A liberdade sonhada então estava desatrelada de toda e qualquer autoridade externa ao indivíduo, cabendo ela tão somente ao indivíduo em si. O rompimento entre liberdade e fé foi inevitável, quando se percebeu que o projeto e o sonho libertador da humanidade estavam sendo derrubados pela imposição de uma autoridade externa ao ser humano.

Com essa situação criada – ou seja, por um lado, o desejo de Deus e, por outro, o desejo de liberdade, mas sem autoridade nem imposição –, retornou-se à compreensão do ateísmo como caminho à libertação humana. O mundo feudal, influente também no meio clerical, foi criticado, sendo possível somente encaminhar o desejo de liberdade no mundo anticlerical e laicista. Percebeu-se que nesse mundo regido pelo feudalismo, com a presença do

⁴⁶ ZILLES, Urbano. A crítica da religião, p. 141.

“grande senhor”, não haveria possibilidade de uma liberdade plena do ser humano.

Nesse contexto, todas as instituições e referências que pudessem ser empecilho para a libertação do homem foram sendo descartadas e questionadas em sua utilidade. Por isso, surgiu a célebre afirmação na França: “nem Deus nem estado”. As duas instâncias recordam o aniquilamento do ser humano em sua essência e em sua busca de autonomia e personalidade. Como conseqüência dessa realidade e compreensão, não restou alternativa aos movimentos de libertação senão a pregação da “morte” ou da não existência de Deus.

Onde a fé em Deus e a Igreja estão colocadas ao lado do poder de repressão, só o ateísmo é que pode vir a ser a base religiosa para o desejo de liberdade. A luta contra a religião e os representantes da religião passa a ocupar então o primeiro lugar nas lutas de libertação, pois ‘a crítica à religião é a condição prévia de toda crítica’.⁴⁷

Torna-se questão fundamental para os pensadores a crítica à religião, pois ela concebe a ideia básica contra a libertação plena do homem. Como a religião é atrelada ao “reino” de um só e, diante dele, os seres humanos se submetem e sentem-se inferiores, há uma “necessidade” criada pelos próprios em vista de sua total liberdade, isto é, a de aniquilar toda força contrária ao desejo libertador da humanidade.

Onde se concentrou a força da revolta? “Nas mãos levantadas e os punhos cerrados das multidões nas ruas”.⁴⁸ Nesta manifestação de desejo, busca, vontade libertadora, homens e mulheres não mais aceitaram ser inertes e conduzidos por outrem de qualquer maneira, apenas de forma obrigada e submissa. Quiseram direitos, igualdade, dignidade e valorização. Escravos, mulheres e tantos outros grupos lutaram incessantemente contra todas as forças que impediam a realização humana.

Neste caso a figura que aparece como “ícone” é a imagem de Prometeu. Não mais se fala no Cristo, mas se fala em Prometeu, “aquele que roubou o fogo dos deuses, passou a ser o santo da revolução, deslocando a

⁴⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.108.

⁴⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.108.

figura de Cristo”⁴⁹. Não há mais possibilidade de conciliação, pois definitivamente se chegou à conclusão de que Deus e liberdade não conseguem caminhar juntos, ou seja, um é empecilho para o outro. De uma forma muito simples, concluiu-se que

Se eu creio em Deus, então renuncio à minha liberdade e me coloco sob a sua proteção. Portanto, terei de reconhecer também os outros poderes que cuidam de mim, na família, no Estado e na Igreja, como autoridades dadas por Deus. Mas se eu quero minha liberdade, então tenho que quebrar essas algemas e estas seguranças e assumir em minhas próprias mãos a minha vida, assumir a responsabilidade por minha própria pessoa. A liberdade perfeita não reconhece autoridade alguma a não ser a própria, porque o reconhecer outras autoridades depende da própria decisão e por isso é também objeto de responsabilidade.⁵⁰

Esta conotação permite ver que Deus e liberdade não se conjugam, pelo menos nessa compreensão de liberdade. O eu é absoluto nessa perspectiva, sendo a única autoridade válida para definir os rumos da vida e da história do ser humano. Esta liberdade plena, pregada e propagada pelo movimento libertador ateu, pois exclui Deus na vigência do mundo, gera igualmente um ser humano responsável pelos seus atos.

A infantilidade ou imaturidade e até a submissão do homem à autoridade externa caíram por terra com a pregação do ser livre e responsável. Definitivamente, na perspectiva desses assuntos, Deus e liberdade não conseguem conviver na mesma direção e história. Faz-se necessário que o ser humano faça uma opção, aderindo a um e rejeitando a outro. Será que, de fato, essa coexistência não é possível? Será que a história humana deve ser conduzida nesses dois polos: a fé em Deus ligada à autoridade, e a liberdade ao ateísmo?

Em oposição ao movimento libertador, surgiu o movimento conservador. Este mesmo está difundido sob a tríade: “Deus – Rei – Pátria”. Este é chamado de “princípio autoritário”⁵¹, como resposta ao princípio revolucionário. Se o último era visto como caminho à liberdade, esperança para novos tempos, o primeiro surgiu para dizer ao mundo que “a salvação” da

⁴⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.108.

⁵⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.108.

⁵¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.109.

humanidade não passaria pela modernidade. “Aqui os fenômenos do mundo moderno são interpretados não como sinais messiânicos de esperança na liberdade, mas sim como sinais apocalípticos da aproximação do final dos tempos”.⁵²

Alguns teólogos como Julius Friedrich Stahl e August Vilmar entenderam que somente a religião do Estado e da Igreja poderia salvar a humanidade desse princípio avassalador e caótico para o mundo.

Há nessa perspectiva uma volta à religião, em oposição a todo movimento libertador que visava colocar o ser humano como centro do mundo e do universo. Tudo passa pelo homem, sendo ele mesmo que determina toda sua vida e história. Essa dimensão unificada entre Deus e a liberdade será fundamental na cultura cristã pós-moderna

Moltmann afirma que a história assim compreendida – Deus ou liberdade --acaba prejudicando ambos, “pois saem prejudicadas tanto a fé em Deus, porque perde sua base bíblica-messiânica, como também a liberdade humana, porque deixa de contar com sua maior força impulsionadora”.⁵³ Deus e liberdade, na perspectiva bíblica, andam na mesma direção, não sendo problema um para o outro. A liberdade é sinal do Deus que liberta da escravidão e Deus é aquele que, de fato, torna o ser humano livre.

⁵² MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.109.

⁵³ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.110.

2 TRADIÇÃO BÍBLICA DA LIBERDADE

No capítulo anterior foi abordada a questão da liberdade em sua compreensão fundamental, o que é, como foi compreendida e definida na história e, também como é vivenciada e buscada na modernidade e na pós-modernidade. No presente capítulo, analisa-se a ação de Deus em favor da liberdade humana, tendo como base a história do povo de Deus desde a sua libertação da escravidão do Egito, muito bem tratada no Êxodo.

A relação *ser humano e Deus* sempre é instituída em busca da verdadeira vida, e essa se manifesta na libertação plena do ser humano. “A primeira experiência que os homens fazem de Deus, segundo testemunho da Bíblia, é a experiência de uma imensa libertação para a vida”.⁵⁴

2.1 ATO DE LIBERTAÇÃO FUNDANTE DO ÊXODO

No texto do Êxodo, fica muito evidente a ação divina em favor do ser humano. A relação de Deus para com os homens e mulheres não é mais numa

⁵⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.101.

dimensão de distância, separação ou até mesmo de indiferença, mas de proximidade e envolvimento d'Ele com a realidade humana. “O Senhor disse: Vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi suas queixas contra os opressores, prestei atenção a seus sofrimentos. E desci para livrá-los das mãos dos egípcios, para tirá-los desta terra e levá-los a uma terra fértil e espaçosa, terra que mana leite e mel”. (Ex 3,7-8). A atitude de Deus é em favor da liberdade humana, pois está condicionada à verdadeira vida, nela há uma plena e autêntica libertação.

O povo sentiu essa ação divina ao ser retirado de sua assombrosa situação escrava em direção a uma terra nova, de abundância e plenitude. Somente a vida livre é sinal da presença e da soberania divina na história da humanidade. O povo subjugado, oprimido, preso às amarras, não pode experimentar em plenitude a vida oferecida por Deus. Por isso, Ele próprio toma posição diante das opressões exercidas pelos “senhores” e “faraós” da história, como bem evidencia o texto bíblico. Quem permite, deixa ou sente esse apelo de Deus, vai construindo um processo de libertação interno e externo à sua vida.

Aqueles que são chamados pela palavra de Deus e de quem o Espírito de Deus toma posse experimentam libertações em diferentes domínios de sua vida. Interiormente a sua energia vital se liberta dos bloqueios da culpa e da melancolia da morte, exteriormente quebram-se os grilhões das opressões econômicas, políticas e culturais. Interiormente surge uma nova afirmação da vida, exteriormente novos espaços vitais são abertos.⁵⁵

Há, de fato, uma nova vida naqueles que se tornam receptáculos do espírito divino, não um espírito de fechamento, opressão ou escravidão, mas verdadeiramente um espírito para a liberdade e, conseqüentemente, relacionado à vida. O povo de Israel, liberto dos egípcios, percebe-se em outra dimensão. Sente internamente que é amado e conduzido por Deus. Igualmente percebe que já não há mais forças externas a oprimi-lo, mas sente a “brisa” de uma liberdade abundante e plena numa nova terra, como diz o texto bíblico, “terra onde corre leite e mel”.

⁵⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 101.

Essa libertação faz o povo “enxergar” em Deus “o Senhor”. A primeira impressão em relação a este termo conota domínio e escravidão, pois onde há um senhor há também seus súditos. Contudo, Deus nunca quis construir com a humanidade uma relação de paternalismo, assistencialismo e dominação, mas a relação numa perspectiva de pessoas livres, capazes de optar por si só pela aliança feita por Ele com a humanidade. Por isso, nesta nova dimensão relacional, o povo tem uma experiência profunda de libertação, pois “Deus se revela ao povo como ‘o Senhor’, porque o retira da escravidão para a terra prometida da liberdade”.⁵⁶

É uma experiência de Deus nova, única, libertadora. A soberania é experimentada não mais como sendo de um Deus “carrasco”, “dominador”, do qual as pessoas têm de temer pela sua infinita superioridade em relação ao ser humano, mas como de um Deus da “libertação”, o Deus que conduz para a vida. A partir disso, pode-se afirmar que houve uma experiência única de Deus.

É fundamental que se tenha presente o quanto é intenção e iniciativa divina a ação libertadora. Pode parecer que haja uma busca incessante do ser humano em ser livre, até porque é próprio de seus desejos estar em liberdade. Contudo, antes mesmo de o homem almejar e ir ao encontro desta, é Deus, enquanto Senhor, que fará todo e qualquer esforço para libertar o povo das mãos do faraó.

Esse anseio mostra a nova face de Deus, não mais como “adversário” e controlador dos homens, mas como companheiro e auxílio no processo de plenificação humana, a qual é possível tão somente enquanto seres livres. “O Senhor vai querer libertar os escravos, vítimas das fantasias despertadas na imaginação do Faraó pelo desejo de poder”.⁵⁷ O que está em jogo, na verdade, é um enclave de forças entre o Senhor e o Faraó, já que cada um deles reclama para si ser dono do povo. Os poderes se encontram e trava-se uma luta em vista daquilo que lhes pertence.

O povo de Deus assim foi chamado exatamente pelo fato de ter sua origem na criação divina. Deus quisera a sua vida. Porém, mediante a escravidão, o Faraó criou para si uma fantasia tal que permitia considerar os israelitas como sua propriedade. Quem haveria de vencer essa batalha? A

⁵⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 101.

⁵⁷ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*, p.79.

humanidade pertence a Deus ou aos poderes mundanos, encarnados na imagem do Faraó egípcio?

Deus sonhara libertar o povo não sob uma forma mágica, e, sim, com a colaboração humana. A ação libertadora passa pela atitude de Moisés, o escolhido de Deus para tal missão. (Ex 4,22-23) Moisés, o incapaz, como ele mesmo se concebe, torna-se o mediador da grandiosa maravilha de Deus em favor de seu povo.

O Faraó nunca fora, *a priori*, adversário de Deus. Tornou-se tal a partir do momento em que não concebeu a possibilidade de o povo ser livre, querendo mantê-lo em seus domínios e administrando-o como propriedade sua. No relato das dez pragas, percebe-se a oportunidade que Deus confere ao Faraó para se tornar o libertador de Israel, mas sua mente, transformada e dominada pelo desejo de poder, não permite tal acontecimento.

Por dez vezes, o Faraó vê ser-lhe oferecida pelo Senhor a chance de inscrever seu nome nos anais da história como o libertador de Israel, mas, por dez vezes ele se fecha na recusa de reconhecer que seu poder tem limites e leva, assim, seu povo à morte.⁵⁸

Essa é força que o poder violento exerce sobre o ser humano. A força de não permitir que haja limites, vontades alheias, liberdade do outro. A outra pessoa torna-se nada mais que objeto, sendo considerada dentro de suas possibilidades para meu proveito. Percebe-se nesta compreensão que Deus conta com todos para libertar a humanidade de suas amarras mais variadas, todavia nem sempre os homens e as mulheres estão dispostos a inserirem-se nesse projeto.

O Faraó encarna o poder violento que não tolera limite algum e vai até o fim da sua vontade de apropriação sobre um povo que reduz à escravidão e oprime até o ponto de querer negar-lhe qualquer futuro, privando-o de seus filhos – poder do mal e da morte que se precipita ao encontro da própria morte.⁵⁹

É contra esse poder e essa força que Deus, como “o Senhor”, vai travar a “batalha” da libertação. A saga divina ao lado de seu povo busca retirar

⁵⁸ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*, p.79.

⁵⁹ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*, p.79.

os escravos do “lamaçal” da escravidão, numa situação na qual não há verdadeira e autêntica vida humana. Para Deus, o criador, que sonha em ser o Senhor de tudo e de todos, só haverá vida plena se o seu espírito tomar conta da existência de sua gente, isto é, o espírito da vida e da liberdade. Assim como diz Paulo: “Pois o Senhor é Espírito e onde está o Espírito do Senhor há liberdade”. (2Cor 3,17). Deus é o Deus da liberdade e da libertação. Em sua essência, resguarda-se tal atributo, o qual, contudo, só terá plenitude se for transmitido e vivenciado por seu povo.

Parece um tanto difícil entender Deus em uma batalha. O próprio termo *Senhor* não é muito aceito na atualidade. Como conciliar Deus e a guerra? Como conciliar a imagem do Senhor com liberdade?

Deus é compreendido e visto a partir do olhar que o contempla. Nesta luta, tem-se dois tópicos: a ótica dos combatentes do Faraó e a dos filhos de Israel. Para os primeiros, o Senhor é aquele que batalha a favor dos israelitas. Todas as atitudes tomadas pelo Senhor são vistas como parceiras do povo de Israel. No Ex 14,30-31, reconhece-se a ação favorável de Deus pelo seu povo contra os egípcios. Portanto, Ele é visto como aquele que guerreou e combateu a favor de Israel. Aqui encontra-se um grande desafio para os meios cristãos: tornar a imagem do Deus guerreiro aceitável e apreciada pelo povo, pois, se mal compreendida, pode gerar deturpada interpretação e até mesmo desvirtuar o verdadeiro Deus na sua essência.

Como compreender a ação guerreira de Deus? Wénin nos dá um auxílio considerável ao mostrar como Deus age na guerra:

Qual é a primeira violência na narrativa? É a do Faraó. E é radical, pois chega ao assassinato dos inocentes. A reação do Senhor só se compreende nesse quadro. O Senhor é aquele que guerreia contra o mal, contra a violência, contra a opressão, contra a escravidão e contra a morte. Não pode tolerar o intolerável. Diante das potências do mal e da morte, apresenta-se como uma potência que dá a morte. Mas é morte contra a morte.⁶⁰

Nesta perspectiva, é possível compreender o Deus da guerra não como aquele que gosta de lutar e matar, mas aquele que batalha em favor da vida, libertando todos aqueles que estão sob o jugo da morte, isto é,

⁶⁰ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*, p.80.

resgatando a vida daqueles que não a possuem mais, pelo menos em sua dignidade. Deus, em sua autocompreensão, não pode ver a humanidade morrendo diante dos poderes do mal e da morte.

No Êxodo, vislumbra-se “o Deus que chama para fora e que leva os homens ao livre caminho da esperança, a fim de contemplarem o cumprimento de suas promessas”.⁶¹ A promessa do Senhor é levar e conduzir o povo à liberdade, por isso o chama para fora, apela para a busca humana de sair de seu fechamento e de sua escravidão, indo ao encontro da vida plena.

Assim sendo, contempla-se a Deus como Senhor não na ótica de escravos e súditos, os quais estão subordinados a ele, mas a partir da liberdade. “Deus é o Senhor, isto é, Deus é o libertador”.⁶² Essa é, sem dúvida alguma, uma grande novidade na compreensão de Deus como Senhor, porquanto retira a conotação opressiva e patriarcal e insere a visão libertadora. Deus domina enquanto liberta.

A dominação divina é, por conseguinte, a ampliação do espaço que se abre para a liberdade do seu povo. O poder de Deus, manifestado no ‘braço forte’ com que ele liberta seu povo da servidão e o salva das armas dos perseguidores, deve, por isso, ser chamado seu poder de liberdade.⁶³

É muito valiosa essa visão “do poder” de Deus. O poder da liberdade. Se, de antemão, parece um tanto patriarcal e alienante essa conotação, nesta perspectiva, torna-se caminho à vida de seu povo. Foi nessa dinâmica que entenderam e leram a ação divina os israelitas. Deus conduz e guia o ser humano, luta em seu favor para salvar das amarras da morte. Foi dessa forma que os israelitas fizeram uma profunda experiência de fé e confiança em Deus, pois para Moltmann, “crer em Deus significa confiar-se à sua promessa e à sua direção e experimentar as próprias libertações”⁶⁴.

Daí surge o contraponto entre os egípcios e os israelitas. Enquanto aqueles perceberam o Senhor lutando a favor do povo de Israel, estes sentiram

⁶¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.102.

⁶² MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.102.

⁶³ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.102.

⁶⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.102.

a força divina na busca pela libertação. Contudo, os israelistas não viram o Senhor como guerreiro, mas sim como “pastor e criador”⁶⁵.

Essa é a real e forte intenção do Senhor, libertar o seu povo. Deus é determinado, decidido nessa dimensão. Não se pode ficar imparcial nessa ação divina, pois se compreende que houve e há em toda a história a vontade decidida de Deus. As imagens e elementos que aparecem no relato deixam ver que o Senhor, de fato, foi o protetor de Israel, pois mobilizou “os elementos do universo, a nuvem e o fogo, o mar e o vento, para a proteção de Israel”.⁶⁶

Portanto, a natureza encarna a ação divina. Deus quis libertar. Ele quis conduzir os israelitas à terra prometida. Contudo, a atitude de Deus em favor do seu povo não foi sem seu povo. A iniciativa e a vontade são divinas, mas sempre com o auxílio humano.

Se o Senhor é o ator principal da vitória, isso não significa que a vítima em via da libertação permaneça inativa. A salvação é o resultado de uma sinergia entre o Senhor, o povo e Moisés. Dessa forma, diante de Israel se abre um caminho de fé, de confiança em Moisés, que Israel acredita ser o autêntico porta voz do Senhor em quem deposita sua fé.⁶⁷

Essa constatação torna-se necessária e fundamental para que não haja uma compreensão alienante no processo de libertação. O Deus do Êxodo é um Deus que se move diante do apelo sofrido da humanidade, não deixando à mercê de suas angústias e vicissitudes aqueles que considera como sendo seus.

Há uma tríade que junto opera no processo libertador. Deus, Moisés e o povo. Se uma dessas instâncias não cumprir com seu compromisso, fatalmente o resultado será fracassado. Ou seja, Deus não poderá operar de forma mágica maravilhas na vida e na história da humanidade – como se vê através de Moisés, o escolhido e o enviado para libertar – se não houver colaboração humana. Nesse caso, são duas as figuras que precisam agir a fim de que tenha bom êxito a libertação. Moisés, o enviado, e o povo, o desejado.

O povo hebreu teve que escutar e acolher o apelo de Moisés, que, na verdade, trazia a voz de Deus. Diante desse chamado, coube necessariamente

⁶⁵ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*, p.80.

⁶⁶ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*, p.80.

⁶⁷ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*, p.87.

a resposta e a firme decisão de partir ao encontro do desejo, muito mais divino do que humano. “Parece necessário que, diante da palavra de um homem, o povo ouse arriscar sua existência na morte, supere seu temor, crendo que Deus é vida na morte”.⁶⁸

Desse modo, é no reconhecimento da ação divina que o povo começa a encontrar sentido para sua vida e sua história. A seguir a leitura e a recordação desse grande feito realizado por Deus a favor do seu povo, em que este recorda, vivencia e celebra a libertação.

2.2 RECORDAÇÃO DA LIBERTAÇÃO DE DEUS

A experiência feita pelo povo de Israel foi fundamental para toda a sua história de fé. Esse acontecimento modela toda sua caminhada e, em vista disso, também é um evento que merece toda a vivência e celebração. A Páscoa é, em cada ano, a recordação desse grande acontecimento de Deus em favor do seu povo. “Em todas as festas da Páscoa, as gerações subseqüentes de Israel reviveram de maneira como Deus leva da servidão para a liberdade, e nesta experiência-raiz de Israel eles se descobriram a si próprios como os libertados”.⁶⁹

Sentir-se libertado é princípio e condição para uma vida verdadeiramente livre. É o grande sentido pascal, recordado e celebrado pelo povo hebreu, mas também por toda a gente que descobre a libertação de Deus em sua vida. O desafio maior da fé e para a vida de fé é descobrir e perceber essas ações libertadoras na vida de cada ser humano. O povo fez uma leitura na qual lhes ficou claro que a sua liberdade na terra prometida era fruto de uma ação de Deus, por meio de um ser humano.

Essa constatação foi possível mediante a compreensão de que Deus é tido como Senhor, mas não na perspectiva opressora como senhorio, mas na ótica libertadora. A fé é fruto da recordação e, quando os fiéis se tornam capazes de redescobrir Deus em suas vidas, clamam pela libertação diante de

⁶⁸ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*, p.88.

⁶⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 102.

suas amarras e escravidões. “O nome de Senhor aplicado a Deus promete liberdade, por isso na prisão clamamos ao Senhor”.⁷⁰

A experiência pessoal de Jürgen Moltmann, enquanto preso durante a guerra, fê-lo compreender que o clamor a Deus como Senhor só é possível quando ligado à dimensão libertadora. Pode-se lançar como fundamento da fé a necessidade de descobrir, perceber e experimentar a presença libertadora de Deus, enquanto Senhor que leva à liberdade.

A Páscoa se tornou evento para os hebreus, pois eles condicionaram sua liberdade ao feito divino. “As experiências reais, interiores e exteriores, de libertação são entendidas como experiências de Deus, e assim passam a ser narradas”.⁷¹ No evento pascal, a narração do fato, a recordação e celebração dessa passagem, como indica o nome *páscoa*, se torna novamente um acontecimento libertador de Deus. O pai há de contar para seus filhos as maravilhas que Deus operou na vida de seus antepassados. Ao narrar, faz a geração hodierna dar-se conta de que Deus, o “Senhor”, é o “Deus libertador”.

Mas o que significou para o povo de Israel essa libertação? Acima de tudo, os hebreus recordam que foi esse acontecimento que os tornou livres da escravidão egípcia. Além do mais, sempre é o aspecto a ser lembrado diante de novas amarras que porventura surgirão. Na falta de liberdade, eles recordarão a ação libertadora de Deus. Diante de tal situação, a atitude mais necessária é a esperança, pois ela permite acender dentro do íntimo do ser humano a vontade de lutar por algo novo e esperar a salvação de Deus.

O problema e a angústia maior se concentram naqueles que já não avistam a possibilidade de esperar algo diferente e novo. “Assim falou Moisés aos filhos de Israel; eles, porém não lhe deram ouvidos, por causa do desânimo e da dura escravidão”. (Ex 6,9) Na atualidade, constata-se em muitos a mesma realidade, ou seja, desânimo, acomodação, falta de espírito para lutar e buscar uma nova situação.

Todavia, não se pode fazer uma leitura equivocada desse caso, pois em muitos está centrada não a falta de vontade em realizar e buscar, mas a incapacidade de poder fazer alguma coisa. “Não se trata de uma ‘infidelidade’ à

⁷⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.102.

⁷¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.102.

graça, mas de uma alienação total do homem, que anula a própria esperança, última possibilidade de libertação”.⁷²

Diante dessa conjuntura, surge a devida importância da recordação, pois o povo de Israel relutou muito para a libertação. Sofreu e “gemeu” no deserto e lamentou a iniciativa divina quando da fome e do calor desértico. Sob o jugo opressor, já perdera a capacidade e a possibilidade de esperar uma novidade, logo, perdera a esperança. Recordar é viver, já se dizia em dito popular, e é aqui que essa compreensão ganha toda sua força e veracidade, pois percebe-se que as amarras que hoje são encontradas também já foram vivenciadas por irmãos em tempos passados.

Assim sendo, a recordação se torna igualmente uma conscientização, pois reanima no âmago da pessoa a esperança em mudanças e boas-novas. Essa é a grande contribuição ao povo do evento libertador. “O acontecimento do Êxodo engendrará a consciência-de-liberdade do povo de Israel”.⁷³

Portanto, o povo, antes escravo, agora liberto, terá sempre como parâmetro, para sua vida e sua fé, o acontecimento salvador de Deus em favor de sua gente. Torna-se mister, para a fé, recordar as maravilhas libertadoras de Deus, “o Senhor”, chamado e reconhecido como “libertador”.

2.2 LIBERTAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

Na seção seguinte o grande foco será a libertação no Novo Testamento. Como se dará isso? Como será compreendida essa dimensão dentro da perspectiva neo-testamentária? É isso que o trabalho trará a partir da pessoa de Jesus Cristo.

Toda a história e a caminhada do povo de Deus durante a sua jornada, desde a escravidão do Egito e perpassando pelo deserto, em vista da terra prometida, foi sendo acompanhada por Deus, com bondade, atenção e misericórdia. Contudo, a plenitude da libertação que Deus oferece ao seu povo vem por meio de Jesus Cristo. É Nele e com Ele que a humanidade experimenta a verdadeira libertação. Como diria Paulo, “foi para a liberdade que Cristo nos libertou”. (Gl 5,1)

⁷² CROATTO, Severino. *Êxodo: Uma hermenêutica da liberdade*, p. 45.

⁷³ CROATTO, Severino. *Êxodo: Uma hermenêutica da liberdade*, p. 47.

A partir do evento *Jesus Cristo*, o jugo que oprimia a humanidade inteira não tem mais força e respaldo, pois Deus manifestou por completo seu poder em vista da liberdade humana. Porém, não se perca de vista que tipo de libertação Deus veio oferecer e de que forma ela se concretizou na vida dos seres humanos.

As experiências de Deus, de acordo com o Novo Testamento, sempre são de libertação. A humanidade inteira vai experimentando, no dia a dia de sua história, Deus agindo em seu favor. As pessoas conhecem a ação de Deus mediante a vida de Jesus dedicada ao povo, especialmente os mais desfavorecidos.

Também segundo o testemunho do Novo Testamento as experiências de Deus feitas pelos homens que se encontram próximos ou em comunhão com Jesus são experiências de libertação: libertação das doenças e possessões demoníacas, libertação das humilhações e das ofensas sociais, libertação dos 'ímpios poderes deste mundo'...libertação da força do pecado e do poder da morte.⁷⁴

A ação de Deus na vida das pessoas, como nos relata o Novo Testamento, faz com que elas se sintam reintegradas à vida da comunidade e da sociedade, pois a doença, a raça e o pecado afastam os indivíduos de todo e qualquer convívio na vida de fé e na vida social. Reintegrar a pessoa significava devolver a dignidade, a possibilidade de ser alguém, de ser reconhecido plenamente como pessoa.

Surge diante dessa realidade a discussão entre o Senhor e o Deus. Se o povo no deserto reconheceu que o Deus que os libertou era “o Senhor”, não pelo poder, mas sim pela atitude para com eles, aqui também se reconhece o Deus de Jesus não como o Deus dos poderosos, mas sim “o Senhor”, enquanto Deus do crucificado. “O Deus que Jesus chamava de “Abba”, e que por isso a Igreja desde sempre denominou o “Pai de Jesus Cristo”, não é um Deus dos poderosos nem dos senhores dos escravos”.⁷⁵

Essa compreensão deve ficar clara para todos, pois seria muito simples atrelar-se Deus e Senhor ao poder da maneira como é entendido/

⁷⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.102-103.

⁷⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.103.

humanamente. Todavia, Deus, na sua manifestação em Jesus e nas pessoas que vivem em comunhão com Ele, não se revela nessa forma, mas no modo de crucificado, morto e “derrotado”.

Este “fracassado” aos olhos humanos pode ser sinal de Deus para a humanidade? Quem é o Deus de Jesus Cristo? Moltmann define da seguinte maneira:

Quem é, então, este Deus de Jesus? É a força de cura que Jesus trouxe aos pobres e aos enfermos, aos pecadores e aos moribundos. Ele é o Deus do crucificado, a vítima do poder. É a força libertadora que despertou Jesus da morte e que o levou para a vida eterna. Deus é aquele que ‘ressuscitou Jesus dos mortos’.⁷⁶

É a grande reviravolta que a Teologia quer trazer e, ao mesmo tempo, é o maior escândalo para a humanidade. Nessa nova compreensão de Deus, Ele, o Todo Poderoso, não é mais reconhecido como tal numa relação opressora com os homens, mas é colocado como poderoso ao lado dos desfavorecidos e marginalizados. A definição criada e crida pelos homens a partir de Jesus é a mesma do primeiro mandamento dado ao povo do Êxodo: “Deus é libertador: lá do poder de um tirano histórico, o faraó, aqui, da tirania da história, da morte”.⁷⁷

Se o povo do Antigo Testamento se sentira liberto das amarras e opressões do poder faraônico, o do Novo Testamento experimentou a força que vem de Deus em vista da ressurreição. A partir de então, a morte, como chama Moltmann, “a tirania da história”, não tem mais poder sobre a humanidade. Definitivamente, abriu-se aos homens e mulheres a verdadeira plenitude da vida.

Portanto, onde reside o poder de Deus? Se esta foi umas das definições históricas da essência de Deus, isto é, a onipotência divina, onde fica a força de Deus diante dos poderes e forças humanas?

O ponto de partida para a mudança de paradigma e compreensão divina é deslocar a ideia do absoluto para a compreensão de Deus trinitário. Ele, necessariamente, deve ser passado de sua unidade monoteísta para a

⁷⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.103.

⁷⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.103.

imagem trinitária, pois o Deus absoluto e monoteísta legitima a soberania de alguém sobre os outros.

“Somente quando a doutrina trinitária chegar a superar a ideia monoteísta do grande monarca do mundo no céu e do patriarca divino sobre a terra é que os governantes, ditadores e tiranos da terra deixarão de encontrar arquétipos religiosos para sua legitimação”.⁷⁸

Nota-se com isso que a novidade reside em compreender que Deus em si mesmo não é absoluto, mas é comunidade, é convívio e unidade. Dessa mesma, surge uma nova relação entre os humanos e se constrói uma sociedade de pessoas livres e que vivem a liberdade entre si.

Portanto, percebe-se que o poder de Deus não habita na força dos “poderosos”, mas se manifesta na dor, sofrimento e angústia dos oprimidos, que são os preferidos de Cristo. Na face do crucificado, encontramos o rosto de tantos irmãos sofridos, maltratados e expurgados pela sociedade.

A grande diferença que está nesse Deus trinitário é que sua grande força é o Amor. “No seu amor passível e apaixonado é que reside a sua onipotência, não em outra coisa”.⁷⁹ Desta definição é que brota uma nova visão sobre Deus. A libertação que vem d’Ele não vem do poder, mas pelo amor. Não vem pela imposição, mas pela fraqueza que se faz doação. É a ação do Espírito de Deus, o espírito vivificador, que faz surgir para a humanidade um futuro e uma esperança.

Esse mesmo espírito que agia em Jesus, e que tornou possível o evento da ressurreição, é o que liberta os pobres e oprimidos. A ressurreição deve ser experimentada nos diferentes momentos da história, em sinais que trazem vida para o povo, em especial o pobre e marginalizado. Como visto anteriormente, na compreensão pós-moderna, a liberdade humana é fruto do progresso e do desenvolvimento, pois com eles haveria possibilidade de os homens se tornarem verdadeiramente livres. Porém, percebe-se claramente que esse fator não é verdadeiro, pois se, por um lado, o progresso trouxe

⁷⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.202-203.

⁷⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.203.

grandes evoluções, por outro, implicou grande opressão e injustiça aos mais simples e humildes.

A ressurreição, todavia, não é experimentada nessa dinâmica, mas naqueles e por aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus. “A ressurreição não é experimentada nos avanços do progresso, mas sim nas sombras da morte, pelas forças vivificadoras do Espírito Santo”.⁸⁰ Portanto, a verdadeira liberdade não é percebida no progresso da humanidade, mas na ação do espírito de Deus, que age onde há marcas de morte para trazer sinais de vida.

O evangelho é dessa forma, grande notícia e alegria para os seres humanos. Nele, o ser humano se depara com a vida de Jesus e tudo que Ele foi para o mundo de sua época, trazendo vida nova às realidades atormentadas pelos sinais de injustiça e de morte. A falta de dignidade, de sonhos e de esperança do povo oprimido foi sendo dirimida diante do homem Jesus, que surgiu na região da Galiléia.

A ação de Jesus é reconhecida como concretude daquilo que se anunciara no AT. Neste contexto, “anunciar o evangelho significa anunciar uma mensagem alegre, a vitória, a salvação”.⁸¹ Essa dimensão vai se tornando realidade n’Aquele que traz à humanidade uma mensagem e uma palavra alegre, esperançosa, e oferece a todos a vitória sobre o mal e a morte.

A visão de Is 61 já é um prenúncio do que o povo estava a esperar. “O espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me para dar uma boa notícia aos que sofrem, para curar os corações desgarrados, para proclamar a anistia aos cativos, e aos prisioneiros a liberdade.” (Is 61,1) A promessa do “Messias” e a espera concentradas na boca do profeta vão aos poucos se tornando realidade na vida e na missão de Jesus. A ação vislumbrada na atitude profética no Antigo Testamento é concretizada no homem que anda pelas aldeias e cidades pregando o evangelho e anunciando a chegada do Reino de Deus, reino da liberdade.

Is 61, 1s coloca esses evangelho na boca do escatológico profeta messiânico, que está pleno do Espírito do Senhor e que cria salvação

⁸⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia* p. 203.

⁸¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 137.

por meio de sua palavra. Com vistas a Deus ele anuncia o imediato governo de Javé, sem limites e sem fim, e com vista ao homem, anuncia justiça, comunhão e liberdade. Seu público são os pobres, miseráveis, doentes e desesperançosos como aqueles que mais sofrem sob o afastamento de Deus e a inimizade dos homens.⁸²

Tal profecia de Isaías é nitidamente realizada na pessoa de Jesus Cristo: alguém que se encarna no meio do povo para lhe oferecer o amor, a comunhão e a libertação. A opção é clara. Não há como fugir dessa verdade, porque a clareza da opção feita por Jesus Cristo é a mesma que Deus fizera já na escravidão do Egito, voltando-se para o clamor e o sofrimento de seu povo.

A liberdade para quem? A liberdade é um convite para todos, mas ela é aceita somente por aqueles que acreditam no poder da libertação, oferecida não pelo mundo, mas como dom e dádiva d'Aquele que morre e ressuscita como sinal da chegada do Reino de Deus. Nele, a humanidade reencontra a possibilidade de ser e de viver.

A partir dessa constatação, convém ater-se um pouco mais à vida de Jesus que veio para ser o libertador dos homens e das mulheres. Essa ação libertadora é revelada pela sua palavra e por seus gestos. Estes foram concretos a favor de pessoas acometidas pelo flagelo do sofrimento e da opressão. Em seqüência, serão apresentadas algumas situações que evidenciam a liberdade de Jesus diante das leis e realidades e, além disso, a palavra de libertação que Ele oferece a seu povo.

2.2.1 Jesus, caminho de libertação

O Novo Testamento encarna toda a ação libertadora de Deus na pessoa de Jesus Cristo. Como diz o título dessa seção, Jesus é o caminho pelo qual chega à humanidade a verdadeira e autêntica libertação. A vida, os gestos, as palavras proferidas pelo profeta da Galiléia arrogam à vida de todos os povos a possibilidade de uma plena liberdade.

É preciso, antes de tudo, ter ciência de que Jesus, o homem de Nazaré, para ser fonte inesgotável de libertação, viveu em si mesmo uma

⁸² MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p.137-138.

profunda liberdade. Contudo, essa questão sempre gera nas discussões e nos questionamentos a grande pergunta: Jesus era livre? ⁸³ O fato de ter uma condição divina poderia criar n'Ele a possibilidade de não ser fiel ao Pai e, portanto, de pecar?

Essas perguntas que são dirigidas à pessoa terrena de Jesus, devido a sua condição de Filho de Deus, são dirimidas mediante a opção feita por Ele. Segundo Bruno Forte⁸⁴, o fato de não pecar não pode reduzir sua liberdade incontestável. Ele tem toda a capacidade e potencialidade em si, mas o que leva Jesus a não pecar é sua opção radical e seu processo de vida.

Houve, na verdade, uma legítima vida de liberdade em Jesus, a qual se manifestou na obediência radical ao Pai. Contudo, como conciliar a obediência com a liberdade radical? Parecem, *a priori*, termos contraditórios, pois a liberdade total poderia coincidir com estar livre de toda e qualquer realidade, seja instituição ou pessoa.

O teólogo acima mencionado entende que a história de Jesus é uma história que deve ser compreendida na liberdade.⁸⁵ Essa compreensão brota do fato de entender-se história como uma realidade aberta, na qual a ação do espírito vai abrindo e fazendo surgir novos caminhos e novas possibilidades. Percebe-se, a partir disso, que Jesus foi alguém conduzido pelo espírito, desde a sua encarnação até a sua vida pública.

Sendo assim, Jesus é o modelo mais concreto de um ser livre e plenamente realizado, pois se compreende sua história a partir da liberdade. Se esta, a dignidade da vida fica comprometida e abalada. A liberdade exerce um papel fundamental sobre o significado verdadeiro da vida humana e, por isso, deve ser buscada e vivenciada em toda sua intensidade. Entende-se que “a liberdade confere significado à existência e caracteriza o agir do homem. Onde a liberdade é espezinhada e oprimida, o homem como tal é espezinhado e oprimido: no desafio da liberdade está em jogo a dignidade da vida”.⁸⁶

⁸³ FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: História de Deus e Deus da História*, p.243.

⁸⁴ “O fato de que Ele não tenha conhecido pecado não significa que tenham faltado ao seu ser homem o risco e a fadiga da liberdade. A sua condição humana não esteve, menos do que a nossa, exposta à fadiga de viver, e portanto à gravidade das escolhas radicais, frequentemente árduas e difíceis”. (FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: História de Deus e Deus da História*, p.243).

⁸⁵ FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: História de Deus e Deus da História*, p.244.

⁸⁶ FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: História de Deus e Deus da História*, p.244.

A pessoa de Jesus revela um ser humano integral, totalizante, já que encontra em seu íntimo tal liberdade que adquire a possibilidade de se abrir à história que se avista a sua frente. Essa liberdade interior encontrada no homem de Nazaré é percebida como concreta quando das opções de Cristo, ou melhor, sua opção fundamental, que encaminha todo seu ser e seu agir.

Qual teria sido essa opção? A resposta é encontrada junto aos teólogos, que afirmam que o maior sinal foi demonstrado por Jesus no seu ser pobre. A sua pobreza revela e demonstra que dentro dele não há nada que o divida ou impeça de apresentar-se ao mundo como protótipo de homem livre.

O ser livre de Jesus aparece na sua escolha fundamental. Ela acontece numa ótica de pobreza que faz com que Ele seja ser alguém que opta profundamente pelos necessitados, oprimidos e rejeitados da sociedade. O que significa ser pobre⁸⁷ diante de Deus? Como nos define o Dicionário de Teologia, a partir de Francisco de Assis, a pobreza é despojar-se completamente daquilo que é matéria e humano, para confiar incondicionalmente em Deus.

Esta foi a opção fundamental de Jesus. Assumiu a pobreza radical para confiar inteiramente no Pai. Tal confiança permitiu a Ele a possibilidade seguinte, ou seja, viver para os pobres e oprimidos da sociedade. Essa escolha feita por Jesus está ligada àquilo que sempre foi seu horizonte, isto é, o Reino de Deus. O mesmo Reino acontece na atitude em favor dos desfavorecidos e marginalizados e o grande sinal de que ele está no meio da humanidade, como Cristo afirmou em Mc 1,15, é o que os discípulos de João avistam na interrogação a Jesus. “Ide informar a João sobre o que ouvis e vedes: Cegos recobram a visão, coxos caminham, leprosos são purificados, surdos ouvem, mortos ressuscitam, pobres recebem a boa notícia”. (Mt 11,4-5)

Estes sinais e gestos, atitudes em favor dos renegados socialmente, são uma verdadeira amostra de que o homem Jesus, presente no meio de seu povo, é a instauração e irrupção do Reino de Deus no meio da humanidade. A libertação humana brota da “loucura” e do “escândalo” divinos, assim reconhecidos pelos judeus e gregos. Deus que se encarna torna-se um de nós,

⁸⁷ A pobreza material que Francisco propõe em suas regras é o sinal contundente dessa pobreza radical do ser diante de Deus. Daí decorre a exigência de se comportar como pequenos submetidos a todos, servos de todos, e não como senhores e mestres. (LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário de Teologia*).

para sermos por Ele resgatados para a liberdade. “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou”. (Gl 5,1)

A grande novidade instaurada por Jesus é que a sua liberdade plena é revelada na entrega e na doação por amor. A sua liberdade é uma liberdade para o amor. Como já dizia Moltmann, o amor foi e é a grande força de Deus. Ele não usa e não precisa do poder humano, como os grandes guerreiros e chefes deste mundo, mas sua “arma” é o amor, derramado e difundido em nossas vidas pelo sinal da cruz, sinal de dor e sofrimento, mas, acima de tudo, sinal de salvação.

Essa novidade deve fazer brotar nos corações humanos a mesma escolha que Ele tomou diante do mundo e de suas situações. Entender que a liberdade é dar-se aos outros em plenitude, como sinal da mais profunda libertação – que é encontrada em Jesus, modelo de vida e de seguimento à humanidade –, é o caminho para a plenificação de nossa história humana.

No mais profundo da liberdade, Jesus se coloca como o homem totalmente livre por amor, totalmente orientado para o Pai e para os outros. Ele dá testemunho de que ninguém é tão livre como aquele que está livre da própria liberdade em razão de um amor maior. Livre de si ele vive para o Pai e para os outros: esta é a sua opção fundamental, que faz dele verdadeiramente ‘um homem livre’.⁸⁸

Diante dessa compreensão, compreende-se a radical opção de Jesus. Sua pobreza, que o faz livre por inteiro, torna-o capaz de escolher a vida em favor dos irmãos necessitados. Tal opção não foi simples, fácil ou plenamente aceitável, muito ao contrário, gerou amiúde situações de divergência, discussões e foi, igualmente, o início de todo o processo da condenação de Jesus.

A condenação de Jesus inicia no instante que Ele opta por aqueles que estão fora da sociedade. São excluídos do convívio social e religioso, considerados impuros e pecadores, sentem a opressão e a exclusão oriundas da lei da pureza e da fé institucional.

Por onde começa a libertação de Jesus? Além de sentir-se livre e sê-lo de fato, ele começa o processo pela valorização da pessoa humana. Jesus

⁸⁸ FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: História de Deus e Deus da História*, p. 250.

coloca o ser humano em “destaque”, ou seja, a centralidade da mensagem do anúncio da boa-nova é em vista da pessoa, não da lei nem da instituição. Não é mais colocada em prática a legislação humana, mas sim a única lei vigente que tem sentido, que é a do amor. Esse amor de Jesus faz com que Ele se coloque ao lado dos marginalizados e sofridos, pobres e abandonados pelos grupos dominantes e elitizados da época.

É notável o modo como pelo qual Jesus procura os enfermos, os humildes, os pecadores, as crianças, os estrangeiros. Todos eles têm algum tipo de ‘carência’: de saúde, de oportunidades na vida, de prestígio diante dos ‘justos’, de capacidades, de aceitação entre os judeus. Todos são marginalizados. Se têm valores, não os podem expressar. Os pobres, porque ninguém os ajuda nem lhes faz justiça. Os outros, porque a ‘sociedade’ os segrega escrupulosamente.⁸⁹

Percebendo que o povo está oprimido e que vive situações angustiantes e sofridas, sem alguém que o conforte e cuide, Jesus sente o apelo do Pai que o quer libertar de todo jugo e opressão. Cuidar da pessoa, resgatar sua dignidade, reacender sua esperança e devolver motivos e fundamentos para viver, eis a grande missão do homem de Nazaré.

Chama a atenção e deve-se tomar consciência dessa dimensão, o quanto o fazer-se pobre de Jesus foi determinante para sua escolha, sua vida e sua missão. Enfrentar grupos, ideologias, pensamentos em voga na sociedade da época, tudo isso não foi o suficiente para tirar d’Ele o horizonte e o núcleo de seu evangelho, isto é, o Reino de Deus a favor dos mais simples e pobres.

É importante visualizar que Jesus sentiu em sua carne a situação vivida pelos sofredores. Tem-se, muitas vezes, a tendência de diminuir essa ação, ao não colocar-se na mesma realidade em que se encontravam os pobres da Palestina, os rejeitados, os “impuros e pecadores”. “Jesus passou pela experiência de ser marginalizado, da denúncia, da acusação, das maquinações contra ele por parte dos centros do poder”.⁹⁰

Vale recordar alguns fatos ocorridos na história de Jesus que permitem perceber o conflito que surge da sua opção em relação aos grupos dominantes. Não restam dúvidas de que os grupos mais conflituosos com o mestre são os

⁸⁹ CROATTO, Seferino. *Êxodo: Uma Hermenêutica da Liberdade*, p.113.

⁹⁰ CROATTO, Seferino. *Êxodo: Uma Hermenêutica da Liberdade*, p.116.

fariseus e os mestres da lei. Detentores do poder, “donos” da religião e defensores da lei pela lei, tornam o jugo pesado e árduo para o povo, em especial para os pobres. Jesus mesmo os acusa e os alerta quando chama atenção para a lei que colocam sobre os ombros do povo, mas que eles mesmos não querem e nem podem carregar.

No capítulo 11 de Lucas, encontra-se uma forte crítica aos fariseus, os quais têm a sua vivência religiosa e social desmascarada por Jesus, pois Ele os acusa de incoerência, falsidade e falta de cuidado para com os mais necessitados. Os diferentes “ais” fazem com que os “poderosos” sintam-se atacados e incomodados em suas verdades e seus fundamentos inabaláveis. Tudo isso faz surgir em torno de Jesus um clima de animosidade e revolta das elites, as quais querem atacá-lo e matar. “Quando saiu daí os letrados e os fariseus começaram a atacá-lo violentamente e a fazer-lhe perguntas insidiosas, para apanhá-lo em suas palavras”. (Lc 11,53-54)

Porém, essa situação conflituosa não fez o Mestre recuar no intuito de libertar os homens e mulheres de toda e qualquer opressão. Ele é livre perante toda e qualquer realidade, seja grupo ou ideologia. A liberdade encontrada n’Ele é tão plena, ao ponto de não prender a nenhum projeto parcial. Nenhum grupo consegue a adesão total do “Filho do Homem”, pois seu projeto não está ligado a uma linha ou corrente de pensamento, mas está imbuído do espírito do Reino de Deus. Esse será o foco de toda ação de Jesus e dos discípulos que são convidados a seguir os mesmos passos do mestre.

A liberdade do profeta galileu impede-o de tornar-se escravo de qualquer sectarismo ou legalismo: ele vive no meio do povo, misturado com a massa dos pobres e dos pecadores, numa solidariedade serena e libertadora.⁹¹

Portanto, a libertação pregada, vivida e testemunhada pelo Mestre Jesus não está ligada a nada que não seja o projeto divino do Pai. Tudo que Ele realiza, os gestos, os sinais e os milagres que Ele opera, estão envoltos na dinâmica salvadora e libertadora do Reino, este marcado pela paz e pela justiça.

⁹¹ FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré: História de Deus e Deus da História*, p.260.

Como evidenciado no episódio da libertação do Egito, o povo fez a experiência do poder divino como “o Senhor”, mas não na conjunção com os poderosos e na relação patrão e escravos, mas na perspectiva do Senhor que liberta, ou seja, “Ele é o libertador”. Aqui, também o povo faz a experiência do senhorio de Deus, em oposição ao senhorio injusto que se manifestava nas ações dos grupos dominantes em detrimento dos povos sofridos.

Se a esperança messiânica desde Isaías e outros profetas era da vinda de alguém que pudesse resgatar a vida e a dignidade do povo, essa mesma se concretiza na pessoa de Jesus, como Ele mesmo se autoriza no evangelho de Lucas. Após ler o texto de Isaías, Cristo se apresenta ao povo na Sinagoga como encarnação do Reino de Deus. “Hoje, em vossa presença, cumpriu-se esta escritura”. (Lc 4,21)

Esta autoafirmação confirma a vinda do Reino. A esperança na mudança e na instauração de uma nova realidade para o povo enfim chegara num simples homem de Nazaré, como bem se interroga na Sinagoga: “Mas, não é este o filho de José?” (Lc 4,22) O anúncio feito por Jesus transforma as expectativas do povo, não mais ilusões políticas e apocalípticas, mas uma esperança messiânica e salvadora. “A chegada do Reino de Deus era aguardada como libertação do senhorio injusto, impondo-se a justiça de Deus no mundo. O Reino de Deus era a personificação da esperança e da salvação”.⁹²

Surge uma nova expectativa. A libertação da humanidade se aproxima, mas numa ótica diferente daquela esperada, pois emerge na dimensão do amor e da doação, e não na perspectiva da violência e da imposição. O próprio Deus toma a iniciativa do Reino, ao enviar seu próprio Filho ao mundo, por amor à humanidade. “Deus tanto amou o mundo, que entregou seu filho único, para que quem crer não pereça, mas tenha a vida eterna”. (Jo 3,16)

O amor libertador de Deus fez-se carne, tornando-se um de nós. Contudo, a iniciativa divina necessitou de uma correspondência humana, ou seja, somente pela acolhida da graça é que ela pôde agir na vida das pessoas e conduzir à libertação. “E ele é acolhido como graça, ou seja, o pecador se vê

⁹² HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Jesus Cristo, nosso Redentor*, p.75.

livre de sua escravidão interior”.⁹³ A graça se torna salvadora no momento em que o ser humano permite que ela aja em sua vida e vá conduzindo a sua história. Jesus se tornou libertador na ação do Espírito, que impelia sua vivências e O fazia agir em nome de Deus, pois, desde o batismo no Jordão, Ele teve atestada a sua condição divina: “...desceu sobre ele o Espírito Santo em figura corpórea de pomba e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho querido, o meu predileto”. (Lc 3,22)

O Espírito Santo que desce e a voz que anuncia a filiação credibilizam a missão de Jesus, o qual não age por si só, mas é revestido do poder divino para atuar em nome de Deus, como Filho querido e predileto. Por essa condição, pode anunciar uma liberdade salvadora, que como tal deve ser compreendida. “A liberdade que Jesus prega e realiza só pode aparecer como salvação”.⁹⁴

A partir dessa compreensão, há de se dar relevo a alguns relatos bíblicos nos quais fica evidente a opção de Jesus pelos pecadores, publicanos, enfermos, excluídos, os quais precisam lutar contra a lei vigente, seja religiosa ou social, a fim de serem reconhecidos como pessoas.

O ponto de partida dessa ação divina em favor dos pobres é contemplado nos milagres, que nada mais são do que sinais da intervenção de Deus na vida das pessoas. Os milagres não são a essência da pregação de Jesus e da vinda do Reino, mas são mostras de que este se aproxima por iniciativa divina. “Milagre e perdão dos pecados manifestam a mesma ação salvadora do Reino”.⁹⁵

Os diferentes milagres, em situações e contextos variados, apresentam a libertação do povo como sendo, de fato, o grande projeto de Deus, que vai tomando forma e se tornando concreto em Jesus. A opção pelo povo, sua libertação e o cuidado para com ele, vêm ao encontro daquilo que a humanidade significa para Deus, isto é, a paixão e a glória. “A paixão por Deus é inseparável, nele, da paixão pelo homem concreto, pois ela é também a paixão de Deus”.⁹⁶

⁹³ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Jesus Cristo, nosso Redentor*, p.76-77.

⁹⁴ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Jesus Cristo, nosso Redentor*, p.77.

⁹⁵ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Jesus Cristo, nosso Redentor*, p.77.

⁹⁶ VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*, p.85.

A paixão de Deus e a pela humanidade se concatenam, por isso é imprescindível que aquele que ama a Deus também se comprometa com o ser humano, já que este é criado à imagem e semelhança de Deus. Jesus revelou toda essa ligação ao ocupar-se verdadeiramente do ser humano, especialmente dos feridos em sua dignidade e valor na sociedade.

Ao valorizar as pessoas, ao se ocupar com elas e ao torná-las merecedoras da graça, acontece o processo libertador, o qual tem seu início em Deus, desde a criação até o ato supremo que é a ressurreição do Filho. Nos sinóticos, encontram-se relatos que corroboram essa predileção. O capítulo 12 de Mateus está repleto de fatos e acontecimentos que demonstram a liberdade de Jesus diante da necessidade humana, já que não deixa a lei dominar Sua ação em favor dos prediletos. Encontram-se, ainda, discussão em torno das espigas arrancadas (Mt 12,1-8), o paralítico presente na Sinagoga e a cura em dia de sábado (Mt 12,9-14), a cura do surdo-mudo (Mt 12, 22-30).

Esses são alguns dos textos que mostram a atividade libertadora de Jesus. Ele sobrepõe à lei o mandamento do amor, destinado, acima de tudo, ao ser humano. Em todos os episódios relatados pelos evangelistas, a lei condena, exclui, marginaliza, mas o amor aproxima, acolhe, cuida e se importa. Todos esses relatos possuem a sua particularidade, pois trazem em seu bojo uma situação concreta que desestrutura a lógica dos fariseus e dos judeus.

Jesus nega a supremacia da lei, do absolutismo do cumprimento de todas as normas em detrimento do ser humano. Ele jamais conseguiu colocar qualquer realidade acima do homem. Deus é o absoluto e, logo abaixo, como diz o Salmo 8, vem a humanidade, criada à Sua imagem e semelhança. “A evocação constante, por palavra e por prática, de que só Deus é o absoluto, de que nenhum poder humano é absoluto, que deve, ao contrário, referir-se constantemente ao homem concreto, à eficácia do poder sobre o homem concreto”.⁹⁷

Nos sinóticos, a prática de Jesus vai ao encontro da pessoa humana, em detrimento da lei que condena. Nos relatos anteriores, o leitor depara-se com a fome, a doença, o sábado como o dia sagrado, a impureza que brota da raça e do ser estrangeiro. Jesus, o libertador, não se deixa contaminar por

⁹⁷ VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*, p.81.

essas normas e torna-se, para muitos, verdadeiramente, o caminho da libertação.

Contudo, ainda não está nestes sinais, milagres e prodígios, a verdadeira libertação oferecida por Deus em seu Filho. Inclusive Jesus condena aqueles que apenas querem segui-lo por aquilo que vêem e presenciam, isto é, Ele não atrai para os milagres, mas para o seguimento que leva à libertação.

O grande sinal para a humanidade e o único que lhe será dado, como diz Jesus, é o sinal de Jonas (Mt 12,38-39; Mc 8,11; Lc 11,29-32). Este remete ao sinal da ressurreição, o maior de todos os que Deus realizou em favor do ser humano. A ressurreição é o sinal definitivo à humanidade. A libertação e a realização plena ganham sentido e força, humanamente, na ressurreição. É o ato salvador por excelência. A expulsão de demônios é o grande sinal da libertação humana. “A expulsão dos demônios representa a vitória de Jesus sobre o maligno, ou seja, a luta e o triunfo sobre o anti-reino”.⁹⁸

Nesta vitória, avista-se o grande sinal, ou seja, a ressurreição. Ali o poder máximo do mal, encontrado na morte, é devorado pela força invencível de Deus. A libertação é plena, pois o Espírito de Deus age em e a favor de Jesus, libertando-o das amarras do maligno. O próprio Deus se manifesta mais uma vez como Senhor, ao ressuscitar seu filho para a vida eterna. Moltmann vai nos mostrar que a força de Deus, a Sua onipotência, é manifestada na ressurreição de Jesus dos mortos.⁹⁹ É, portanto, a grande e prodigiosa obra de Deus para com seu Filho, mas também para toda a humanidade. Nesta força do espírito, se experiencia a vitória final do bem sobre o mal, de Deus sobre o maligno. Nenhuma força mais é capaz de arrancar das mãos do Pai a sua vitória, final e definitiva em Jesus Cristo.

Portanto, a morte de Jesus, aparente fracasso aos olhos humanos, é, na verdade, uma morte libertadora. Constitui um evento que, em si, demonstra a impotência diante da força humana, mas que recorda a opção de Deus pelos que são afligidos pelas forças opressoras. A morte de Jesus conduz à ressurreição e, ao mesmo tempo, demonstra o quanto o “*status quo*” dos poderosos é simbólico, pois tudo se torna fraco diante da força de Deus.

⁹⁸ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Jesus Cristo, nosso Redentor*, p.85.

⁹⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 104.

Por isso, onde age o espírito e a força divina, ninguém poderá atuar contra, pois ali reina a liberdade, como ensina Paulo na Carta aos Coríntios. O espírito de Deus é libertador quando opera em favor daqueles que estão presos sob as amarras humanas e sob as forças do poder e do mal. A ressurreição de Jesus é sinal para as gerações futuras de que nenhum poder humano é eterno e imbatível, ao contrário, ele perece ao ser combatido pela força de Deus, que é o amor derramado em Cristo e no coração de cada um que se faz discípulo do Mestre.

O projeto que animou Jesus, ou seja, a instauração do Reino de Deus, passa a ser também proposta de vida para os que querem seguir Seus passos. Os discípulos que acompanharam a caminhada de Jesus foram enviados por Ele desde Pentecostes a levarem pelo mundo afora o evangelho, a Boa-Nova do Mestre.

Por isso, nos relatos dos Atos dos Apóstolos, encontram-se vários prodígios e milagres sendo feitos pelos que seguiram o mesmo caminho. A experiência do Cenáculo fê-los sentirem-se fortes, encorajados e animados para o seguimento e para a missão. A força, a coragem e a autenticidade vêm assistidas pelo *paráclito*, o mesmo que atuou em Jesus e que agora é derramado sobre os apóstolos.

Assim, acompanha-se, no relato joanino, a experiência fundamental da missão apostólica. “E disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; a quem os mantiverdes, ficarão mantidos”. (Jo 20, 22-23) O Espírito Santo é soprado sobre eles, o que permite compreender que a missão dos discípulos não é uma nova missão, mas a continuidade daquela iniciada por Jesus. Eles são animados e conduzidos pelo mesmo Espírito, o qual é capaz de perdoar pecados, o que significa a força para vencer o maior inimigo do reinado de Deus.

Os atos dos apóstolos pós-pentecostes são relatados como sendo inspirados pelo Espírito Santo. Observando a vida de Jesus e sua ação a favor da humanidade, sobretudo pelos mais desfavorecidos, encontra-se n’Ele a força atuante de Deus na história, a qual se torna uma vivência de libertação. Do mesmo modo, a ação dos apóstolos tinha em vista a liberdade das pessoas, seja pelas curas ou pela pregação, pois ela haveria de levar o povo à conversão e a pedir o batismo, como inserção no projeto de Deus.

Nesse íterim, emergem acontecimentos como o do paralítico à porta do Templo, que, ao pedir esmola a Pedro e João, somente escuta a seguinte resposta: “Prata e ouro não tenho, mas o que tenho te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, põe-te a andar”. (At 3,6) A cura tem em si também a dimensão do perdão dos pecados, pois a cultura judaica trazia fortemente o pecado como raiz primeira de todas as doenças. Ao curar o que tem dificuldade de andar, os discípulos estão devolvendo a ele, excluído pelo erro e a enfermidade, a dignidade como filho de Deus.

Além das curas a pregação é, ainda, libertadora. O poder de convencimento à adesão do evangelho e da pessoa de Jesus Cristo, nos apóstolos, tem sua essência na força do espírito.

Então Pedro, cheio do Espírito Santo, respondeu: Chefes do povo e senadores: por ter feito um benefício a um enfermo, hoje nos interrogais sobre quem curou este homem. Pois conste a todos vós e a todo o povo de Israel que foi em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem crucificastes e Deus o ressuscitou da morte. Graças a ele, este homem está curado em vossa presença... nenhum outro pode proporcionar a salvação: não há outro nome sob o céu, concedido aos homens, que possa salvar-nos. (At 4,8-10.12)

Mesmo diante de adversidades, de poderosos e dominadores, eles não conseguem silenciar, pois a força interior trazida pelo Pentecostes impele-os a caminhar, pregar, anunciar e a defender o evangelho em qualquer circunstância. Há uma libertação pessoal, pois os mesmos amedrontados de antes do evento *cruz e ressurreição* são agora testemunhas vivas de uma proposta de vida e de salvação à humanidade.

Desse modo, percebe-se que a ação do espírito, que recorda a força divina, é capaz de criar libertação naqueles que permitem que ele aja em suas vidas. Ao mesmo tempo, é dinamismo para lutar pela liberdade daqueles que estão oprimidos e jazem sob o jugo da escravidão e do pecado.

Sob este prisma, veja-se, na sequência, a releitura e a teologia que brota da ressurreição de Jesus, que é também a vinda do Espírito de Deus sobre os homens e mulheres. A Teologia paulina ajuda a compreender o significado da ação do Espírito Santo para a humanidade, que deve viver numa nova perspectiva a sua história, não mais sob o jugo do pecado, mas sob a graça de Deus, a qual é liberdade e vida para todo o universo.

2.2.2 Libertação para a Nova Criação: liberdade segundo o espírito e não mais segundo a carne

Até o presente momento, abordou-se a história de Jesus, sua atividade em vista do Reino de Deus, e estabeleceu-se a íntima relação entre Sua vida e a libertação humana, além de terem sido analisadas as atitudes dos apóstolos em nome do Senhor Jesus. Torna-se conveniente, então, apontar a leitura pós-pascal feita no Novo Testamento, muito particularmente na pessoa de Paulo, retratada em seus escritos e em suas cartas.

A fé no Cristo, o ressuscitado, é fundamental na Teologia do Novo Testamento – NT –, pois ela retrata mais fortemente a ação de Deus em de Cristo? A atividade de Jesus foi libertadora, o que revela o projeto de livre-arbítrio que está na essência do plano de Deus. Toda a caminhada pelas aldeias e cidades foi um caminhar motivado pela libertação humana. Porém, ela teve seu ápice no evento *morte e ressurreição*. Na verdade, este corrobora toda a ação de Jesus, do contrário, teria sido mais um revolucionário ou profeta derrotado e abandonado em seu destino.

Cabe questionar: que fé o cristão tem? Ou, em que fé ele crê? Os discípulos de Jesus crêem na salvação pela fé em Cristo. Ou seja, o horizonte de sua fé é a salvação, que é oferecida por Deus por meio de Jesus. “A fé em Cristo significa o reconhecimento de que Deus falou por ele, através de sua vida e de sua palavra, de sua morte e de sua ressurreição”.¹⁰⁰

Deus agiu, portanto, na pessoa de Jesus Cristo. Crer nisto significa à humanidade uma nova abertura, uma nova vida, isto é, a possibilidade de ser e viver para uma realidade renovada/ diferente. Há uma nova criação, uma dimensão diferente para todo o universo, pois o que antes era passivo e entregue ao reino da carne e, portanto, do pecado e da morte, agora está sob a vida e a força novas, oriundas do Espírito de Deus.

Qual é a grande novidade ou mudança que a ressurreição e, conseqüentemente, a fé, nessa dimensão, traz para todos? Segundo Croatto,

¹⁰⁰ CROATTO, Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*, p.147.

“a fé em Cristo liberta de tudo aquilo que não é a manifestação da verdadeira face de Deus. Outorga a ‘verdade’ plena, verdade que ‘nos faz livres’, porque é a luz de uma palavra-acontecimento que nada tem a ver com as estruturas do mundo pagão-cósmico ou judeu legalista”.¹⁰¹

Nota-se, nesse princípio, que há, de fato, uma grande novidade, pois é derrubado o conceito sobre Deus, vigente na época. A relação do Pai com os seres humanos e o mundo criado recebe outra conotação, já que um novo patamar e horizonte se abrem numa nova perspectiva. A fé em Deus, a partir do evento *Cristo*, permite ao ser humano ir ao encontro de uma fé mais verdadeira, sincera e autêntica. A ela pode-se chamar “fé madura”.

O que se via até então era a ideia de um Deus “carrasco”, “guerreiro”, capaz de acabar com a obra criada. Jesus, desde a encarnação, apresenta um Deus diferente, que Ele mesmo chama de “Abbá”, ou seja, alguém muito próximo, com o qual se estabelece uma relação intensa e muito íntima.

Quem, na Teologia, trabalha muito intensamente essa novidade é Paulo. Na Carta aos Romanos, de modo particular, ele ressalta a ação libertadora de Deus por Jesus Cristo no Espírito Santo. A partir desse evento, a humanidade se vê liberta dos poderes malignos para viver na profundidade do mistério divino manifestado em Cristo. Ele veio “arrancá-la” do poder das trevas e levou-a consigo para o reino de Deus.

Esse reino tem a marca da liberdade. Os filhos de Deus experienciam, nessa dimensão, uma vida nova, não mais marcada pela morte, pois são introduzidos na vida com Cristo. “Para Paulo o reino de Cristo é, ao mesmo tempo, o reino da liberdade dos filhos de Deus. O Evangelho do reino de Deus é o Evangelho da libertação do povo: quem anuncia o futuro de Deus, essa traz a liberdade ao povo”.¹⁰²

Na compreensão paulina, o reino de Deus é o reino da liberdade dos filhos de Deus. O povo sente e vive a libertação oferecida pelo Senhor e começa a fazer parte do mesmo reino que Cristo veio trazer. De acordo com Moltmann, esse reino é sinal de uma nova criação. “Quem põe a ênfase no

¹⁰¹ CROATTO, Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*, p.148.

¹⁰² MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas* p.139.

reino de Deus tem em mente o espaço e a nova ordem de todas as coisas segundo as instruções de Deus e fala do futuro desse reino”.¹⁰³

Há uma nova realidade, um novo “mundo”, segundo Moltmann. Nessa dimensão, aparece a perspectiva de uma grande novidade, isto é, a vitória da vida sobre o poder da morte. Esse triunfo, contudo, há de se concretizar no futuro e não no agora; uma vez que, no presente instante, há sinais concretos e visíveis que permitem avistar ao largo tal realidade divina, mas somente no futuro a experiência será plena.

Moltmann define a existência vindoura de uma nova criação estabelecida por Deus. Os termos *glória* e *nova criação* instauram uma identificação na obra do autor, pois, para ele, “o reino da glória é idêntico com a nova criação”¹⁰⁴, no qual se vê todo o poder de Deus, o mesmo que já irrompe na história atual, porém não de forma plena e totalizante.

Todavia, há, segundo o teólogo, já uma presença e um constante domínio de Deus na história atual. Diante dos sinais de morte no mundo moderno, surge e atua o agir recriador e vivificador de Deus. São sinais e ações do Espírito de Deus, o mesmo que ressuscitou Jesus dentre os mortos. Por isso, pode-se afirmar, como Paulo, que “ali onde está o Espírito do Senhor, ali reina a liberdade”. (2Cor 3,17)

Essa é a boa-nova que o mundo recebeu. O Evangelho foi, na história, o acontecimento mais pleno de libertação que se pôde vivenciar. Os pobres e marginalizados são constantemente “reconstruídos” em sua dignidade pela ação libertadora do evangelho. “O Evangelho promete aos pobres o agir vivificador e recriador de Deus. O Evangelho é realista e não idealista: ele não traz nova doutrina, mas nova realidade”.¹⁰⁵

Essa realidade que os pobres sentem na terra, perante a proclamação evangélica, é também a realidade que está reservada aos que creem na realidade futura. Na nova criação, todos são libertados das amarras, das prisões, das possessões demoníacas muito comuns na época. Nela, tudo é

¹⁰³ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas* p.140.

¹⁰⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas* p.142.

¹⁰⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p.142.

novo e todos sentem por inteiro a liberdade oferecida por Deus, desde o povo do Egito, mas plenificada na encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus.

Toda essa realidade, refletida por Jürgen Moltmann, vem muito bem expressa por Paulo, que, na Carta aos Romanos, busca mostrar essa liberdade que foi conquistada por Jesus para a humanidade. O ser humano, liberto, experimenta a graça de Deus, todavia, deve viver como tal, ou seja, deixar de lado a vida até então baseada na carne, para viver segundo o espírito.

Nos capítulos de três a oito de Romanos, Paulo condensa toda a sua teologia. Ela vem ao encontro da fé sustentada pela ressurreição de Jesus. Ele nasce para uma nova vida, há uma nova dimensão, ou mesmo, como já afirmado acima, uma nova criação. Para ele, foi fundamental a experiência pessoal, quando reconheceu na própria carne a ação da graça de Deus. A experiência de Deus feita por ele é a vida nova que surge da ação do espírito.

A grande novidade trazida e enfatizada pelo apóstolo é que a humanidade passou da lei à graça. Não é mais aquela que salva e liberta, mas é o espírito. Não se vive mais sob o jugo opressor da lei, mas sob o prisma da liberdade trazida pelo Espírito de Deus. A grande luta de Jesus contra os grupos vigentes da elite da época parece ter tido seu horizonte clareado, pois eles viviam a partir do cumprimento da lei por si só. Ele, porém, sempre buscou a libertação da pessoa humana, ocupando-se com sua realidade e sua situação.

A luta de Paulo é intensa, pois se trata de uma reviravolta na ideia de salvação e na vida de fé e cultura do povo. Se até então a lei era a única possibilidade de ser “puro” diante de Deus, não mais se vive nesta perspectiva. O que torna a pessoa justa, a partir desse momento, não é o mero cumprimento de leis e normas. Muito ao contrário, Paulo defenderá a posição de que a lei torna o homem escravo e o aprisiona”. Nessa concepção, o que dignifica a pessoa humana é a aceitação e a fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado por Deus.

A grande afirmação confirmada nessa nova visão de salvação é a de que todos foram libertados por Jesus Cristo. A ação que permitiu essa nova vida e liberdade foi a ação do Espírito de Deus. Ao agir na morte de Jesus e trazê-lo à vida, mas numa nova realidade, também na comunidade. Ele liberta do pecado, assim como salvou o Cristo da morte. Na verdade, Paulo afirma

que há três grandes alienações humanas, que requerem a libertação: pecado, morte e a lei.

Toda alienação é desfeita pelo Espírito de Deus. “A lei do Espírito, que dá a vida em Jesus Cristo, nos libertou da lei do pecado e da morte”. (Rm 8,1-2) Para isso, ele contrapõe as duas histórias, a de Adão e a história de Jesus. São dois momentos opostos, sendo que um leva à morte e o outro leva à vida.

Paulo desenvolve a comparação antitética entre as duas linhas de solidariedade, a de Adão, que vai do pecado de um à morte de todos, e a de Cristo, que da obediência de um só se derrama dom de graça sobre todos. A comparação paulina entre Adão e Cristo serve para ressaltar a desproporção entre os efeitos das duas histórias contrapostas. O julgamento de condenação sobre todos os homens parte do pecado de um só. A comunicação da graça, ao contrário, parte de muitas quedas e termina, por meio de um só homem, Jesus Cristo, na justificação de todos.¹⁰⁶

Certamente, no primeiro homem habitou ainda o espírito da carne, o qual o levou a pecar. Deixando-se influenciar e dominar pelo mundano, acabou por se afastar de Deus, sendo dominado e “derrubado” pelo pecado. Para que a história humana pudesse recuperar a sua dimensão escatológica, de vida e salvação, foi preciso que outro agisse em favor dela. Este foi Jesus Cristo, na ação do Espírito divino, que operou n’Ele a sua maravilha.

A justificação, para Paulo, é fruto da adesão à graça e à justiça oferecidas e derramadas por Deus. “De fato, se através de um só homem reinou a morte por causa da falta de um só, com muito mais razão reinarão na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça, por meio de um só: Jesus Cristo”. (Rm 5,17)

A libertação concedida aos seres humanos faz com que eles busquem não mais recair no antigo regime, o da lei e do pecado, ou seja, o reinado da carne. Todos são chamados a viver sob um novo prisma, uma nova realidade, em uma nova condição: a condição de filhos de Deus. “A passagem da escravidão sob o pecado para a liberdade já aconteceu para os fiéis imersos em Jesus Cristo pelo batismo”.¹⁰⁷ A condição de ser livre pelo batismo coloca

¹⁰⁶ FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*, p.524.

¹⁰⁷ FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*, p.525.

nos ombros da humanidade a responsabilidade de viver nesta condição, não mais se permitindo agir como antes, sob o regime da lei e do pecado.

Neste contexto, poder-se-ia questionar: que liberdade é essa que leva à escravidão de pecado? Rinaldo Fabris ajuda a desmistificar essa dúvida ao afirmar que a liberdade verdadeira não pode ser aquela que leva ao pecado e à morte.

Mesmo que a lei seja alheia a esse processo de libertação, porque ela pertence ao velho regime de escravidão, os batizados não podem, em nome de uma pseudoliberalidade, recair sob o controle do velho patrão. De fato, eles já saíram do domínio de pecado graças à obediência da fé com a qual acolheram o anúncio do Evangelho.¹⁰⁸

Fica evidente que o cristão, aquele que mergulhou na vida e na graça de Deus, tem a grande missão de não mais viver como outrora. A realidade se transformou, tornando-se, de fato, vida livre, que deve levar a uma vivência a serviço de Deus e de sua justiça. Dizia Paulo que “a liberdade cristã age na forma paradoxal de se tornar ‘escravo’ da justiça, que coincide com ‘servir a Deus’”.¹⁰⁹

É muito interessante esse jogo de palavras usado por Paulo para denominar a liberdade. A partir do evento *Cristo*, os fiéis tornam-se “escravos” da sua justiça, ou seja, vivem como libertos por Deus e conduzidos por seu espírito. A maior liberdade, para Paulo, é aquela que leva a servir a Deus, vivendo para Ele e como Ele.

Diante de tudo isso, surge a definição de que o ser humano tem uma vocação para a liberdade. Ela é inerente à nossa condição, pois, sendo filhos de Deus, as pessoas não foram criadas para a escravidão e a morte, mas para a vida. Sentir esse chamado, aceitá-lo e procurar vivê-lo dentro dessa dinâmica é o que Paulo chama de fé. Para o apóstolo, isso é fé, ou seja, viver para a liberdade. “A fé consiste em a pessoa se entregar à sua vocação para a liberdade”.¹¹⁰

A experiência de fé que leva à liberdade deve também conduzir a uma vida nova. A prática que impulsiona e impele à vida é o espírito de Deus.

¹⁰⁸ FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*, p.526.

¹⁰⁹ FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*, p.526.

¹¹⁰ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p.47.

Através dele chega até o ser humano a graça divina, a qual não permite mais que o indivíduo viva a sua história pela força carnal, mas pela do Espírito. “O velho regime da letra e da lei é substituído pelo novo regime do Espírito”.¹¹¹

Paulo insiste muito nessa reflexão, pois acredita que há uma força muito grande e negativa que atua no ser humano. A pessoa tem seguidamente a necessidade de buscar revitalizar, de revigorar a vida trazida por Cristo. Contudo, sem a presença, o agir e a força vivificadora do Espírito, isso não se torna possível. Para Paulo, a carne recorda a fraqueza e a impotência humanas, sendo que, por isso, ela jamais poderá salvar a ninguém.

Viver é viver de acordo com a iniciativa divina, a qual veio de encontro à natureza humana. Paulo insiste muito na ideia de que Deus tomou o primeiro passo para socorrer a fragilidade humana e a ela oferecer o dom da salvação. A lei, segundo ele, não tem poder de salvar, pois é fruto da “carne” e, portanto, Deus usou de Jesus Cristo para recuperar o que se perdera pela ação da lei na vida humana.

Qual é a real intenção de Paulo? “O que Paulo deseja não é desacreditar o papel da lei, mas afirmar a iniciativa de Deus que, por meio de Jesus Cristo, seu Filho, elimina a raiz profunda da impotência humana para aplicar as justas exigências da lei”.¹¹²

A grande exigência dessa “nova criação” é a vida de acordo com o novo regime. Este é conduzido pelo Espírito que dá a vida, o qual é a força libertadora do regime do pecado e da morte. Ele agiu em Jesus Cristo, transportando-O para junto do Pai, não O deixando nas amarras da morte, mas concedendo-Lhe a vida eterna.

Tudo isso reitera que a vida segundo o espírito é ação divina, mas necessita que as pessoas aceitem e queiram caminhar dentro dessa perspectiva. A iniciativa de Deus mostra que “a ação libertadora de Jesus Cristo a favor dos fiéis se manifesta como possibilidade de que neles se realize ‘a justiça de Deus’”.¹¹³

Contudo, cria a possibilidade, mas não desqualifica a ação humana. O fruto da graça de Deus derramada em favor da libertação dos homens e

¹¹¹ FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*, p.528.

¹¹² FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*, p. 530-531.

¹¹³ FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*, p.535.

mulheres está ligado à acolhida, à aceitação e à disposição em caminhar segundo esta expectativa. Os efeitos dessa iniciativa passam por aqueles que vivem “segundo o Espírito e não segundo a carne”. (Rm 8,4)

Assim sendo, Paulo ajuda – e muito – a compreender que o evento de morte e ressurreição de Jesus Cristo trouxe à humanidade um novo rumo e um novo significado a sua vida e a sua história. Viver de acordo com Espírito de Deus é não mais viver conforme o mundo, mas segundo o Cristo.

A liberdade sonhada e buscada pela humanidade encontra na ressurreição seu ponto focal, ou seja, é nela que se fundamenta toda a vida dos cristãos. A ressurreição de Jesus é sinal de que sua vida não foi em vão e que o poder de Deus, manifestado no seu Espírito, é maior que qualquer força humana. Deixar-se guiar por ele é condição para bem viver a vocação de seres livres.

Portanto, para que se tenha vida e vida em abundância, vale a definição de Fabris sobre a ação permanente do Espírito de Deus:

A presença permanente do Espírito nos fiéis se contrapõe à do pecado que ‘habita’ no ser humano e lhe impede de realizar o bem proposto pela lei de Deus. O Espírito é um dinamismo de libertação para a vida comunicado por Jesus Cristo aos que crêem.¹¹⁴

Os cristãos se tornam verdadeiramente cumpridores de uma nova vida sob a ação permanente do Espírito de Deus. É mister que cada pessoa abra sua mente e seu coração a ele, a fim de que em sua história, marcada pelo poder da “carne”, não prevaleça mais o poder do pecado, mas tenha prevalência a força libertadora de Deus, manifestada e enviada na pessoa de Jesus Cristo.

A resposta positiva a essa iniciativa cria uma fé madura, que encontra em Jesus Cristo o caminho para a verdadeira libertação. A liberdade plena sonhada pela humanidade é encontrada na vivência daquilo que Jesus viveu e experimentou, isto é, o poder e a força de Deus na libertação da morte para a eternidade.

¹¹⁴ FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*, p.537

Assim sendo, contemplamos a e na pessoa de Jesus Cristo a possibilidade de libertação para a humanidade. Não é possível encontrar a liberdade, a partir de uma visão real e autêntica, que esteja distante do evento Cristo, pois Ele viveu de modo intenso e pleno a liberdade, a qual está associada ao amor ao próximo e a vida feita doação aos irmãos e irmãs, muito especialmente, os oprimidos e necessitados.

3 A LIBERDADE CRISTÃ COMO SERVIÇO À LIBERDADE HUMANA

Quando se analisa o tema liberdade ou libertação, desejo incessante do ser humano, tem-se por objetivo chegar naquilo que, de fato, permite visualizar essa compreensão mais próxima do real. Nessa dissertação, abordou-se a compreensão de liberdade na história, desde as suas origens gregas até a pós-modernidade, além de se acompanhar a história bíblica, na qual Deus se revela como o libertador. Chegou-se, pois, ao ponto nevrálgico do presente trabalho: a liberdade cristã, a verdadeira e plena liberdade.

O primeiro aspecto a ser abordado é a liberdade de comunhão. Como entender e assimilar que a liberdade humana está na vida do e para o outro? Isso não leva à repressão da liberdade individual? A interdependência de outrem não coíbe a liberdade particular?

3.1 A LIBERDADE DE COMUNHÃO

No primeiro capítulo, abordou-se a liberdade compreendida como domínio. A dominação é uma das formas de liberdade, contudo, nela, só é livre quem tem o poder de subjugar, enquanto todos os outros estão submissos as suas ordens e opressões. Uma segunda forma de considerar a liberdade é na sua dimensão de comunidade. Essa concepção se opõe à ideia moderna e pós-moderna, na qual vale apenas a verdade, os gostos e os desejos individuais.

Como compreender a liberdade como liberdade de comunhão? A grande referência para essa concepção é Moltmann, que trabalha muito bem essa ideia, a partir do Espírito de Deus. Antes de apresentar as reflexões do teólogo, contudo, cabe definir o termo *comunhão*. Em consonância com o que afirma o Dicionário de Teologia, não é simplesmente uma comum união, mas é algo partilhado por todos e, portanto, comum.

Communio não vem como ser crê e escreve espontaneamente, de cum (com) e unio. Vem de cum e munis, adjetivo derivado de múnus (carga, dever), significando “que cumpre seu encargo”. É então comunis o que “partilha o encargo”, e em sentido derivado, o que “partilhado por todos”, portanto, comum.¹¹⁵

Como definir, portanto, a liberdade nessa perspectiva? Moltmann considera, nessa ótica, “liberdade, como qualificação das relações das quais e nas quais as pessoas vivem”.¹¹⁶ A liberdade, segundo o autor, se qualifica na relação, e essa, a partir do amor para com o outro. É na dinâmica do amor que a liberdade se concretiza.

Se, na liberdade de domínio está presente a força de um sobre os outros, na de comunhão, todos devem ser respeitados, cuidados, amados e

¹¹⁵ LACOSTE, Jean-Ives. Dicionário de Teologia).

¹¹⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, p.118.

reconhecidos como tal. Esse novo jeito de definir a liberdade causa estranhamento ou, no mínimo, chama a atenção, pois leva ao questionamento: se é na relação, no estar e abrir-se para o outro que a liberdade é plena, o outro não restringe a condição particular de ser livre? Contudo, Moltmann compreende da seguinte forma a liberdade de cada ser humano:

Sou livre e sinto-me livre quando sou respeitado e reconhecido pelos outros, e quando da minha parte eu também respeito e reconheço os outros. Torno-me verdadeiramente livre quando abro a minha vida aos outros e a compartilho com eles, e quando outros abrem sua vida para mim e compartilham-na comigo. Então o outro deixa de ser para mim a barreira e passa a ser o complemento de minha liberdade. Vida é comunhão na comunicação.¹¹⁷

Emerge um novo paradigma, um modelo original de entender o que, de fato, é liberdade. De dominação passa-se à comunhão. De opressão, à vida partilhada. Entendendo-se a comunhão não como comum união, mas como partilha comum, encontra-se realmente a liberdade, em consonância com as reflexões de Moltmann, na partilha de vida. Abertura e reciprocidade são sinais de uma vida que busca a libertação e caminha em sua direção.

A grande novidade nesse novo modo de ver e definir as coisas está em que a liberdade é construída no amor. Ele é, assim, a maior característica da liberdade-comunhão. Nele, encontram-se a mutualidade, o cuidado, a partilha, o respeito e o reconhecimento do outro que está próximo. O partilhar e o compartilhar são duas características próprias de Jesus, o qual é o grande modelo de ser livre encontrado na humanidade. A radical liberdade do homem da Galiléia será aprofundada posteriormente, após a análise dos requisitos para a vida voltada ao livre-arbítrio.

A mudança que acontece em relação à liberdade de domínio é que o outro deixa de ser um problema; ao contrário, ele é necessário para que a vida seja vivida e partilhada. O outro é apoio, auxílio, é fonte de libertação. “Na mútua participação na vida os indivíduos se tornam livres para além dos limites de sua individualidade”.¹¹⁸

¹¹⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.118.

¹¹⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.118.

Foge-se, dessa maneira, do individualismo, marca própria dos dias atuais, e vai-se em direção a uma vida pelo, com e no outro. Este se torna fundante e referência, não concorrente. É uma ideia notavelmente cristã, pois provoca a ruptura do “casulo” de individualismo que o mundo moderno provoca desabrochar no mundo sonhado, anunciado por Jesus Cristo. O Reino de Deus, grande projeto de Seu Filho, não pode ser pensado no *eu individual*, mas no *nós*, que caminha unido para a libertação da humanidade.

Moltmann se aproxima muito do critério básico do cristianismo quando entende que a verdadeira liberdade é o amor. Jesus, antes de sua despedida, recomendava aos discípulos: “amai-vos como eu vos amei e nisto reconhecerão que sois meus discípulos”. (Jo 13,34-35) Sempre esteve ligada à compreensão do Reino de Deus a liberdade de cada filho e filha Seus. De tal maneira, ele pode se chamar de reino da liberdade. Diria o autor supracitado: “a verdade da liberdade é o amor”.¹¹⁹

O amor como virtude, como ação, como modo de viver, sempre está voltado para o outro. Esse sentimento não pode ser abordado de maneira individualista, pois é somente na partilha e na vivência com o outro que a dimensão cristã é posta em prática. Não se ama tão somente o igual, muito pelo contrário, o verdadeiro amor se realiza naqueles que não podem retribuir o gesto amoroso de que foram alvo. Essa característica o transforma num amor desinteressado, livre e que abre a possibilidade de aproximação daqueles que estão distantes.

A inscrição, no Evangelho, “amai os vossos inimigos”, só pode ser compreendida na dimensão do amor e do Espírito de Deus, pois esse cria e abre sempre novas possibilidades, aproxima os diversos caminhos e reúne os indivíduos dispersos. Como é possível amar o inimigo se não for a partir da fé, da vida e do Espírito de Deus? O grande lema da liberdade de domínio – “divide et impera” – cai por terra, para vigorar a liberdade de comunhão. Esta não isola, separa ou distingue, como no domínio, mas nela “experimentamos a união de todas as coisas separadas”.¹²⁰ Dessa nova perspectiva em relação à vida e à convivência entre os seres humanos, podem ser criadas, de fato, novas comunidades, não mais marcadas pelo individualismo, poder,

¹¹⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.218.

¹²⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus, uma contribuição para a teologia*, p.219.

massificação e opressão, mas pelo respeito e reconhecimento de cada um que faz parte da vida na sociedade.

A dominação, inevitavelmente, oprime e escraviza, pois, segundo ela, sob seu império, somente o poder dá a liberdade, portanto, apenas aquele que o tem será livre. Entretanto, a liberdade de comunhão não se constitui mais mediante o prisma da separação, mas sob o da união e da fraternidade. Qual poderá ser a mudança prática na sociedade com esse novo jeito de conceber a liberdade?

Se os homens voltarem a unir-se entre si, com a natureza e com Deus, então serão superados tanto o estranhamento do homem para com o homem, como a separação da comunidade humana em relação à natureza, a divisão entre o corpo e alma e finalmente a angústia religiosa, e experimentar-se-á então a libertação. Liberdade como comunhão é, portanto um movimento em sentido oposto à história do poder e à luta de classes, em que a liberdade só pôde ser concebida como dominação.¹²¹

A partir dessa compreensão, há uma grande reviravolta na relação entre todo o universo. A relação de seres humanos entre si e com a natureza ganha nova configuração, não mais calcada na dominação, mas na vida de comunidade construída pela união, partilha e reciprocidade.

A dominação, própria da modernidade, visa à concorrência e à competição e as alimenta. A pessoa recebe seu valor mediante o que ela pode produzir e render para o mercado e é valorizada tão somente nesse âmbito. Caso não possa participar dessa dinâmica, automaticamente o sujeito é excluído e rejeitado. Assim foi também no tempo de Jesus, pois aqueles que estavam “fora da lei” recebiam como castigo a exclusão da vida social, religiosa e cultural.

É importante ressaltar que o Espírito de Deus tem papel fundamental na libertação, concebida na comunhão. Essa liberdade cria novas possibilidades, rompe fronteiras, derruba barreiras e forma uma nova comunidade. Aquele que está e vive separado recebe o laço da unidade perante a ação do espírito. Jesus, imbuído dele, viveu em prol da reunião de

¹²¹ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus, uma contribuição para a teologia*, p.219.

todos aqueles que estavam sob o jugo da escravidão e o fez mediante o amor e o reconhecimento da dignidade de cada ser humano.

A verdade da liberdade humana reside no amor que abre fronteiras. Ela conduz a comunidades desimpedidas, solidárias e abertas. Somente essa liberdade como comunidade tem condições de curar as feridas que a liberdade como dominação provocou e ainda provoca.¹²²

Talvez se possa identificar na liberdade da dominação uma das chagas mais cruéis para a humanidade atual, pois muitos são afetados pela imposição, opressão e domínio de outros, tendo sua liberdade e, conseqüentemente, sua dignidade infringida e abalada. A pessoa que não é livre está privada de uma das características mais especiais e nobres do ser humano e, portanto, não se encontra em plena dignidade diante da comunidade.

Na questão de abertura e permissão para que o outro possa habitar no ser e na vida de cada um, Moltmann usa uma definição que tem sua origem no alemão. Da língua germânica, brota um termo que denota e reúne as principais propriedades de alguém que é livre e permite a liberdade de outrem. Essa palavra é *gastfrei*, ou seja, hospitaleiro. Segundo o autor, o significado literal da palavra é “livre para hospedar”.

Por isso, Moltmann argumenta que comunhão é a outra raiz da palavra liberdade. Além de domínio, ela é também comunhão. “Aquele que é livre é amável, é prestativo, aberto, alegre, serviçal”.¹²³ A abertura que se pede para que o outro seja e sinta-se livre é compreendida a partir dessa definição. Para que outrem se sinta acolhido e reconhecido é preciso que haja alguém que seja capaz de acolhê-lo e hospedá-lo em sua “casa” – aqui compreendida como vida e história.

Segundo Moltmann, somente é capaz de acolher aquele que, de fato, for livre, pois, na sua liberdade, está apto para estar e viver em função de outro. Amar, estar aberto e ser prestativo é próprio de quem não traz amarras e

¹²² MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.219.

¹²³ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 118.

barreiras dentro de si, capazes de impedir que a vida e a história de outra pessoa perpassem a sua.

A marca própria de quem vive a hospitalidade é a abertura e a acolhida do outro, não importando como e quem seja. “Quem é hospitaleiro não exerce domínio sobre seus hóspedes, como também não fica sem hóspedes: ele possui capacidade para comungar com os amigos. Deixa-os compartilharem de sua vida e possui interesse na vida deles”.¹²⁴

A mudança, portanto, de conotação relativa à compreensão de liberdade é que a pessoa deve ser livre para poder tornar os outros livres também. A amizade, a convivência e o compartilhar são próprios de quem se encontra em tal condição. O não dominar, o não permanecer sozinho e o interesse pela vida do outro fazem da pessoa alguém em estado de liberdade, sem nada que impeça que a alteridade seja vivida e respeitada. A *gastfrei* é condição para que haja o amor pleno, sem interesses, o qual torna a outra pessoa feliz, realizada, livre e, portanto, digna de sua condição de ser humano.

Acolher e estar livre para hospedar gera pessoas livres. Essa Liberdade não se concretiza no encontro entre iguais, mas na reunião do diferente, do desigual. Tudo isso gera nova comunidade, ou seja, a vivência entre as pessoas de uma comunhão que faz com que tudo respeitado e, ao mesmo tempo, partilhado.

Essa ação de reunir o diferente é própria do Espírito de Deus, o agente da comunhão. A *Kênosis* do Espírito torna possível tal situação, pois, do mesmo modo como o Filho se rebaixa, humilha e desce junto à humanidade, o Espírito advém de Deus sobre toda a carne. Ele vem para comunicar a vida divina à humanidade e gerar uma comunidade de cristãos, aqueles que seguem os passos e o caminho de Jesus.

O que a comunidade dos cristãos possui de especial está menos no modelo social e muito mais nas experiências redentoras da comunhão com Cristo e nas experiências libertadoras do Espírito Santo, em suma, na certeza da comunhão com Deus.¹²⁵

¹²⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.119.

¹²⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.219.

Nas experiências com o Espírito Santo, que é também o Espírito de Deus e de Cristo, surgem novas realidades, que, acima de tudo, são libertadas pela ação do mesmo Espírito. Em vista dessa novidade, dessa nova criação, desse derramamento, como refere Moltmann, Jesus veio ao mundo. A Sua encarnação está ligada ao pentecostes sobre “toda a carne”.

As pessoas são animadas, acalentadas e recriadas a partir desse envio. Acontece toda uma transfiguração mediante a ação do Espírito Santo. A humanidade é revitalizada e recriada pela sua força, pela sua irradiação sobre cada um. Ele cria novas relações, pois permite que haja uma plena abertura de um para com o outro. A comunhão gerada a partir do Espírito de Deus é chamada de unidade criadora, na qual há a liberdade que respeita a individualidade, mas que também se abre para acolher e amar o próximo.

A unidade vem do único Cristo e leva à comunhão do Espírito. Trata-se, portanto, de uma unidade criadora, onde cada criatura deve realizar-se em si mesma e desenvolver o que lhe é próprio, e por isso mesmo relacionar-se com as demais criaturas.¹²⁶

Precisa-se tomar muito cuidado para que a relação interpessoal não seja compreendida como aniquilação da individualidade. Muito ao contrário, assim como o Espírito une os desiguais, mantém a individualidade, a característica própria de cada um. A liberdade e o relacionamento com o outro são caminhos muito próximos. O espírito não gera uniformidade, o que seria aniquilar cada um na sua peculiaridade, mas une aqueles que estão distantes e são desiguais na sua forma de manifestar sua condição terrena.

Que comunhão é desejada pelos seres humanos? é aquela também própria dos anseios da Igreja, ou seja, a que leva as pessoas a viverem e a buscarem sempre o bem, sinal do Reino de Deus. Qual é a missão da Igreja perante a dimensão atuante do Espírito de Deus?

3.2 IGREJA E SUA MISSÃO DIANTE DO ESPÍRITO

A Igreja – comunidade dos fiéis que caminham sob os cuidados de Deus, inspirados na vida de Jesus, o mestre, e animados pela força do Espírito

¹²⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 221.

– é chamada a ser, no mundo, um sinal de comunhão, de unidade entre aqueles que são tão diferentes. Moltmann busca, na imagem da Trindade, a inspiração primeira para viver, na comunidade, a liberdade e a relação motivadas pelo amor.

Unidade e uniformidade são termos opostos, mas comumente confundidos entre os grupos e gerações dentro da Igreja. Criou-se quase “uma assembléia uniforme”, dentro da qual não se vive e se respeita a diferença, mas, em nome de uma pretensa comunhão, aniquila-se o que é particular em cada pessoa. Por isso, é necessário que o ser humano se deixe conduzir pelo Espírito, o qual arranca o que divide e derruba as fronteiras que separam a comunidade, para, assim, criar a verdadeira comunhão.

Destarte, a Igreja é convocada para ser sinal autêntico e verdadeiro da Trindade, que constitui a comunidade perfeita, aquela que vive a comunhão e a liberdade, sem, contudo, perder a sua identificação enquanto Pai, Filho e Espírito. Nela, estão todos unidos, vivendo no amor, mas respeitando e reconhecendo a liberdade de cada um na sua missão para com os seres humanos: o Pai que cria, o Filho que salva e o Espírito que santifica a vida e para a vida.

A Trindade é sinal para que haja uma profunda comunhão entre as assembléias reunidas. Moltmann defende que o culto, a reunião religiosa, deve levar à missão, pois esta é o caminho para aconteça a plena comunhão na ação do Espírito. “A reunião serve à missão e a missão leva à vida plena e à comunhão viva do Espírito”.¹²⁷ Ainda acrescenta ele que a missão se torna urgente para a Igreja, pois o mundo hodierno está necessitado de alguém que aponte a verdadeira esperança no Reino de Deus.

A reunião serve à missão e a missão leva à vida plena e à comunhão viva do Espírito. A missão adquire sua figura concreta a partir da necessidade do mundo ameaçado pela injustiça, a violência, a aniquilação nuclear e ecológica. Ela tira sua esperança do horizonte do futuro do Reino de Deus.¹²⁸

¹²⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.222.

¹²⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.222.

Portanto, a Igreja, enquanto sinal da presença de Deus, é convocada pelo Espírito a ser no mundo um sinal. Urge em sua essência a necessidade de levar a Boa-Nova, a fim de interferir na realidade dilacerada pelas discórdias e injustiças. O mundo, maltratado em sua natureza, faz com que as pessoas percam a esperança no horizonte. Como esperar um novo reino no futuro se o *aqui* está quebrantado pela ambição, pelo poder e pela ganância humana?

Desse modo, a missão é urgente e eminente. Não se pode mais suprimir o anúncio do Evangelho do horizonte da vida e da vivência da religião e da fé. Ele é, desde sempre, a grande esperança dos povos, muito especialmente para aqueles que são “aniquilados” pela força opressora dos mais poderosos. O mundo que Jesus enfrentou não era muito diferente, pois também Ele, na sua missão, lutou pela instauração de um reino novo, não mais marcado pela força e o poder, mas pela busca da paz, da justiça e da vida.

A Igreja corre um sério risco dentro da “mística moderna”, calcada no individualismo. O mundo contemporâneo instaurou a centralidade no “eu”, o que fez com que a comunidade caísse em segundo plano, tornando-se apenas meio de cada um realizar-se a si mesmo, pensando tão somente em si. O que difere a comunidade cristã de outra qualquer, seja ela virtual ou até mesmo apenas um grupo organizado em torno de interesses afins? Moltmann responde da seguinte forma:

A comunidade de Cristo é uma comunhão de pessoas livres e iguais, que na variedade carismática de seus dons e de suas formas de vida estão aí uns com os outros e uns pelos outros. No ‘corpo de Cristo’, privilégios e tutelas são enfermidades.¹²⁹

Nesta compreensão que o autor apresenta, encontra-se uma nova comunidade, a qual ele chama de “comunidade de Cristo”. Sendo denominada dessa forma, ela deve ser também conduzida e viver imbuída do mesmo Espírito que animava a vida e a ação de Jesus. O viver e o estar para o outro são paradigmas que se opõem à corrente do mundo vigente, o qual busca o interesse pessoal de cada indivíduo.

¹²⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.223.

O Espírito que age na comunidade elimina e dirime todas as desavenças e diferenças. A comunidade não se torna, por isso, uniforme, mas, ao contrário, no respeito à individualidade, cada pessoa tem seu ser valorizado e, portanto, dignificado. Ela sente-se digna no instante em que é reconhecida como ser humano e sabe que há alguém que se importa com ela.

Moltmann é muito claro e incisivo na sua definição de comunidade cristã. Ela simplesmente não pode ser comparada com qualquer outra modalidade, pois nela a predileção e os privilégios são doentes, ou, como ele afirma, são enfermidades. Surge, desse modo, um grande desafio para a comunidade cristã, já que precisa construir seu alicerce numa dimensão contrária à perspectiva da sociedade moderna. Nesse sentido, cabe recuperar a grande fórmula que o Concílio Vaticano II propôs, quando da busca da “volta às fontes”: voltar ao cristianismo primitivo, isto é, ao modo como vivia a comunidade cristã. “Eram assíduos em escutar o ensinamento dos apóstolos, na solidariedade, na fração do pão e nas orações”. (At 2,42)

Os que foram conhecendo a Jesus, pela pregação dos apóstolos, gradativamente, se tornaram capazes de assumir um novo jeito de viver e se tornaram uma comunidade diferenciada, não mais marcada por inveja, disputa, orgulho, egoísmo e outros sinais de não fraternidade. A grande marca desse grupo era a vida partilhada e comprometida, para que todos tivessem o necessário em vista de uma existência digna.

Nessa concepção, o cuidado para com os outros ultrapassa o fator de serem iguais. A comunidade cristã deve buscar sempre mais a construção de sua identidade. Vive num mundo que incentiva e promove sempre mais encontros, com a convivência de grupos afins e a formação de novas instituições, mas, nem por isso, leva à constituição de uma comunidade cristã. Moltmann entende que esta apenas se forma no instante em que há o reconhecimento dos outros e participação na vida deles.

Então, não estão se formando muitos grupos na atualidade, mas poucas comunidades?

No relacionamento entre as gerações, a tarefa da comunidade cristã consiste em construir confiança mútua entre elas. Isto só será possível quando as diferentes faixas etárias de idade considerarem sua comunhão como uma comunhão no tempo, uma comunhão que abrange as diferentes fases da vida, e, portanto quando aprenderem

a compreender nos outros quem eles foram e quem haverão de ser, dentro de que limites eles viveram e quais as possibilidades com que poderão contar. Certamente é bom que grupos de jovens, grupos de jovens adultos, grupos de mulheres ou de homens e grupos de idosos se encontrem, mas o dito de 'que os iguais gostam de juntar-se aos iguais' ainda não é a comunhão cristã. Esta só começa com o reconhecimento dos outros e com a participação na vida do outro.¹³⁰

Frisa muito bem o autor do que se trata a comunidade cristã. Ela não é um simples encontro ou agrupamento de pessoas. São estas que formam uma convivência partilhada e comprometida. Reconhecimento e participação são dois termos muito usados para definir o que fundamenta uma autêntica comunidade que caminha nos passos de Jesus. Porém, cabe o seguinte questionamento: de onde brota a comunhão dessa comunidade?

A origem da comunhão está no próprio Deus. A união que Ele cria com a humanidade é referência para que os homens e mulheres também vivam entre si na mesma dinâmica. A comunhão de Deus com os homens cria a comunhão dos homens entre si. Isso gera confiança, tornando as pessoas capazes de crerem plenamente n'Ele. Moltmann ressalta que a confiança primeira é de Deus para com o ser humano. A partir dela, a humanidade aprende a confiar inteiramente no Pai.

A comunhão cristã nasce da comunhão de Deus com os homens e da comunhão dos homens entre si nesta comunhão com Deus. Ela surge da inesgotável e por isso sempre de novo experimentada confiança que Deus concede e que faz os homens sempre mais confiáveis. Sua palavra é a palavra da promessa e desperta a fé, na qual nos confiamos a Ele.¹³¹

A confiança que Deus possibilita que surja na pessoa humana permite que se forme uma comunidade verdadeira. A partir dessa comunhão, na experiência de perceber que alguém confia no seu potencial, nos seus dons e capacidades, o ser humano torna-se apto a confiar em uma realidade que esteja além do imanente. Sentir a confiança de outrem é condição para que se possa igualmente confiar nele.

¹³⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.224.

¹³¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.224.

Confiar, comprometer, reconhecer e participar são ações que acompanham aquele que se deixa conduzir por Deus e por seu Espírito e, a partir disso, comunga da mesma vida que está na essência divina. Permitir ser levado por Deus é, na verdade, deixar-se reger por seu Espírito, pois esse não mais separa e divide, mas reúne, compartilha e compromete.

A grande crise de muitas pessoas na modernidade está em sentir que a sua vida é insignificante para os outros. Mesmo dentro das multidões, elas sentem-se sozinhas, abandonadas, sem confiança; não estão mais aptas e sensíveis aos sinais de outros indivíduos, ainda que estes, inúmeras vezes, vivam em sua função. Acreditar e confiar no próximo é um grande desafio, já que perpassa a mesma experiência feita em relação à confiança que Deus tem para com cada homem e mulher. A fé cristã passa também pelas adversidades, sofrimentos, destruições e situações dramáticas que a vida, em seus desígnios, oferece. Assim sendo, a confiança e a comunhão com o próximo não passam apenas por situações agradáveis e prazerosas, mas pela aceitação do outro na sua particularidade.

“A firme confiança no próximo só surge quando reconhecemos e aceitamos a nós próprios e a ele, com suas franquezas e defeitos”.¹³² Acolher, aceitar e compadecer-se são algumas das atitudes muito presentes na vida de Jesus, o enviado do Pai e o pleno de Espírito. Diante disso, a missão da comunidade é tornar-se, ao modelo de Jesus, missionária, acolhedora e, sobretudo, misericordiosa.

O grande desafio para as comunidades é tornar concreto e real o Evangelho, pois este veio para ser a boa notícia a todos os povos, especialmente os necessitados, frágeis, débeis e pecadores. Sua proposta consiste em ajudar na construção de uma sociedade livre, igualitária, justa e digna para todos. Quaisquer povos, classes, nações, raças e línguas são transformados pela ação do Espírito, o qual derruba as barreiras da diferença e reúne os dispersos numa só família e comunhão.

Pela comum experiência do Espírito são abolidos os privilégios dos homens em relação às mulheres, dos velhos em relação aos jovens e dos senhores em relação aos escravos e escravas. No Reino do

¹³² MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.225.

Espírito cada uma e cada um experimenta seus próprios dons e todos experimentam a nova comunhão mútua.¹³³

Percebe-se, assim, que caem por terra todos os preconceitos, as diferenças, as desigualdades que separam os seres humanos. Todos são tornados iguais perante a presença e a força que brota do Espírito. A importância disso tudo, e que o justifica como missão da comunidade cristã, é ajudar a manter a humanidade em condições de igualdade, segundo as quais ninguém seja desprezado, excluído, rejeitado e colocado à margem do convívio em uma sociedade que tende a valorizar o indivíduo, o domínio e a competição.

Portanto, o grande passo a ser dado pelos povos e, mais ainda, pelas comunidades cristãs é sair do “casulo” criado pela cultura do domínio, para ingressar vivamente na liberdade de comunhão. O domínio isola e aliena, ao dominador e aos dominados, enquanto a comunhão abre possibilidades para todos, pois partilhar e compartilhar a vida e os dons é, comprometer-se e participar da vida do outro é marca de quem é livre e permite que o próximo faça a mesma experiência.

Em virtude disso, parte-se do pressuposto de que a missão da Igreja, ou da comunidade, esteja em sintonia com o Espírito. Ele leva à missão e, ao mesmo tempo, é o inspirador da ação missionária. Entender que a comunhão acontece sob a ação dele leva a Igreja a lutar pelas causas que reúnem as pessoas, que fazem com que uma participe da vida da outra, buscando vivenciar na intensidade plena o Evangelho de Jesus. Observe-se que Este foi gerado e viveu toda sua vida sob o impulso do mesmo Espírito e, para culminar, teve na ressurreição a ação dele por excelência, gerando vida e liberdade.

Nessa compreensão de liberdade de comunhão e de missão da Igreja mediante a ação do Espírito, é de suma importância a ideia de Deus que se tem em consideração. Ela serve para entender as razões fundamentais de tal liberdade, como também o Deus a ser anunciado pelos cristãos na sua vivência evangélica.

¹³³ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.226.

Concebendo-se um Deus onipotente, “todo-poderoso”, tem-se a noção de um rei, um monarca, um atroz dominador diante da fraqueza de seus súditos. A partir disso, pode-se muito bem justificar a liberdade de dominação: somente Deus é livre, pois é Ele que domina. Os seres humanos, ao contrário, são simples dominados, oprimidos pela força divina e, portanto, não são livres.

Por outro lado, pode-se partir de uma compreensão trinitária de Deus, em oposição à ideia monoteísta. O que muda com essa forma? Em primeiro lugar, muda-se Deus em sua essência. Em si, Ele mesmo não é mais o todo-poderoso, mas é vida partilhada e comunidade nas três pessoas da Trindade. A imagem da onipotência de Deus é mantida, contudo, sustentada não pela sua força, mas no rosto e na debilidade do crucificado. Moltmann insiste em sustentar o “Deus fraco”, aquele que na cruz e na “derrota” mostra e revela seu poder.

Onde reina não ‘o grande senhor do mundo’, mas o Pai de Jesus Cristo, aí abre-se o espaço para a liberdade das criaturas. Onde não reina ‘o grande senhor do mundo’, mas sim o Pai de Jesus Cristo, que por sua paciência sustenta o mundo, ali é aberto o espaço e oferecido o tempo para a liberdade das criaturas, mesmo em sua escravidão culposa.¹³⁴

Portanto, o Deus que possibilita a liberdade humana é apresentado por Moltmann como o Pai de Jesus Cristo, o Deus que se entrega, o qual aceita o sofrimento, e que, na debilidade e na fraqueza, revela o sinal libertador da humanidade. O Deus da liberdade não é aquele que oprime e reduz o espaço de suas criaturas, muito pelo contrário, permite que elas se realizem na sua condição de seres abertos e, portanto, livres.

Precisa-se, a partir disso, sustentar uma Teologia que manifeste não simplesmente a onipotência de Deus, mas que a considere dentro da que a insira na lógica do sofrimento, na imagem do crucificado, na morte redentora de seu Filho Jesus. Novamente percebe-se que Deus proporciona ao mundo uma desestruturação de conceitos e imagens pré-concebidas e construídas pela lógica humana. No lugar da força incomensurável de Deus onipotente, surge o

¹³⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.214.

Deus forte e poderoso no amor, sustentado pelo rosto sofrido e transfigurado de Jesus.

Tudo isso recorda e revela a bondade de Deus, pois Ele é capaz de sair da Sua condição para ser, junto à humanidade, o Deus crucificado, que se apresenta ao mundo como “o servo” por excelência.

Desse modo, se faz necessário que as comunidades cristãs anunciem, testemunhem e manifestem um Deus diferente da lógica e pré-concepção humanas, destituindo e transformando a ideia do Deus que tem todo o poder, para revelar ao mundo um Deus-amor, alguém que continua sendo poderoso, mas apenas na imagem do crucificado e, portanto, na lógica da doação, da entrega e do amor incondicional. Este gera vida e é condição fundamental para que haja uma sociedade e pessoas livres, para as quais haja espaços abertos para, como criaturas, viverem intensamente sua liberdade.

3.3 LIBERDADE COMO FUTURO

Tendo percorrido a compreensão de liberdade em suas diferentes configurações, chega-se, enfim, àquela que Moltmann definiu como verdadeiramente a liberdade cristã. A ela o autor chama de “liberdade como futuro”, que significa a “esperança libertadora”.

Após perseguir a definição desse conceito pela história, enfocando a liberdade de dominação e a de comunhão, alcança-se o sentido que melhor caracteriza a libertação cristã transfigurada na esperança que brota da ressurreição. O diferencial está no aspecto da ressurreição, que dá à humanidade uma nova esperança. Por isso, Moltmann entende que “a determinação da liberdade pela fé cristã ainda nos leva além da liberdade como comunhão”¹³⁵. Por mais que a comunhão seja um sinal visível da ação do Espírito de Deus, pois faz dirimir as desigualdades e injustiças, ainda não é a plenitude da liberdade cristã.

Nas anteriores, domínio e comunhão, há um encontro entre sujeito e objeto ou sujeito e sujeito. Nessa nova liberdade apresentada pelo autor, encontra-se o confronto do “sujeito com um projeto”.¹³⁶ Moltmann entende que

¹³⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.119.

¹³⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.219.

a liberdade só pode ser compreendida enquanto estiver na relação com um projeto. Sem essa dimensão, fatalmente será incompreensível, sem que o futuro permita que haja uma iniciativa criadora.

Liberdade, à luz desta esperança, é a paixão criadora pelo possível. Ela não é como o domínio, voltado sempre apenas para as coisas existentes. Não é também como o amor, voltado apenas para a comunhão das pessoas existentes. Ela está orientada para o futuro, o futuro do Deus que há de vir. Pois o futuro de Deus é o reino sem limites das possibilidades criadoras, enquanto o passado é o reino limitado da realidade. A paixão criadora está sempre orientada para o projeto de um tal futuro.¹³⁷

A esperança que brota no cristão é oriunda dessa abertura ilimitável que o futuro de Deus proporciona a cada um. É condição de vida para a humanidade, já que ela vive sempre com o olhar voltado para frente, onde surgem possibilidades, enquanto, no passado, reside apenas a antiga realidade. O ser humano vive sob a paixão do novo, do ilimitado e da novidade que possibilita o sonho principalmente porque este alimenta a esperança em um projeto renovador e restaurador.

Se a realidade atesta o fato, a experiência feita, o passado inegociável; o futuro, a esperança da vida nova, “de novos céus e nova terra”, forma na humanidade o espaço e a capacidade de olhar para a vida de forma positiva, otimista, esperando em Deus a manifestação da vida e da justiça.

Aquilo que a esperança na ressurreição e na vida reconciliada e realizada constata na realidade presente e experimentável do ser humano e do mundo como negativo, torna-se positivo no futuro esperado para o ser humano e para o mundo, para o Espírito e para o corpo, para Israel e para os povos, sendo expresso inicialmente como negação do negativo.¹³⁸

Essa mudança gerada na história abre ao ser humano uma nova possibilidade. Gera um novo olhar sobre a vida, pois, por mais que a realidade, amiúde machucada e sofrida, dê uma conotação negativa à história do ser, a luz oriunda da ressurreição e a esperança do futuro criam uma vitalidade nova,

¹³⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.119.

¹³⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p.272.

positiva, esperançosa, ou, como diz na Carta de Pedro: “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”. (2Pe 3,13)

A grande novidade que reside nessa liberdade é a sua perspectiva de criatividade. Moltmann afirma que a dominação está ligada à dimensão de propriedade. A de comunhão traz em seu bojo a função social. Enquanto isso, a paixão pelo futuro, como chama o autor, está na função criativa. Três realidades são contempladas por essas liberdades: “a primeira diz respeito ao ter; a segunda ao ser e a terceira ao devir”.¹³⁹

O que o mundo moderno trouxe à humanidade foi, sem dúvida alguma, um avanço inquestionável. Não é mais possível reduzirmos o mundo existente ao mundo atécnico, ou seja, desligado da tecnologia e da ciência. É consensual que a técnica e, com ela, a dimensão do ser tenham tomado conta da vida, do ser e da essência da pessoa humana. O ter sobrepuja o ser das pessoas, em sua grande maioria, mas nem por isso é possível destronar a tecnologia na vida humana. Aliás, seria um atraso incomensurável à humanidade.

Contudo, a mesma realidade, que é factual, não pode destituir os homens e as mulheres da vontade, do desejo, do sonho e, acima de tudo, da esperança de buscar e lutar por um mundo mais pleno e mais cheio de vida. Por mais que haja uma situação delicada, de muitos sofrimentos e, ainda, em muitos locais, uma cultura de morte – e, portanto negativa em relação ao ser humano –, é mister continuar ou então voltar a sonhar com novos tempos.

Sonhamos de novo acordados o sonho messiânico de uma vida nova, de uma vida sã, de uma vida enfim cheia de vida. Analisamos as possibilidades de futuro a fim de tornar realidade esta visão de vida. Esta visão futurista da liberdade por muito tempo deixou de ser percebida, porque a liberdade da fé cristã não era entendida como participação no agir criador de Deus e porque a cristandade era dominada mais pelo respeito religioso do que pela esperança messiânica. Mas na verdade liberdade na fé é criatividade que rompe as barreiras, nas antessalas do possível.¹⁴⁰

A realidade “doente”, no sentido de faltar vida, motivação, esperança e, talvez até, de haver um índice de depressão elevado, não pode ocasionar no

¹³⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.220.

¹⁴⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.119.

ser humano a incapacidade de sonhar. Pelo menos não no cristão, que continua a avistar luzes num horizonte em que poucos conseguem avistar algo de novo. O evento de Cristo cria, necessariamente, no cristão, a possibilidade de a realidade não ser o fim em si, mas de haver algo além daquilo que os olhos humanos podem contemplar. O povo no Primeiro Testamento fez experiências suficientes para não mais acreditar ou esperar algo em torno das promessas divinas. Porém, o profeta, como porta-voz dessa esperança, jamais deixou de fazer as pessoas enxergar, em um horizonte, a ação misericordiosa de Deus.

Por que adjetivar a atitude divina como misericordiosa? Porque a ação do Espírito de Deus, que é o próprio Deus, vem em socorro da fraqueza humana, a qual embasa e continua motivando opções contrárias ao projeto do Reino de Deus. O povo da aliança, por muitas vezes, não manteve a fidelidade ao chamado divino e as consequências foram as mais nefastas possíveis. O exílio é a maior prova de liberdade mal empregada, ao ponto de tornar-se profunda escravidão nas mãos de outros chefes e poderosos.

Exatamente nesse instante, o profeta *acende* a lâmpada da esperança messiânica ao povo exilado. Ele faz erguer-se o caído e encontrar rumo o que estava perdido e desolado. Faz o povo avistar que, nas mãos de Deus, está a vitória, a força que faz a humanidade sair de sua escravidão para a terra onde exista vida e vida em plenitude.

Moltmann usa a figura do anjo do futuro para demonstrar que não se constrói a vida olhando para trás, mas que é preciso avistar *lá adiante* a ação bondosa e querida de Deus.

Esse anjo do futuro não olha para trás, com tristeza ou ira, sobre os campos de destroços de nossa história humana. De olhos bem abertos, ele vê o futuro do Deus vindouro e anuncia o nascimento da criança divina. A ventania do divino Espírito sopra em suas asas e vestes, como se essa ventania o tivesse lançado para dentro de nossa história. Ele traz o nascimento do futuro a partir do Espírito da promessa divina.¹⁴¹

A figura do anjo recorda muito bem a presença constante de Deus na vida e na história humana. Não se pode negar o futuro no horizonte da

¹⁴¹ MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*, p.45.

peregrinação terrestre do ser humano. No instante em que ele perder essa dimensão, perde a vida. Como viver sem sonhar? Como sonhar sem esperar que aconteça? “Aprendemos a ter esperança quando dizemos sim ao futuro”.¹⁴²

Contudo, é possível, num mundo destruído, manter acesa a chama da esperança? É certo que só pode a pessoa esperar algo do inesperado quando souber olhar para o crucificado, pois, naquele período, a humanidade perdera toda e qualquer motivação para acreditar em algo novo, mas a resposta veio pela ressurreição. Neste evento, o Espírito de Deus reveste a vida e a história humana de esperança e permite aos homens e mulheres, de todos os tempos, a continuar sonhando com a abertura para a liberdade, trazida e oferecida por Deus em Jesus Cristo.

A esperança da ressurreição não põe termo ao que a morte tem de mortífero, fazendo com que pareçam como sem importância a vida e a morte, meros conceitos de uma transitoriedade de todas as coisas; ela anuncia a vitória do louvor a Deus, e por isso mesmo, da vida sobre a morte e sobre a maldição do abandono por parte de Deus, afirmando a vitória de Deus sobre a distância deste mesmo Deus.¹⁴³

Não restam dúvidas de que a morte é o maior desafio da esperança humana. Ela pode ser constatada no cotidiano de tantas pessoas, não só física, mas emocional e psicologicamente, pois há sinais constantes em tantos que deixaram ou deixam de viver. Ao cessarem de dizer sim à vida dizem não ao amor, à esperança e, conseqüentemente, à liberdade. Por isso, o evento do crucificado, em que a morte parecia ter tragado todas as forças humanas e até mesmo as de Deus, é a resposta de que a vitória pertence a Deus, “o poderoso”, e assim ao Reino do bem e do amor, reino da justiça e da liberdade, como reza o prefácio da festa de Cristo Rei.

As portas são abertas à humanidade mediante a ressurreição de Jesus. Aceitar esse acontecido, ou seja, a cruz e a ressurreição, “é um conhecimento cheio de esperança e de expectativas”.¹⁴⁴ A liberdade de futuro,

¹⁴² MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*, p.46.

¹⁴³ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p.266.

¹⁴⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p.267.

a qual é concebida por Moltmann como a verdadeira liberdade cristã, passa necessariamente pelo fato da ressurreição. Sem ela, a ação criativa de Deus é aniquilada. Esta é criativa no sentido de gerar, de abrir possibilidades, do contrário, se a morte tivesse a última palavra diante do ser humano, ele seria subjugado à condenação e à escravidão eternas.

Continuar a sonhar, a buscar novas experiências, a batalhar por novos espaços, sempre foi, na história, fundamentado na esperança do futuro. Tudo isso, contudo, é compreendido como sendo obra do Espírito Santo. Ele, desde as origens, criou e recriou novas realidades e situações, nas quais parecia que a esperança já se perdera. Paulo relembra essa ação, ao afirmar que o Espírito de Deus é vivificante, ou seja, traz vida às realidades amarradas ao peso da morte. Foi assim com Jesus e assim será com todos os que acreditam e aceitam a ressurreição do Filho de Deus.

Jesus também viveu nessa expectativa, pois tudo o que pregou, anunciou e viveu, enquanto ser humano e Filho de Deus, não teria nenhum fundamento a mais para a humanidade se não tivesse como pano de fundo a ressurreição. O fracasso aos olhos humanos é compreensível plenamente, se não passou de mais um *homem bom* que percorreu esta terra e foi crucificado diante de homens atrevidos, partidários do poder humano.

Jamais poderemos suprimir da vida de Jesus e de sua história a cruz e a dimensão escatológica com que Ele viveu o projeto do Reino de Deus. “Conhece-se o ser de Jesus Cristo a partir do fim e sua origem a partir de seu futuro. Sua história é compreendida à luz de sua revelação escatológica em sua ressuscitação dentre os mortos”.¹⁴⁵

Não sendo assim, não se consegue entrar na lógica da vida e da pregação de Jesus. Um homem de Deus abandonado, assim Ele seria definido sem o horizonte da ressurreição. Sem a espera do futuro, sem acreditar nas promessas divinas, os seres humanos também estão fadados aos fracassos. Foram essas a impressão e a ideia que ficaram na mente de todos aqueles que presenciaram a vida de Jesus e acompanharam o fato do crucificado. “A morte

¹⁴⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*, p.115.

de Jesus foi sentida como a morte do Messias enviado por Deus, e assim contém em si também a ‘morte de Deus’¹⁴⁶.

Jesus viveu pelo e para o Reino do Pai, chamado de Reino de Deus. Na história da Igreja e da Teologia, foi e ainda é usado o famoso axioma “já e o ainda não” para designar que o Reino de Deus veio até o homem na pessoa de Jesus e era perceptível naquilo que acontecia com os *sem voz* e os *sem vez*. Contudo, esse mesmo Reino ainda não chegou a sua plenitude, ou seja, ele aponta para sua concretude apenas no futuro. Tudo isso, segundo Moltmann, já estava no projeto divino desde a criação, a qual é o acontecimento em que Deus permite, na sua bondade, ao outro existir, e existir para o futuro. “O Reino do Pai consiste na criação de um mundo que se abre para o futuro”.¹⁴⁷ Na Teologia de Moltmann, a grande função e o objetivo da criação é a glorificação de Deus. A plenitude do Reino está na glória de Deus.

Essa glória está na vida do ser humano, mas a plenitude aponta para o porvir. É dessa premissa que brota a esperança da humanidade, a qual está baseada no grande objetivo da criação, indicando que não é o mundo presente o sinal maior de Deus, e sim, a manifestação de Sua glória. “O fundamento mais íntimo da criação não é a aliança, mas a glória”.¹⁴⁸ Num mundo imediatista e presentificado, apontar para o futuro requer uma atitude de abertura profunda, para conceber que a verdadeira promessa de Deus, por mais que seja real e providente no *aquí* da história humana, acontece de forma plena somente no futuro.

A atitude de espera e abertura para o futuro acompanha o ser humano, porém, Deus muito mais anseia pela sua criatura. Antes de a vontade humana querer encontrar-se com a graça divina, é o próprio Deus que confia nela. O ser humano nem sempre é coerente com o chamado e a criação, ou seja, por vezes, não aponta sua vida para o futuro e esse, em Deus, mas há um fechamento e uma negação do Pai em sua história.

Nem por isso Deus abandona sua criatura. Pelo contrário, sustenta uma esperança no futuro da criação. “Deus tem paciência com o seu mundo, porque tem esperança nele. A esperança de Deus manifesta-se na sua

¹⁴⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p.267.

¹⁴⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.213.

¹⁴⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.213.

disposição de suportar o afastamento e o fechamento das suas criaturas em si mesmas”.¹⁴⁹ Entender que Deus tem paciência, que Ele espera e que é capaz de aniquilar-se pela sua criação permite ao ser humano ter uma nova concepção e compreensão de Deus.

Olhar além do horizonte, eis o desafio da humanidade. Num mundo imediatista, voltado para o presente, acaba-se não avistando nada além daquilo que os sentidos concebem. Porém, se fosse assim, jamais os povos poderiam abraçar uma esperança messiânica, já que a situação real das nações é, aos olhos humanos, um desastre e um fracasso. “A verdadeira esperança perscruta além dos horizontes apocalípticos de nosso mundo moderno, vendo a nova criação de todas as coisas no reino da glória de Deus”.¹⁵⁰

Não restam dúvidas de que esse novo modo de encarar e entender as coisas e o mundo permite que nasça em cada fiel e por meio dele uma nova atitude em relação à realidade. Se esta amedronta, confunde em seus princípios, faz enxergar literalmente o mundo criado; o olhar além do horizonte dos sentidos, faz os cristãos fortes e diferentes perante o mundo e a sociedade.

Quem olha para a realidade percebe que ela é marcada por muitas situações, fatos e acontecimentos que extrapolam a compreensão humana. O mundo da aparência, dos fracassos e desilusões, as tragédias e os mistérios abalam qualquer estrutura fundamentada sob os alicerces do mundo sensorial.

A fé e a atitude de crer, inevitavelmente, são abaladas perante fatos que ocorrem com a humanidade e causados por ela. Campos de guerra, destruições em massa, bombas nucleares, mortes de inocentes e mortes injustas: diante disso, como manter viva a fé? Como estruturar a liberdade num mundo conturbado e ameaçado de tantas formas? Não será a humanidade escrava de tantos incidentes que abalam as estruturas humanas e aparentes? Nesta desilusão aparente, brota a esperança, segundo Moltmann, pois “na esperança vemos mais do que aparece à vista, quando olhamos para o futuro

¹⁴⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, p.213.

¹⁵⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*, p.47.

do mundo”.¹⁵¹ Mas para que e de onde surge essa esperança? “Então vislumbramos este nosso mundo consertado e redimido no reino de Deus”.¹⁵²

Há uma mudança significativa e primordial na vida e nas atitudes de quem adere a essa concepção. Não mais se vive sob o prisma do mundo aparente, mas sim na espera da atuação de Deus em favor da humanidade. Não se pode esquecer que a vivência em tal perspectiva cria e forma atitudes que vão na contramão da história. Eis o desafio para aqueles que creem em Deus: assumir a vida numa prospecção de esperança no futuro, em detrimento de um olhar passivo à realidade.

Agimos em consonância com o futuro de Deus, pelo qual esperamos, ainda que isso nos lance na contradição com nossa sociedade. Agimos por necessidade intrínseca, assim como as rosas florescem. As rosas também não perguntam por que e para que florescem – simplesmente o fazem. Assim também acontece na vida a partir da verdadeira esperança.¹⁵³

Viver nessa dimensão é a necessidade para os seres humanos, pois apenas a esperança no futuro pode gerar e manter intacta em cada pessoa a razão última de sua vida e de sua história. Não saber ou não ter a capacidade de avistar além do horizonte destrói qualquer fundamento ou solidez que possa existir a partir de Deus.

O que atrapalha essa compreensão é que a modernidade produziu e criou os fundamentos da sociedade e da vida baseados tão somente no ser humano. Disto surge a afirmação do Papa emérito Bento XVI, ao dizer que “o relativismo é o mal do século”, pois cada um cria sua verdade e não mais há fundamentos que sejam externos à pessoa. As instituições, todas elas, perdem seu valor, por estarem na contramão de um mundo relativista, construído sob o alicerce do *eu*.

Se tudo depender do interesse individual e ele for o parâmetro de toda a realidade, como sustentar a esperança na humanidade? Moltmann quer ajudar ao dizer que a esperança primeira brota de Deus e em Deus e não no ser humano. Muito mais do que esperar, ele é esperado. Muito mais que

¹⁵¹ MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*, p.47.

¹⁵² MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*, p.47.

¹⁵³ MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*, p.47.

querer, ele é querido. Deus, em sua ação bondosa e misericordiosa, ocupa-se primeiramente da sua criatura. Esta compreensão faz mudar por completo o olhar que é lançado sobre a realidade, pois a pessoa não mais se detém diante da realidade presente, mas vislumbra, além do horizonte, a luz que sustenta sua vida e sua história.

A razão última, porém, de nossa esperança nem sequer reside naquilo que queremos, desejamos e esperamos, mas no fato de que somos queridos e desejados e esperados. O que nos espera? Será que realmente nos espera algo ou estamos sozinhos? Sempre que fundamos nossa esperança na confiança do mistério divino, sentimos profundamente em nossos corações: há alguém que nos aguarda, que tem esperança em nós e que confia que somos capazes.¹⁵⁴

Ser esperado, querido e desejado significa ao ser humano ser carregado de dignidade e valorização. Deus, em sua experiência de paciência, aguarda a vinda de sua criatura ao seu encontro. Essa espera gera confiança e esperança ao ser humano. Porém, não se deve perder de vista a esperança no Reino de Deus que é vindouro, ou seja, compreender que ele ainda não está consumado. Não temos a totalidade desse aqui na terra, mas a humanidade já o experimenta, mas ainda matem a dimensão da confiança na promessa. “Reino de Deus significa originariamente reino em promessa, fidelidade e cumprimentos”.¹⁵⁵ Caminhar sob a promessa divina, eis o caminho adotado por aqueles que esperam em Deus.

Portanto, a liberdade como filhos e filhas de Deus é experimentada na capacidade de esperar o Reino vindouro. “A mensagem messiânica a respeito do vindouro reino de Deus não reduz a liberdade humana, mas lhe confere autoridade e a coloca em ‘espaço amplo’”.¹⁵⁶ O reino de Deus é o reino da liberdade. Assim sendo, ela, de fato, só será plena sob a custódia do futuro. É nele que se concentra a possibilidade de uma liberdade autêntica e verdadeira.

Ao contemplar o futuro e nele o Reino de Deus, o cristão percebe que lá se encontra o poder de Deus sobre toda a criação. Ela será livre quando

¹⁵⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*, p.47.

¹⁵⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p.273.

¹⁵⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas* p.139.

Deus for tudo em todos. “O domínio de Deus é o presente de seu reino, e o reino de Deus é o futuro de seu domínio”.¹⁵⁷ No futuro, na implantação do reino de Deus, Ele será aquele que vai dominar sobre todas as criaturas e, enfim, a humanidade gozará da verdadeira e plena libertação.

O que se precisa é que, na humanidade, se reacenda o desejo do futuro. Vive-se num mundo tão voltado para a realidade, para o presente, que a dimensão do futuro, daquilo que vai além do real visível aos olhos, perde seu respectivo valor. Desde os tempos primórdios, a humanidade caminhou sob a força impulsionadora da promessa, ou seja, a peregrinação na história do povo de Deus aconteceu perante a obediência e prontidão frente promissões.

Caminhar em meio às promessas não significa certeza, mas uma atitude de espera diante da confiança em Deus. Jesus viveu a sua libertação e a da humanidade esperando no Pai. O que Ele viveu foi na expectativa da consumação do Reino de Deus, o mesmo que aparentemente fora vencido, mas que, na dinâmica do futuro, mostrou sua vitória. Apostar na fidelidade do Pai diante das promessas permitiu-Lhe viver com confiança mesmo nos momentos tenebrosos de Sua vida. Cristo entendeu que Deus, o Pai, é fiel em seu projeto. “Trata-se de uma vida que é recebida por promessa e está aberta para a promessa”.¹⁵⁸

Desse modo, quer-se afirmar que a liberdade dos filhos e filhas de Deus está relacionada e direcionada para o futuro. A libertação plena acontece apenas na consumação do reino de Deus, o qual é aguardado com total confiança na proposta divina de salvação.

Entende-se que esse reino acontece sob a ação trinitária de Deus. Só O compreendendo na sua dimensão de trindade e a glória como pano de fundo de toda a criação é que se pode assimilar o reino de Deus como futuro e, porque não dizer, liberdade de futuro. Somente na consumação do reino é que a humanidade irá usufruir da plenitude de sua libertação. Por isso, a ressurreição dos mortos de Jesus é o fiel cumprimento das promessas de Deus.

¹⁵⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas* p.141.

¹⁵⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p.273.

Ao libertar o Filho do poder das trevas e da morte, está o Pai abrindo “as portas” para toda a humanidade. Toda a criação espera ansiosamente pela sua libertação, que não acontece no mundo da contradição e dos sofrimentos, como muito bem trata Moltmann, mas no Reino da Glória, para onde está destinado tudo aquilo que brotou das mãos amorosas de Deus Pai, O Criador.

Ligada à esperança e à espera do domínio de Deus está a esperança de que seu povo, os seres humanos e tudo o mais que Ele criou, cheguem à salvação, à paz, à felicidade, à vida, ou, em uma palavra: ao seu verdadeiro destino.¹⁵⁹

Portanto, a liberdade cristã está direcionada, de fato, para a liberdade de futuro. É naquilo que está além do horizonte, é lá que se encontra o verdadeiro destino dos seres humanos e de toda a criação. Sustentados pela fidelidade de Deus enquanto Pai, os homens e mulheres vivem a profunda confiança no cumprimento de suas promessas. A maior delas é que seja a humanidade livre de tudo aquilo que a impede de ser verdadeiramente sinal de Deus, pois toda criação foi concebida para a glória, para a liberdade e para a salvação.

O futuro acende na humanidade a atitude de uma profunda esperança. Não é uma esperança qualquer, mas aquela que nasce enraizada e sedimentada na ressurreição de Jesus dos mortos, e que se abre a todos os que acreditam e os que confiam em Seu amor. A ação bondosa e amorosa do Pai em favor de Cristo estende-se para todos os filhos e filhas, portanto, todos serão agraciados pela ação do Espírito que liberta da escravidão e da morte e que conduz à vida. “O senhorio de Deus assume assim a forma concreta do evento da ressuscitação do crucificado”.¹⁶⁰

Deus mostra e manifesta sua força na fraqueza e na impotência, onde a força do mal parecia ter vencido, ou seja, no crucificado. Ali Ele revela todo seu poder e senhorio, que há de transformar a vida humana, marcada pelas contingências do tempo presente, em libertação plena no futuro do Reino de Deus, o Reino da Glória.

¹⁵⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p.273.

¹⁶⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p.279.

A partir disso, compreende-se Deus como aquele que cria para salvar. E, nessa perspectiva, no futuro concentra-se toda a esperança humana, isto é, num Deus que veio para salvar a humanidade e para o além dispõe a libertação a todos os homens e mulheres. Diante disso, surge a missão e contrapartida dos cristãos, que vão buscar viver a sua vida para a liberdade.

3.4 VIVER PARA A LIBERDADE

No capítulo II, foi abordada a vida nova que brota da obra de Jesus Cristo. Todos foram resgatados e chamados a uma vida nova pela ação do Espírito de Deus, o mesmo que ressuscitou Jesus e que é enviado sobre a humanidade para trazer a liberdade a todos. Como dizia Paulo: “Onde reina o espírito do Senhor, ali reina a liberdade”. (2 Cor 3,17)

Deixar-se mover e conduzir pelo Espírito de Deus significa assumir uma vida em busca do processo de libertação. Este encarna a vida própria de Jesus. Ele é, para toda a humanidade, modelo de um homem radicalmente livre, cuja liberdade brota da total confiança em Deus, o seu Pai.

Viver para a liberdade, como sugere o título desta seção, encontra-se n’Aquele que é o portador por excelência do Espírito de Deus, Jesus de Nazaré. N’Ele encontra-se a plenitude do Espírito ou “quenose do Espírito”, pois ele desce e se concentra em uma pessoa concreta.

Segundo a fé cristã, o prometido portador do Espírito, o salvador, sobre o qual descansa o Espírito de Deus, não precisa mais ser procurado num lugar indeterminado. A fé cristã vê uma multiplicidade de diferentes testemunhos convergir no fato de Jesus de Nazaré ser esse prometido portador do Espírito.¹⁶¹

Entende-se, a partir disso, como a vida de Jesus é modelo para todos aqueles que querem alcançar a verdadeira liberdade, desde sua origem, pois é fruto desse Espírito. O nascimento, o batismo e suas características revelam o quanto Ele é portador desse dom divino, o mesmo que é derramado sobre *toda carne*, para trazer vida e libertação ao ser humano. Toda a sua vida é sinal de alguém que lutou pela instauração do Reino de Deus, reinado de paz, justiça e verdade.

¹⁶¹ WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*, p.157.

A pregação de Jesus sobre o Reino de Deus e sua morte na cruz relacionam-se de várias maneiras com a promessa do portador do espírito, do eleito por Deus, que visa a conquistar a lealdade universal exatamente pela recusa de formas políticas de imposição de si mesmo, sim, por um silêncio e sofrimento publicamente qualificados.¹⁶²

O viver a liberdade ou para a liberdade é constantemente renovar em sua vida o projeto de Jesus. Sendo para a humanidade protótipo de *homem livre*, Ele torna-se a referência a todos os homens e mulheres. Para tal situação, a atitude mais coerente é sair de sua condição apenas humana, para uma situação de abertura ao divino. Uma imagem muito comum que pode ser usada é a do “êxodo”, a saída de um lugar para outro. Neste caso, representa a transcendência de sua condição, ou seja, a saída de si mesmo para outra realidade.

Sair de si mesmo significa fazer o que o próprio Jesus fez em toda sua caminhada. Cristo sempre viveu em função do próximo, e, desde o seu nascimento, houve por Ele e n’Ele um verdadeiro êxodo. A *quênosis* na encarnação é um exemplo visível desse *sair*, o que Paulo recorda no hino aos Filipenses: “Ele, apesar de sua condição divina não fez alarde de ser igual a Deus, mas esvaziou-se de si e tomou condição de escravo, fazendo-se semelhante aos homens”. (Fl 2,6-7)

Assim como há uma *quênose* do filho, acontece a do Espírito Santo. Ele desce, sai de Deus, e vem habitar no meio da humanidade e dentro dela, para ser socorro em meio às fraquezas. Nesse êxodo constante de Deus em favor da humanidade – e que pode ser visualizado em toda a história do povo de Deus –, há o convite para a saída permanente do ser humano de si mesmo. Eis o caminho do verdadeiro autoconhecimento por parte da humanidade.

Assim, à semelhança do êxodo e da saída constante e contínua do próprio Deus de si mesmo, e contemplando e experimentando o próprio Filho e o próprio Espírito que saem da inefabilidade da comunhão intratrinitária em direção ao mundo e à humanidade, o ser humano passa a ser e autocompreender-se, perpetuamente, como

¹⁶² WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*, p.157.

um peregrino, não se encontrando em si mesmo, mas apenas fora de si mesmo, no outro, nos outros.¹⁶³

Há uma nova vida, um jeito novo de viver o peregrinar por esta terra. O ser humano tem sua vida alterada interna e externamente. Neste viver no outro e para o outro, segundo Moltmann, encontra-se a libertação humana. A liberdade passa por esta abertura constante, seja para o outro ou para o futuro, no qual, em Deus encontra-se a plena liberdade.

Viver na liberdade é viver em Deus, o verdadeiramente Outro. O relato bíblico da criação, quando da queda pelo pecado original, traz a pergunta que coloca o ser humano diante de Deus: “Onde estás?” (Gn 3,9). Esta indagação mostra o ser humano longe da sua identidade, fora de sua liberdade, pois não está mais no paraíso, o mundo da liberdade em Deus, mas se encontra desprovido da graça que recebera desde o início, pela criação.

Sair de si mesmo é colocar-se numa atitude de possível libertação, pois o *sair* revela *abrir-se*: abrir-se ao novo, ao desconhecido, àquilo que não está visível e palpável aos nossos sentidos, ou seja, “caminhar sempre rumo ao desconhecido e abrir-se para ser, por sua vez, invadido pelo desconhecido”.¹⁶⁴ Foram assim as grandes experiências do povo peregrino nesta terra. Basta acompanhar alguns exemplos: Abraão, o chamado *pai da fé*; o povo conduzido para a terra prometida, desde a escravidão do Egito e Jesus, aquele que viveu a intensidade plena em vista da liberdade, não somente a Sua, mas de toda a humanidade.

Essa é a liberdade que interessa. Em Jesus o ser humano se encontra e se espelha, em vista de uma libertação plena. “A liberdade que Jesus experimentava chegava às próprias raízes do seu ser. Era a liberdade pela qual ele desafiava os seus discípulos a lutar, e é a liberdade que nos desafia hoje, nesta época em que nos encontramos á beira do caos”.¹⁶⁵

O desejo de ser livre que motivava e impulsionava Jesus, fruto do Espírito Santo, sempre foi destinado ao para o outro. Capaz de desestruturar

¹⁶³ BINGEMER, Maria Clara L. e FELLER, Vitor Galdino. *Deus Trindade: A vida no coração do mundo*, p.108.

¹⁶⁴ BINGEMER, Maria Clara L. e FELLER, Vitor Galdino. *Deus Trindade: A vida no coração do mundo*, p.108.

¹⁶⁵ NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*, p. 253.

qualquer realidade, Ele desafiou a humanidade a abraçar a mesma causa, colocando o ser humano na rota de viver pelo próximo, em torno da espiritualidade que brota da vida e da ação de Jesus. Por isso, no horizonte de sua história está a vontade de Deus, não o querer pessoal ou simplesmente humana.

As pessoas determinadas pelo Espírito cumprem a vontade de Deus, elas correspondem sem coerção às intenções da boa lei de Deus, sem fixação receosa na 'letra', sem fixação nas obras e realizações próprias ou de outras pessoas.¹⁶⁶

É próprio do Espírito de Deus que a letra da lei esteja em segundo plano. A vontade divina é primordial nessa relação entre o ser humano e a prática da lei. Esta, para Paulo, é morta, uma vez que é a graça do Pai que liberta e salva. Viver sob o jugo da lei é escravidão, mas sob a graça é o sinal de verdadeira liberdade. Embora não se viva sem normas, os cristãos devem obedecer à que é dada pelo Espírito de Deus. Mas qual é a lei vinculada aos cristãos, aqueles nos quais habita o Espírito de Deus? “A liberdade proveniente do amor”.¹⁶⁷

Essa norma é o caminho da libertação. A liberdade que vem do amor é a condição de vivência dos cristãos, daqueles que vivem sob a ação do Espírito. “Essas pessoas agem de acordo com a vontade de Deus no amor, que fortalece os semelhantes por meio de livre autorrestrainto”.¹⁶⁸ O abrir-se ou retrain-se são atitudes daquele que se deixa conduzir sob a ação e a força do Espírito.

O cuidado que deve ser tomado é a perseverança na liberdade. Viver para ela é uma construção, um processo que, necessariamente, precisa ser renovado constantemente. O compromisso em viver a vida nesta perspectiva é o apelo que Paulo já fazia ao povo da Galácia, depois de sua pregação em vista da liberdade humana. “Cristo nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres. Portanto, fiquem firmes e não se submetam de novo ao jugo da escravidão”. (Gl 5,1)

¹⁶⁶ WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*, p.216.

¹⁶⁷ BINGEMER, Maria Clara L. e FELLER, Vitor Galdino. *Deus Trindade: Vida no coração do mundo*, p.110.

¹⁶⁸ WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*, p.216.

O povo cristão, que assume o compromisso e a causa de Jesus, encontra n'Ele alguém que viveu a vontade de Deus, isto é, a liberdade proveniente do amor, em vista do Reino de Deus. A vivência pelos mais simples e pobres, como sinais do Reino e como prediletos de Deus, mostra e revela toda a capacidade de Jesus viver sua liberdade. N'Ele, a humanidade espelha-se, confronta-se para que possa existir sob a lei do amor e não sob o jugo da escravidão.

Há seguidamente a tentação de voltar atrás no caminho, retroceder no empreendimento do projeto, pois o seguir caminho, necessariamente, exige coragem e comprometimento. O compromisso que Jesus assumiu diante do Reino de Deus e sua justiça fez d'Ele o homem *do escândalo* para todos os presos à lei e ao seu cumprimento como condição de justo diante de Deus.

Jesus era assombrosamente livre. Ele era capaz de contradizer declaradamente as idéias, costumes e normas culturais da sociedade em que vivia. Jesus interpretava as leis, sobretudo as leis que se referiam ao sábado, com toda a liberdade, e era suficientemente ousado para suplantar todas as tradições sagradas acerca do puro e do impuro. No âmbito dessa sociedade e da sua religião, Jesus não tinha autoridade alguma para fazer isso. O que ele tinha era a liberdade pessoal de fazer a vontade de Deus sem preocupar-se com aquilo que as outras pessoas pensavam ou diziam.¹⁶⁹

A intensidade de Sua liberdade torna-se caminho para os Seus seguidores. Os que aderem ao projeto de Deus são chamados a viver na mesma dinâmica. Assumir a condição colocada por Jesus – “quem quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e segue-me” (Lc 9,23; Mc 8,34) – significa comprometer-se com coragem a Seu apelo. Segundo Comblin¹⁷⁰, a coragem é condição para assumir o caminho de libertação e, conseqüentemente, chegar à liberdade.

Por isso, percebe-se na cruz o grande modelo de liberdade. Lá, o homem Jesus assumiu em plenitude o seu ser livre, disposto a fazer a vontade do Pai e, ao mesmo tempo, revelando a profunda confiança nas suas promessas. Viver pelo Espírito e demonstrar sua presença no meio da

¹⁶⁹ NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*, p.253.

¹⁷⁰ “À medida que a gente vai acumulando experiências na vida, torna-se mais evidente que o grande obstáculo à liberdade é a covardia, a falta de coragem para assumir as próprias responsabilidades...a liberdade revela-se nas horas cruciais do risco, da insegurança”. (COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p.246-247).

humanidade passam, inevitavelmente, pela liberdade. “O sinal da presença do Espírito é a liberdade humana”.¹⁷¹

A liberdade plena precisa que haja uma confiança tal que nada impeça ou se torne limite para as pessoas. A *escandalosa* liberdade de Jesus passa pela sua confiança total no seu Pai. “A sua liberdade não tinha limites, porque sua confiança em Deus também era ilimitada”.¹⁷² Portanto, a libertação de cada um dos homens e mulheres necessita de uma confiança sem limites. A pessoa confia e, por tal realidade, torna-se capaz de enfrentar, de lutar, de buscar novos caminhos e novas estruturas e de se entregar sem reservas, sem temer ou apegar-se a nada.

No mundo moderno, buscam-se diversas referências, modelos para a vida pessoal e até mesmo para espiritual. Não seria o momento de o ser humano voltar o olhar mais para Jesus, como modelo de espiritualidade intensa, sincera, autêntica e livre? “A liberdade interior que aprendemos de Jesus permite-nos amar sem reservas, aceitando-nos tal como somos e aceitando todos os outros seres humanos – incluindo nossos inimigos – tal como eles são”.¹⁷³

Não restam dúvidas de que sempre, em todos os tempos da história, os modelos e exemplos foram e são importantes para a vida de cada pessoa. No outro, há o seu espelho: A formação da identidade do *eu* passa pelo conhecimento e pelo o confronto de outrem com a realidade particular de cada um. Contudo, não se pode esquecer de que o grande modelo à humanidade não deve estar em nenhum ser humano, mas sim em Jesus, em primeiro lugar. A Sua vida, o Seu jeito, a Sua liberdade, abertura e confiança total no Pai são as condições que fazem cada um viver a sua vida e sua história.

A base da liberdade radical é a confiança. Nós nos tornamos livres à medida que vamos aprendendo a apreciar o amor de Deus por nós, que nos leva a render-nos e a colocar toda a nossa confiança em Deus. A confiança em Deus permite-nos uma abertura de espírito destemida, e ser livres para explorar novas vias de pensamento, não ortodoxas.¹⁷⁴

¹⁷¹ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p.248.

¹⁷² NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*, p.254.

¹⁷³ NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*, p.255.

¹⁷⁴ NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*, p.255.

Confiar em outrem e entregar-se a sua vontade são sinais de uma pessoa que está no caminho da libertação. O espírito move os corações para tal realidade, mas essa libertação exige também comprometimento e compromisso. Se em Gl 5,1 Paulo diz que foi para a liberdade que Jesus libertou o ser humano, não pode ele recair na condição de escravo, mas viver movido pelo Espírito de Deus, que mantém e sustenta a liberdade de cada um.

Surgem novas realidades na ação do Espírito. As estruturas de morte e injustiça são derrubadas e as leis, colocadas em segundo plano. O que conta desse instante é o amor, que é a lei por excelência. Portanto, quem ama vive a liberdade. É livre quem é capaz de entrar na lógica do amor. No caminho para Jerusalém, Jesus se transfigura diante dos discípulos para mostrar-lhes para onde apontava o caminho. A transfiguração foi sinal de que a vitória final seria da vida e da ressurreição e não da morte definitiva do crucificado. O bem venceria o mal.

Quem se deixa conduzir e vive pelo Espírito cria nova configuração. A novidade está em a pessoa se configurar segundo Cristo, aquele que é modelo de liberdade. “Sendo transformado pelo Espírito de vida e santidade, o cristão vai sendo cada vez mais con-formado a Jesus Cristo”.¹⁷⁵

Nesse estilo de vida, em que se encontra e se compreende a partir de e em Jesus, o cristão vai tomando novos rumos na sua história. Viver para a liberdade é não mais agir segundo a carne, a qual é símbolo do mundo e do pecado. Se a liberdade brota da confiança em Deus, o pecado, segundo Moltmann, é a perturbação da confiança e o absolutizar das coisas criadas. É colocar a criatura acima do criador.

Quem se afasta do Deus vivo e confia nas coisas criadas endeusa estas coisas criadas e a si próprio, e com isto as destrói, como se destrói também a si mesmo. O pecado, assim poderíamos continuar nossa interpretação, é uma perturbação da confiança em Deus, e um amor de Deus fracassado. Em lugar de voltar-se para Deus, a confiança se dirige para coisas que não são divinas e as transforma em ídolos.¹⁷⁶

¹⁷⁵ BINGEMER, Maria Clara L. e FELLER, Vitor Galdino. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*, p.110.

¹⁷⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.90.

Viver para a liberdade é, então, nesta perspectiva, voltar-se para Deus e não para as criaturas. Remete-nos ao pecado original, no qual a criatura tomou o lugar do Criador. Os cristãos, enquanto seres humanos, caminham na confiança em Deus, que se torna penhor de liberdade para eles. Se liberdade é confiar em Deus, o contrário é o caminho à escravidão. Paulo insiste muito nisso quando do confronto entre *espírito* e *carne*.

No capítulo II, já se mencionou o viver segundo o espírito, e não segundo a carne, como sinal da liberdade trazida por Jesus. A liberdade é uma vocação, um chamado, um apelo de Deus para todos os homens e mulheres. “Essa vocação para a liberdade é a experiência fundamental, constitutiva do ser humano”.¹⁷⁷

Portanto, não se pode viver mais a vida a partir da ideia da carne, que está atrelada ao pecado. Se Jesus, exatamente, libertou o ser humano do pecado para que fosse plenamente livre, voltar à condição anterior é um retrocesso, pois ele foi resgatado da morte e do pecado para a vida e logo, para a liberdade.

Viver segundo a carne vai de encontro à liberdade. As imagens que giram em torno da compreensão da carne revelam o quanto este mundo não é capaz de gerar libertação plena, muito ao contrário, conduz para o caminho da morte, isto é, a negação da vida.

É a esfera do mundo criado. A carne é finita, frágil e passageira. ‘Toda carne’ pode significar ‘qualquer um’ e também ‘todo ser vivo’, que quer a vida e, no entanto, não escapa à morte. Referida à eternidade de Deus, ‘carne’ é o mundo das criaturas finitas e de sua transitoriedade. Quem confia na carne é abandonado por Deus. Este há de passar, assim como passa a carne em que ele deposita sua confiança.¹⁷⁸

Reitere-se, assim, que a liberdade é uma experiência de confiança. Quem sabe e aprende a confiar em Deus faz a experiência de ser livre. Contudo, quem se entrega aos poderes e desejos da carne, não vive para a libertação, mas para o nada, ou seja, a morte. Na ótica mundana e da carne, o

¹⁷⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p.241.

¹⁷⁸ MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, p.90-91.

fim do corpo físico é a maior experiência da aniquilação plena, isto é, do nada existencial. Como diz o Salmo 90, “os homens, juntamente com toda a criação terrena, estão sujeitos ao nada”. Deus não quer o nada do ser humano, Ele chama à vida. Por isso, a existência de toda pessoa deve ir ao encontro da liberdade, sinal de vida e vida plena. É a verdadeira vocação humana, que brota do chamado divino.

Contudo, constantemente, o ser humano é tentado a abandonar a lógica do espírito e a cair *na vida da carne*, ou seja, da liberdade, migra para o mundo escravo, do qual foi tirado por Jesus, pela ação do Espírito. Viver nessa dinâmica é viver imerso no pecado e para a morte.

O ser humano que está sob o domínio da carne, submissa ao pecado, e sob o poder da ‘lei do mundo’ é pessoa entregue de maneira indefesa ao ser-para-a-morte, incapacitado para o autorretraimento, para o amor e a experiência de paz, e que necessita lutar de forma intermitente pela autoconservação e contra o esvaziamento da força de vida.¹⁷⁹

A vida da carne e do pecado é para a morte. Não é essa a vocação fundamental da existência do ser humano : ele não é chamado à morte, mas sim à vida. Não à escravidão, mas à liberdade. “A carne mesma é, em si, impotente; seu poder, em verdade, só lhe é conferido pelo pecado. Enquanto o carnal estiver sob o poder do pecado, não pode, por si próprio, ganhar nenhuma liberdade”.¹⁸⁰

Não se pode sonhar com a liberdade enquanto se viver sob a força da carne. Nesta perspectiva, não há vida verdadeira, pois esta é aquela que preza, busca e se volta para a liberdade. “Viver na carne é viver falsamente; é vida falha, vida que não pode sustentar-se e que leva à morte”.¹⁸¹ Adotando essa ideia de Moltmann, percebe-se o quanto o mundo atual está produzindo falsas compreensões de vida e liberdade às pessoas pós-modernas.

A escala de valores criada e incentivada pela pós-modernidade, em vez de libertar o ser humano, torna-o cada vez mais escravo de si mesmo e de suas paixões. A vida plena não se encontra nos “prazeres da carne”, mas na

¹⁷⁹ WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*, p.217.

¹⁸⁰ WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*, p.218.

¹⁸¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.91.

vivência do espírito. “Viver no espírito, pelo contrário, é vida verdadeira, é a vida que brota da fonte divina e que leva à ressurreição”.¹⁸²

Como é possível manter o ser humano na rota da libertação e não da escravidão? Como conceber a vida humana diante de um paradoxo moderno, no qual se presencia desenvolvimento e progresso sempre maiores, contudo, pessoas cada vez mais escravas do mundo e de si mesmo? Se a liberdade plena significa abertura para o futuro, é possível encontrar liberdade plena na terra?

Welker, estudioso de Moltmann, entende que o espírito não é força que aniquila, que destrói e corrói, pelo contrário, é ele que traz a vida e a força ao ser humano. “Ele é um poder que liberta a vida na carne do poder do pecado, de estar entregue à inútil tentativa de impor-se e manter-se por meio de ‘autopotencialização’ orientada em si mesma”.¹⁸³

Todos os questionamentos feitos acima têm suas respostas a partir do Espírito. Por ele, a vida é conduzida para a libertação plena. A carne tenta em si potencializar aquilo que ela não pode dar à humanidade, ou seja, a plenitude da existência humana. Nela, não existe capacidade suficiente para dar o verdadeiro sentido à história humana, pois ela, em si mesma, está destinada à morte.

Aprender a viver para o outro: esse é o caminho da verdadeira liberdade. A liberdade cristã tem seu sentido na abertura à vida, que está colocada no outro e para o outro. Viver não para si, mas em vista do próximo, é sinal de amadurecimento na vida de fé e no seguimento a Jesus, o *libertador*, pois foi dessa maneira que Ele viveu a intensidade de sua vida e de sua liberdade. Desde a encarnação, Jesus é conduzido pelo Espírito. No batismo a efusão do Espírito confirma a sua divindade, assim como Ele mesmo se autoproclama na Sinagoga. Portanto, Ele é o portador por excelência e, como tal, modelo a ser seguido em vista da liberdade plena.

“As pessoas determinadas pelo Espírito ganham uma liberdade que cria liberdade para outras pessoas e que é o contrário das autolimitações e autodeformações neuróticas, estereotípicas e internalizadas”.¹⁸⁴ Assim sendo,

¹⁸² MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p.91.

¹⁸³ WELKER, Michael. *Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*, p.218.

¹⁸⁴ WELKER, Michael. *Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*, p.219.

fica evidente que a libertação passa necessariamente pela ação do Espírito. Portanto, quem quiser viver para a liberdade – e esta é a missão dos cristãos, pois foi para esta que Cristo os libertou – deve fazê-lo mediante a força e ação do Espírito de Deus.

Por isso, o importante de tudo é que se possa aprender a fazer aquilo que Jesus fez, motivado e impulsionado pelo Espírito, ou seja, viver para os outros, pois aí se encontra aquilo que sempre foi seu grande projeto, viver para fazer a vontade do Pai. Quando os seres humanos forem capazes de não pensar e importar-se apenas consigo mesmos, mas sim com a vida e a abertura para o outro, serão verdadeiramente livres, pois o verdadeiramente Outro, Deus, é o horizonte para onde aponta a vida, em busca de libertação autêntica e plena. O que, de fato, tem sentido para todos é aquilo que importou tão somente para Jesus, ou seja, fazer a vontade do Pai.

CONCLUSÃO

No presente trabalho, conforme a proposta trazida na introdução, buscou-se a compreensão mais detalhada da verdadeira liberdade cristã. Baseado em Jürgen Moltmann, como principal referência dessa busca, entende-se que é possível encontrar uma ideia mais concisa e real sobre a libertação humana.

A questão levantada na introdução, como um problema a ser resolvido pelos contemporâneos, nos faz olhar com muito carinho para esse tema. Criou-se um grande dilema para a sociedade atual, pois ela tem um tema muito próximo, ligado intimamente a sua realidade, todavia não consegue definir e delimitar aquilo que isso significa na sua essência.

O tema da liberdade não é um assunto qualquer ou apenas mais um na atualidade. Podemos, inclusive, afirmar que em todas as instâncias, direta ou indiretamente, é a temática que envolve o ser humano. Desse modo, exige de nós respostas que possam dar a ela, a liberdade, um rumo que torne, de fato, o ser humano livre, e não escravo de suas ideias, paixões e modismos, pois um dos sinais mais nítidos da escravidão hodierna, é a hipervalorização da moda, seja em qualquer área que o ser humano se encontre.

Com isso, após realizar essa pesquisa em vista de uma maior compreensão da liberdade humana, conclui-se que ela torna-se autêntica quando está ligada à dimensão cristã da existência. Ao nos depararmos com esse tema, percebe-se que ele é, de fato, muito pertinente na atualidade, já que é o grande objetivo traçado desde a modernidade.

A liberdade sempre foi um aspecto visado pelos homens. Desde as origens da humanidade, o ser humano busca essa qualidade que é própria dos homens e das mulheres. Por ser racional, pela capacidade de opção, e não simplesmente um instinto que o faz agir por impulso, o ser humano é alguém livre em potência. Isto significa que na origem das possibilidades humanas, encontra-se a potencialidade do ser livre.

Por mais que a modernidade e, sobretudo, a pós-modernidade, tenham colocado como centro de suas opções e buscas a liberdade plena da humanidade, constata-se que aquilo que se entende, compreende e afirma como plenitude da libertação, não condiz com a realidade humana.

A sociedade pós-moderna, ou chamada de *hipermoderna*, define, ou pelo menos tenta impor seu pensamento, afirmando que a liberdade total consiste na capacidade de autoafirmação de cada pessoa, pois ela se torna o centro e o ápice de toda caminhada histórica. Tudo visa e intenta a busca ilimitada da liberdade humana.

O questionamento central de toda essa busca é: “*o que significa ser livre?*” De fato, a história, com seus textos e contextos, trouxe variadas definições. Em diferentes momentos e períodos históricos, a partir de inúmeros pensadores, compreendeu-se de modos e formas diferenciadas a referida questão. Contudo, é inegável que este seja um assunto muito próprio para os nossos dias, pois de uma forma sempre mais incisiva, ele vai tomando conta de nossas reflexões, projetos e objetivos.

A sociedade hodierna traça um perfil de ser humano moderno, atual e de certo modo, “realizado”. A realização humana está reservada àqueles que conseguem inserir-se neste estilo criado e sustentado pela sociedade contemporânea. Há um protótipo de pessoa, perfeitamente traçado pelos meios sociais e a mídia, eles que são os principais propagadores e defensores das ideias ligadas ao ser humano.

Por que isso? Por que o homem e a mulher de hoje são tão visados pela sociedade? Porque as inovações, as novidades e as constantes transformações, sempre são vistas e propostas em favor deles. Tudo passa pelo eu, o *ego* é superexaltado, e pode-se afirmar que o que não seja útil para eles, torna-se obsoleto e plausível de eliminação.

Deste modo, o que é preocupante a partir da presente reflexão e deste jeito de compreender o assunto proposto, ou seja, a liberdade plena, é o fator de que as ideias sustentadas pelos diferentes meios em vista do mesmo fim, acabam não libertando. Elas escravizam, tornando os homens e as mulheres escravos de suas paixões e de seus ideais.

Por isso, Moltmann afirma que existem três tipos de liberdade: a de domínio, comunhão e de futuro. Quando ele aponta o aspecto essencial de cada um, acaba mostrando que a primeira não é libertadora, e sim opressora. Ela é apenas caminho de libertação para os que têm o poder em suas mãos. Os que estão sob o jugo do poder de outrem, não possuem a capacidade de serem livres, pois são dominados e oprimidos pela autoridade vigente.

A comunhão, como caminho de libertação humana, revela que somos iguais e que a atitude de abertura para o outro liberta. Viver para outro significa colocá-lo em primeiro plano e, a partir disso, rompe-se a “cadeia” do individualismo que se cria a partir do *eu*. Perante essa definição buscada por Moltmann, afirma-se que há uma compreensão equivocada sobre a liberdade nos dias atuais. Pode-se sugerir que a modernidade não liberta, mas escraviza. A escravidão hodierna é ligada às paixões desordenadas, às buscas desmesuradas de prazer, sensações e de momentos fortes de emoção. Não é o individualismo exacerbado que é sinal de liberdade pessoal, mas sim a vida colocada a serviço do outro.

Sente-se uma dificuldade muito grande em captar essa mensagem e esse aspecto, isto é, a abertura para o próximo como caminho de libertação. Num mundo que exige, pede recompensas, cobra a incessante experiência pessoal, seja emocional, prazerosa, torna-se difícil essa recompensa imaginada como doação aos irmãos. É preciso conciliar essa compreensão, ou seja, a partir de Moltmann, entendermos que a vida doada é caminho de libertação e, como tal, caminho de felicidade.

Como vimos, no transcorrer do trabalho, o modelo a ser contemplado é a pessoa concreta de Jesus. A sua radical liberdade está posta no sentido de que viveu toda sua vida em prol dos irmãos, muito especialmente os necessitados e excluídos. Pode-se concluir que a vida do homem de Nazaré sempre foi colocada em atitude de serviço para com o próximo. Tudo isso animado pelo Espírito de Deus, pois a ação e a força do espírito os tornam verdadeiramente livres, pois Ele não aprisiona ou oprime, mas liberta de todas as amarras que possam impedir a autêntica e plena dignidade, isto é, ser livre, pois como diz Paulo: “foi para a liberdade que Cristo nos libertou”. (Gl 5,1).

Todavia, por mais que a comunhão seja fruto desta ação do espírito e, além disso, um sinal desta libertação oferecida por Deus, em Jesus Cristo, a plenitude mesmo está no aspecto do futuro. A verdadeira liberdade é a cristã; e esta só acontece na plenitude do Reino de Deus, o qual foi instaurado por Jesus em sua vida terrena, mas se plenifica na consumação dos tempos, quando Deus for tudo em todos.

Viver a vida impulsionado pelo ânimo que emana do Espírito de Deus, é caminhar numa dinâmica de espiritualidade. Ele transforma, liberta, dinamiza

a vida humana. Toda a ação de Jesus é libertadora, pois as curas, milagres, o perdão dos pecados e a Sua pregação trouxeram de volta ao convívio humano, reinsertaram na sociedade os que a “lei” e até mesmo a religião vazia dos fariseus haviam excluído.

Desta forma, é possível afirmar que a liberdade dos seres humanos, real e autêntica, está condicionada ao impulso do Espírito Santo, que rompe as amarras que impedem a plena dignidade humana. Ser digno é viver sobre o prisma de libertado e não de escravo, pois o Reino de Deus só acontece onde o ser humano é concebido em sua natureza, ou seja, como filho e filha de Deus, libertos da escravidão do pecado e renascidos para a vida nova em Cristo.

Portanto, Moltmann mostra que a grande libertação humana, está colocada na perspectiva da ressurreição, evento que abre todas as possibilidades ao ser humano. O Espírito “arranca” todas as amarras que impedem a humanidade de ser livre e, desse modo, confirma-se aquilo que Paulo define em sua teologia: “onde está o espírito do Senhor, ali reina a liberdade”.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. A Bíblia do Peregrino. Ed. de estudo, São Paulo: Paulus, 1997

BINGEMER, Maria Clara L. Feller, Vitor Galdino. *Deus Trindade: A vida no coração do mundo*. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Livros básicos de teologia; 6).

COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965 – Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org. Geral). *Compêndio do Vaticano II*, ed. São Paulo: Paulus, São Paulo.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986

CROATTO, Severino. *Êxodo: uma hermêutica da liberdade*. Trad: J. Américo de Assis Coutinho. São Paulo: Paulinas, 1981 (Coleção “Libertação e Teologia”).

FABRIS, Rinaldo. *Paulo: apóstolo dos gentios*. Trad: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus e Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. Trad: Luiz João Gaio, São Paulo: Paulinas, 1985. (Col. teologia hoje).

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Jesus Cristo, nosso Redentor*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. Trad. Paulinas – Lisboa, 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção teologia no espírito)

MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. Trad: Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Trad: Ilson Kayser, Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Trad: Carlos Almeida Pereira, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. Helmuth Alfredo Simon, 3 ed. São Paulo, Loyola, 2005.

_____. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Trad: Ivo Martinazzo, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MONDIN, Batista. *Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. Trad: J. Renard. 17 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Trad. José Augusto da Silva, São Paulo: Santuário, 2001. (Coleção teológica; 5).

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. Trad: Uwe Węgner. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.

WÉNIN, André. *O homem bíblico: leituras do primeiro testamento*. Trad. Maurilo D. Sampaio, São Paulo: Loyola, 2006

ZILLES, Urbano. *A crítica da religião*. 1 ed. Porto Alegre, Est Edições, 2009

_____. *Gabriel Marcel e o Existencialismo*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS: 1995. (Coleção FILOSOFIA, 31)